

## **MODULO VI**

# **MODELOS DE ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA: ESPECIFISMO**

### **Curso 13: “Especifismo” Clássico: Coletivismo e Anarco-Comunismo**

- Mikhail Bakunin. “Tática e Disciplina do Partido Revolucionário”.
- Errico Malatesta “A Organização I” / “A Organização II”
- Luigi Fabbri. “A Organização Anarquista – Excertos”.
- Camillo Berneri. “Consciência de Partido”

### **Curso 14: Plataforma e Plataformismo**

- Dielo Truda. “Plataforma Organizacional”.
- COPOAG. “A Plataforma Anarquista”.

### **Curso 15: O Organizacionismo no Brasil**

- José Oiticica. “Críticas e Proposições Organizacionistas”.
- Neno Vasco. “Organizacionismo Anarquista”.

### **Curso 16: O Especifismo do Uruguai e do Brasil**

- Dicionário da Anarkia. “Especifismo”.
- FARJ. “Especifismo”.
- Adam Weaver. “Especifismo: a práxis anarquista de construir movimentos populares e organizações revolucionárias na América do Sul”.
- FAU. “A Organização Política Anarquista”.
- FAG. “Aspectos Básicos da Organização Política”.
- FAG (org.). “Elementos da Organização Específica Anarquista”.
- FARJ. “Círculos Concêntricos”.

## **CURSO 13**

# **“ESPECIFISMO” CLÁSSICO: COLETIVISMO E ANARCO-COMUNISMO**

# TÁTICA E DISCIPLINA DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

**Mikhail Bakunin**

Imitemos um pouco a sabedoria de nossos adversários. Vejam, todos os governos têm na boca a palavra liberdade, enquanto seus atos são reacionários. Que as autoridades revolucionárias não façam mais frases, mas, usando uma linguagem mais moderada, a mais pacífica possível, *façam* a revolução.

É totalmente o inverso do que as autoridades revolucionárias, em todos os países, fizeram até hoje: elas foram a maior parte das vezes excessivamente enérgicas e revolucionárias em sua linguagem e muito moderadas, para não dizer muito reacionárias, em seus atos. Pode-se mesmo dizer que *a energia da linguagem*, a maior parte das vezes, *serviu-lhes de máscara para enganar o povo, para lhe esconder a fraqueza e a incoerência de seus atos*. Há homens, muitos homens, na burguesia supostamente revolucionária que, ao pronunciarem algumas palavras revolucionárias julgam fazer a revolução, e que, depois de as terem pronunciado, julgam-se com o direito de cometer atos de fraqueza, incoerências fatais, atos de pura reação. Nós, que somos revolucionários para valer, fazemos absolutamente o contrário. Falamos pouco de revolução, mas a fazemos. Deixemos por agora a outros o cuidado de desenvolver teoricamente os princípios da revolução social, e contentemos-nos em aplicá-los, em *encarná-los nos fatos*.

Entre os nossos amigos e aliados, os que me conhecem bem talvez fiquem espantados por eu sustentar agora esta linguagem, eu, que fiz tanta teoria, e que me mostrei sempre um guardião zeloso e feroz dos princípios. Ah! É que os tempos mudaram. Então, ainda há um ano, nos preparávamos para a revolução, que esperávamos, uns mais tarde, outros mais cedo, e agora, digam o que disserem os cegos, estamos em plena revolução. Então, era absolutamente necessário sustentar alta a bandeira dos princípios teóricos, expor bem alto estes princípios em toda sua pureza, a fim de formar um partido por pouco numeroso que fosse, mas composto unicamente por homens que estivessem sinceramente, plenamente, apaixonadamente ligados a estes princípios, de modo que cada um, em tempo de crise, pudesse contar com todos os outros. Agora já não se trata de recrutar. Nós conseguimos formar, bem ou mal, um pequeno partido – pequeno em relação ao número de homens que aderem a ele com conhecimento de causa, imenso em relação aos seus aderentes instintivos, em relação às massas populares das quais ele representa as necessidades melhor do que qualquer outro partido. Agora devemos embarcar em conjunto no oceano revolucionário e, doravante, não devemos propagar mais nossos princípios por palavras, mas com *fatos*, pois esta *é a mais popular, a mais poderosa e a mais irresistível das propagandas*. Calemos de vez em quando a política, isto é, quando a nossa impotência momentânea em relação a uma grande força contrária o exija, *mas sejamos sempre implacavelmente conseqüentes nos fatos*. A salvação da revolução está toda neles.

A principal razão porque todas as autoridades revolucionárias de todo o mundo fizeram sempre tão pouca revolução, *é porque elas sempre quiseram fazê-la elas próprias, com a sua autoridade, e com a sua força*, o que nunca deixou [...] de estreitar excessivamente a ação revolucionária, pois é impossível mesmo para a autoridade revolucionária mais inteligente, mais enérgica, mais franca, abraçar ao mesmo tempo muitas questões e interesses, sendo qualquer ditadura, tanto individual como coletiva, enquanto composta por vários personagens oficiais, necessariamente muito limitada, muito cega, e incapaz tanto de penetrar nas profundezas como de abraçar toda a amplitude da vida popular [...].

Então o que devem fazer as autoridades revolucionárias? E trabalhem para que estas existam o menos possível. O que é que elas devem fazer para desenvolver e organizar a revolução? *Elas não devem fazê-la por decretos, nem impô-la às massas, mas provocá-la nas massas. Elas não lhes devem impor uma organização qualquer, mas, suscitando a sua organização autônoma de baixo para cima, trabalhar secretamente, com a ajuda da influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e mais influentes de cada localidade*, para que esta organização esteja o mais próxima possível de nossos princípios. Todo o segredo do nosso triunfo está aí.

Que este trabalho encontre dificuldades, quem pode duvidar disso? Mas quem pensa que a revolução é um jogo de crianças e que se pode fazê-la sem vencer inumeráveis dificuldades? Os revolucionários socialistas dos nossos dias não têm nada ou quase nada a imitar dos processos revolucionários dos jacobinos de 1793. A rotina revolucionária os poria a perder. Eles devem trabalhar no vivo, eles devem criar tudo. [Mikhail Bakunin. “Cartas a um Francês sobre a Crise Atual” (1870). *In: Obras II*. Paris: P. V. Stock, 1895-1913, pp. 225-228.]

\*\*\*\*\*

Não se pense que eu quero impor a causa da anarquia absoluta nos movimentos populares. Tal anarquia não seria outra coisa senão uma ausência completa de pensamento, de objetivo e de conduta comum, e ela deveria conduzir necessariamente a uma impotência comum. Tudo que é viável ou não se produz numa determinada ordem, que lhe é inerente, manifesta-se conforme é. Qualquer revolução popular que não morra ao nascer conformar-se-á em uma ordem que lhe será particular, e sempre reconhecida pelo instinto popular, será determinada pela combinação natural de todas as circunstâncias locais com o objetivo comum que apaixona as massas. Para que esta ordem possa brotar e para que se estabeleça no meio da anarquia de uma sublevação popular, é preciso que ela abrace os povos numa única e grande paixão e que o seu objeto esteja bem determinado.

O ideal de tal insurreição, segundo a minha opinião, realizou-se em uma sublevação de massas dos insurretos da Vendéia; não, sem dúvida, no seu programa, que era excessivamente reacionário. As tropas aguerridas da República, comandadas pelos melhores generais, foram postas em xeque, durante alguns anos, pela *desordem* dos camponeses.

A sublevação popular na Espanha contra Napoleão nos dá outro exemplo. Poder-se-ia ainda citar a do povo russo contra a invasão de Napoleão em 1812. [Mikhail Bakunin. “Manuscrito provavelmente sobre a ‘Questão Revolucionária nos Países Russos e na Polônia’ (1868?). *In: Max Nettlau. The Life of Michael Bakunine. Michael Bakunine, eine Biographie*. Londres: edição privada, 1896-1900, p. 198].

O que torna os movimentos verdadeiramente populares tão fortes é que, produtos de uma grande paixão unânime, seduzem toda a gente, tanto os fracos como os fortes, as mulheres, as crianças, os velhos, assim como os jovens e os homens maduros, pois a própria ausência de qualquer ordem formal e de qualquer regra artificial, imposta por uma autoridade superior, torna possível esta participação ao movimento geral, de todas as idades e de todos os sexos; enquanto que a repressão definitiva das forças populares, constantemente a desaparecer e a renascer, torna-se por isso mesmo quase impossível.

Vimos uma prova surpreendente disso na última insurreição polaca. Foi um movimento anárquico, o *governo nacional* de Varsóvia era muito fraco para contê-lo e para dirigi-lo, o que foi mais uma vantagem do que um inconveniente, pois este governo – que é preciso não confundir com o *Comitê Central* de Varsóvia, que organizou muito bem a conspiração nacional, mas que se dissolveu de fato nos primeiros dias da insurreição e foi substituído pelo governo nacional – tinha um temperamento tão pouco revolucionário, que era muito mais capaz de matar do que manter viva a insurreição

polaca. Todos os membros do Comitê Central, do sistema de concessões e de meias-medidas e não eram sinceramente revolucionários (talvez menos um ou dois) – senão totalmente pelo seu programa, ao qual voltarei mais a frente – pelo menos pela energia da sua fé e da sua vontade. Eram jovens impacientes por começar a luta e que só contavam com a sublevação popular. Eram inimigos, naturalmente, sem nenhuma confiança na diplomacia. Podemos ter certeza, pois, que se eles tivessem se mantido à cabeça do movimento insurrecional, este último teria tomado um caminho mais decisivo. Mas deixando-se arrastar por um sentimento de impaciência, de vaidade juvenil e de heroísmo, e em parte impelidos pelas próprias necessidades de sua difícil posição, deixaram Varsóvia para se porem à cabeça dos bandos revoltados. Morreram quase todos e o seu lugar vago foi ocupado por outros. Estes outros eram revolucionários de futuro, não da véspera, aliás, patriotas decididos, mas moderados, hesitantes e ponderados, que nunca teriam começado uma revolução como a da véspera, que eles diziam impossível, e que, conseqüentemente, não tinham nenhuma das qualidades requeridas para conduzi-la a bom termo.

Estes revolucionários *moderados* censuraram a juventude revolucionária, como uma grande loucura, a sua confiança no povo; esta confiança, nunca a partilharam e por muitas razões [...], eles receavam, até mais do que desejavam, a insurreição polaca. Mas provando a sua incontestável sabedoria por esta *desconfiança legítima* que o povo sempre lhes inspirou, não conseguiram evitar outra loucura – não posso qualificar de outro modo a sua confiança infantil no auxílio da diplomacia. Aliás, eles são suas vítimas; um amigo muito perigoso e muito equívoco da causa polaca, chefe de um Estado, que desde que esta causa existe, não deixou escapar uma ocasião para lhe prestar maus serviços. O Imperador Napoleão III, numa palavra, tendo-lhe sugerido que deviam apoderar-se do movimento nacional, primeiro para paralisar tudo o que havia de verdadeiramente revolucionário e que, acrescentava, seria necessariamente antipático a todos os governos regulares da Europa; mas ao mesmo tempo para fazê-lo prolongar em duração continuando-o como um protesto exclusivamente nacional, a fim de dar à diplomacia o pretexto de intervir a favor da Polônia. Esses homens sensatos, que se apoderaram efetivamente do governo nacional, só seguiram muito fielmente os conselhos de Paris. Eles puseram todas as suas esperanças na intervenção diplomática da França; para agradá-la, para agradar também à Áustria, que durante alguns meses tinha fingido querer associar-se à política da França, fizeram todos os esforços para acalmar, para despopularizar e para abafar a insurreição nacional. Eles só o conseguiram imperfeitamente, graças à sua impotência. [*Ibidem*, pp. 157-158].

\*\*\*\*\*

Se Paris se subleva e triunfa, terá o direito e o dever de proclamar a liquidação completa do Estado político, jurídico, financeiro e administrativo, a bancarrota pública e privada, a destruição de todas as funções, de todos os serviços, de todas as forças do Estado, o incêndio ou o fogo da alegria de todos os papéis e atos públicos ou privados, a fim de que os trabalhadores reunidos em associações, e que terão expropriado todos os instrumentos de trabalho, capitais de qualquer espécie e edifícios, fiquem armados e organizados por ruas e por bairros. Formarão a federação revolucionária de todos os bairros, a comuna diretiva. E esta comuna terá o dever de declarar que não se arroga ao direito de governar e de organizar a França, mas que chama o povo de todas as comunas, tanto da França como do que se chamava até agora o estrangeiro, a seguir o seu exemplo, a fazer, cada uma na sua região, uma revolução tão radical, tão destrutiva para o Estado, para o direito jurídico e para a propriedade privilegiada.

Ela convidará estas comunas, francesas e estrangeiras, depois de ter feito esta revolução, a virem federar-se com ela, quer em Paris quer em qualquer outro ponto que se quiser, para onde enviarão seus delegados para fazer uma organização comum dos serviços e das relações de produção e de troca, organização necessária para estabelecer a carta de igualdade, base de toda a liberdade, carta

totalmente negativa por seu caráter, separando bem o que deve ser abolido presentemente do que são as formas positivas da vida local, que só podem ser criadas pela prática viva de cada localidade. Ao mesmo tempo organizar-se-á uma defesa comum contra os inimigos da Revolução, assim como a propaganda ativa da Revolução e da solidariedade prática revolucionária, com os amigos de todos os países contra os inimigos de todos os países.

Numa palavra, a revolução deve estar e deve surgir por toda parte, independentemente do ponto central, que deve ser sua expressão, o seu produto, e não a sua fonte, a sua direção e a sua causa.

É preciso que a anarquia, o despertar da vida espontânea, de todas as paixões locais, e sobre todos os pontos, sejam tão grandes quanto possível, para que a Revolução seja e continue viva, real e forte. Os revolucionários políticos, os partidários da ditadura ostensiva, logo que a revolução tiver obtido o primeiro triunfo, ordenam o apaziguamento das paixões, a ordem, a confiança e a submissão aos novos poderes estabelecidos. Deste modo, eles reconstituem o Estado. Nós, pelo contrário, devemos fomentar, despertar, desprender todas as paixões, devemos produzir a anarquia, e, pilotos invisíveis no meio da tempestade popular, devemos dirigi-la, não com um poder ostensivo, mas pela ditadura coletiva de todos os aliados (membros da Aliança). Ditadura sem capa, sem título, sem direito oficial, e tanto mais forte quanto menos aparências do poder ela tiver. Eis a única ditadura que admito. Mas para que ela possa agir é preciso que exista, e para isso, é necessário primeiro prepará-la e organizá-la; pois ela não se fará sozinha, nem com discussões, nem por exposições e debates de princípios, nem por assembléias populares. [Mikhail Bakunin. “Cartas” (1870). In: Albert Richard. *Bakunin e a Internacional em Lyon 1868-1870*. Paris: 1869, pp. 130-131].

\*\*\*\*\*

O nosso objetivo é criar uma coletividade revolucionária forte, mas sempre invisível, uma coletividade que deve preparar a revolução e dirigi-la [...], deixando ao movimento revolucionário de massas o seu desenvolvimento total e a sua organização social [...] a mais completa liberdade, mas vigiando sempre para que este movimento e esta organização nunca possam reconstituir autoridades, governos, Estados, e combatendo todas as ambições, tanto coletivas (no gênero das de Marx) como individuais, por influência natural, *nunca oficial*, de todos os membros de nossa Aliança, disseminados em todos os países, e cuja força vem unicamente de sua ação solidária e da unidade de programa e de objetivos que deve existir sempre entre eles. [Mikhail Bakunin. “Carta a Pablo na Espanha” (1872). In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 284].

Assim centralizada pela idéia e pela identidade de um programa comum a todos os países, centralizada por uma organização secreta, que reunirá não só todos os partidos de um país, mas também muitos senão todos os países num mesmo plano de ação; centralizada também pela simultaneidade dos movimentos revolucionários no campo e na cidade, doravante, a revolução deverá tomar e manter um caráter local no sentido em que não deverá começar de modo algum por uma grande concentração de todas as forças revolucionárias de um país num único ponto, nem nunca tomar o caráter romanesco e burguês de uma expedição quase revolucionária, mas inflamando-se ao mesmo tempo em todos os pontos de um país, deverá tomar o caráter de uma verdadeira revolução popular. [Mikhail Bakunin. “Organização” (1864-1867). In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 218].

\*\*\*\*\*

Tu me escreves, caro amigo, que és “inimigo de qualquer espécie de *status*” e afirmas que eles “só

são jogos de crianças”. Eu não compartilho completamente da tua opinião neste ponto. É detestável uma regulamentação excessiva, e julgo, como tu, que “as pessoas sérias devem traçar uma linha de conduta e não se desviar dela”. Portanto tentemos nos compreender um ao outro.

A fim de estabelecer uma certa coordenação na ação, coordenação necessária, creio eu, entre as pessoas que tendem ao mesmo objetivo, impõem-se determinadas condições: um certo número de regras ligando cada um a todos, determinados pactos e acordos renovados frequentemente – se falta tudo isto, se cada um trabalha como lhe apetece, as pessoas mais sérias encontrar-se-ão, elas próprias, numa situação em que os esforços de um serão neutralizados pelos de outros. Disto resultará a desarmonia e não a harmonia e a confiança serena para a qual tendemos.

[...] Eu quero que em nosso trabalho haja ordem e uma confiança serena, e que nem uma nem outra seja o resultado de ordens de uma única vontade, mas da vontade coletiva, da vontade bem organizada de numerosos companheiros disseminados em numerosos países [...]. Mas para que tal descentralização seja possível, é preciso ter uma autêntica organização, e tal organização não é possível sem um certo grau de regulamentação, que ao fim e ao cabo são o resultado de um acordo mútuo ou de um contrato. [Mikhail Bakunin. “Carta a Albert Richard” (1868-1870). In: G. P. Maximoff. *The Political Philosophy of Bakunine – Scientific Anarchism*. Illinois: The Free Press, 1953, pp. 379-380].

\*\*\*\*\*

Trata-se da disciplina e da confiança, assim como da união. São coisas excelentes quando são bem aplicadas. Funestas quando se dirigem a quem não as merece. Amante apaixonado da liberdade, confesso que desconfio muito dos que têm sempre na boca a palavra disciplina. [Mikhail Bakunin. “O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social” (1870-1871). In: *Obras II*, p. 296].

Por muito inimigo que seja daquilo que na França chamam de disciplina, no entanto reconheço que uma certa disciplina, não automática, mas voluntária e refletida, e estando perfeitamente de acordo com a liberdade dos indivíduos, continua a ser e sempre será necessária, todas as vezes que vários indivíduos, livremente unidos, empreenderem um trabalho ou uma ação coletiva qualquer. Esta disciplina não é senão a concordância voluntária e refletida de todos os esforços individuais para um objetivo comum. No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda coletividade: uns dirigem e ordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa. A ordem e a promoção hierárquica não existem, de modo que o comandante de ontem pode tornar-se o subalterno de hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva, não é senão para cair logo a seguir, como as ondas do mar, voltando sempre ao nível salutar da igualdade.

Neste sistema já não há propriamente poder. O poder baseia-se na coletividade, e torna-se a expressão sincera da liberdade de cada um, a realização fiel e séria da vontade de todos; só obedecendo cada um de *per si*, ao chefe do dia, este só ordenará o que ele próprio quer. Eis a disciplina verdadeiramente humana, a disciplina necessária à organização da liberdade. [*Ibidem*. pp. 297-298].

\*\*\*\*\*

Doravante, que cada grupo, cada seção de grupo, não receba no seu seio um novo membro senão por *unanimidade*, nunca unicamente pela maioria das vozes, isto é, de todos os membros que fazem

parte desta seção de grupo. Se só são dois, não devem admitir um terceiro senão quando estiverem os dois perfeitamente de acordo e igualmente convencidos da utilidade, da inteligência, da dedicação, da energia e da discricção que ele vos trará. E nesta escolha nunca devem se deixar conduzir por nenhuma outra consideração senão o programa da Aliança, a concorrência perfeita dos seus sentimentos e das suas idéias com esse programa, e a sua capacidade real de segui-lo com energia, com discricção, com perseverança e prudência, e sobretudo a sua capacidade de renunciar para sempre qualquer iniciativa individual isolada, e de subordinar sempre a sua ação à vontade coletiva – capacidade que os vaidosos e ambiciosos nunca têm, pois o que eles procuram, muitas vezes sem eles próprios repararem nisso, o que procuram em todas as coletividades, tanto públicas como secretas que encontram, é um pedestal para si, um trampolim para sua glória ou elevação pessoal – por causa disso, impusemos a nós próprios a lei de nunca receber nosso *sanctum sanctorum*, na nossa intimidade e fraternidade coletiva, nenhum ambicioso e nenhum vaidoso, por muito parecidas que sejam as suas idéias e as suas tendências apaixonadas com as nossas, por muito inteligentes e sábios que sejam e por muito grande que pudesse ser a utilidade que as suas relações e a sua influência no mundo nos trouxesse. Preferimos nos resignar do que recebê-los entre nós, pela certeza que temos de que a sua ambição e a sua vaidade não deixariam de trazer para o nosso meio, mais tarde ou mais cedo, os germes da divisão e da desorganização. Eles vão querer ser chefes, dirigentes, mestres, e não os reconhecemos de modo nenhum entre nós e como socialistas revolucionários não os devemos reconhecer. Não pode e não deve ser dos nossos senão o que é capaz de, individualmente, imergir completamente na solidariedade fraternal e na ação coletiva dos aliados – não para se tornar um escravo, mas pelo contrário, para se retemperar nela e para se reencontrar forte, livre, inteligente, pela força, pela liberdade, pela inteligência e pela assistência, sempre ativa e sempre presente, de todos. [Mikhail Bakunin. “Carta a Pablo na Espanha”. In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, pp. 283-284].

[O candidato] à Aliança deve compreender que uma associação com um objetivo revolucionário tem de transformar-se necessariamente em *sociedade secreta*, e qualquer sociedade secreta, no interesse da causa a que serve e da eficácia de sua ação, assim como no da segurança de cada um dos seus membros, tem de ser submetida a uma forte disciplina, que, aliás, não é senão o resumo e o resultado puro do compromisso recíproco de todos os membros uns em relação aos outros. [Mikhail Bakunin. “Organização”. In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 213].

\* Artigo retirado do livro *Conceito de Liberdade*, de Bakunin, publicado pela editorial RES do Porto, Portugal, em 1975. Reproduzido em *Socialismo e Liberdade*, também de Bakunin, publicado por Luta Libertária de São Paulo, Brasil, em 2002.

\* Tradução de Jorge Dessa a partir do original em francês com o título de *La Liberté*.



# ORGANIZAÇÃO I E II

## Errico Malatesta

### A ORGANIZAÇÃO I

*Agitazione de Ancone, 04/07/1897.*

Há anos que muito se discute entre os anarquistas esta questão. E como freqüentemente acontece quando se discute com ardor à procura da verdade, acredita-se, em seguida, ter razão. Quando as discussões teóricas são apenas tentativas para justificar uma conduta inspirada por outros motivos, produz-se uma grande confusão de idéias e de palavras.

Lembraremos, de passagem, sobretudo para nos livrarmos delas, as simples questões de frases empregadas, que, às vezes, atingiram o cúmulo do ridículo, como por exemplo: “Não queremos a organização, mas a harmonização”, “Opomo-nos à associação, mas a admitimos”, “Não queremos secretário ou caixa, porque é um sinal de autoritarismo, mas encarregamos um camarada para se ocupar do correio e outro do dinheiro”; passemos a discussão séria.

Se não pudermos concordar, tratemos pelo menos de nos compreender. Antes de mais nada, distingamos, visto que a questão é tripla: a organização em geral, como princípio e condição da vida social, hoje, e na sociedade futura; a organização das forças populares, e, em particular, a das massas operárias, para resistir ao governo e ao capitalismo.

A necessidade de organização na vida social – direi que organização e sociedade são quase sinônimos – é coisa tão evidente que mal se pode acreditar que pudesse ter sido negada.

Para nos darmos conta disso, é preciso lembrar que ela é a função específica, característica do movimento anarquista, e como homens e partidos estão sujeitos a se deixarem absorver pela questão que os interessa mais diretamente, esquecendo tudo o que a ela se relaciona, dando mais importância à forma que ao conteúdo e, enfim, vendo as coisas somente de um lado, não distinguindo mais a justa noção da realidade.

O movimento anarquista começou como uma reação contra o autoritarismo dominante na sociedade, assim como todos os partidos e organizações operárias, e se acentuou com os adventos de todas as revoltas contra as tendências autoritárias e centralistas.

Era natural, em conseqüência, que inúmeros anarquistas estivessem como que hipnotizados por esta luta contra a autoridade e que eles combatem, para resistir à influência da educação autoritária, tanto a autoridade quanto a organização, da qual ela é a alma.

Na verdade, esta fixação chegou ao ponto de fazer sustentar coisas realmente incríveis. Combateu todo o tipo de cooperação e de acordo porque a associação é a antítese da anarquia. Afirma-se que sem acordos, sem obrigações recíprocas, cada um fazendo o que lhe passar pela cabeça, sem mesmo se informar sobre o que fazem os outros, tudo estaria espontaneamente em harmonia: que a anarquia significa que cada um deve bastar-se a si mesmo e fazer tudo que tem vontade, sem troca e sem trabalho em associação. Assim, as ferrovias poderiam funcionar muito bem sem organização, como acontecia na Inglaterra (!). O correio não seria necessário: alguém de Paris, que quisesse escrever uma carta a Petersburgo... Podia ele próprio levá-la (!! ) etc.

Dir-se-á que são besteiras, que não vale a pena discuti-las. Sim, mas estas besteiras foram ditas, propagadas: foram autêntica das idéias anarquistas. Servem sempre como armas de combate aos

adversários, burgueses ou não, que querem conseguir uma fácil vitória sobre nós. E, também, estas “besteiras” não são sem valor, visto que são a consequência lógica de certas premissas e que podem servir como prova experimental da verdade, ou pelo menos dessas premissas.

Alguns indivíduos, de espírito limitado, mas providos de espírito lógico poderoso, quando aceitam premissas, extraem delas todas as consequências até que, por fim, e se a lógica assim o quer, chegam, sem se desconcertar, aos maiores absurdos, à negação dos fatos mais evidentes. Mas há outros indivíduos mais cultos e de espírito mais amplo que encontram sempre um meio de chegar a conclusões mais ou menos razoáveis, mesmo ao preço da violentação da lógica. Para eles, os erros teóricos têm pouca ou nenhuma influência na conduta prática. Mas, em suma, desde que não se haja renunciado a certos erros fundamentais, estamos sempre ameaçados por silogismos exagerados, e voltamos sempre ao começo.

O erro fundamental dos anarquistas adversários da organização é crer que não há possibilidade de organização sem autoridade. E uma vez admitida esta hipótese, preferem renunciar a toda organização, ao invés de aceitar o mínimo de autoridade.

Agora que a organização, quer dizer, a associação com um objetivo determinado e com as formas e os meios necessários para atingir este objetivo, é necessária à vida social, é uma evidência para nós. O homem isolado não pode sequer viver como um animal: ele é impotente salvo em regiões tropicais, e quando a população é muito dispersa) e não pode obter sua alimentação; ele é incapaz, sem exceção, de ter uma vida superior àquela dos animais. Conseqüentemente, é obrigado a se unir a outros homens, como a evolução anterior das espécies o mostra, e deve suportar a vontade dos outros (escravidão), impor sua vontade aos outros (autoritarismo), ou viver com os outros em fraternal acordo para o maior bem de todos (associação). Ninguém pode escapar dessa necessidade. Os antiorganizadores mais imoderados suportam não apenas a organização geral da sociedade em que vivem, mas também em seus atos, em sua revolta contra a organização, eles se unem, dividem a tarefa, *organizam-se* com aqueles que compartilham suas idéias, utilizando os meios que a sociedade coloca à sua disposição; com a condição de que estes sejam fatos reais e não vagas aspirações platônicas.

Anarquia significa *sociedade organizada sem autoridade*, compreendendo-se autoridade como a faculdade de *impor* sua vontade. Todavia, também significa o fato inevitável e benéfico que aquele que compreende melhor e sabe fazer uma coisa, consegue fazer aceitar mais facilmente sua opinião. Ele serve de guia, quanto a esta coisa, aos menos capazes que ele.

Segundo nossa opinião, a autoridade não é necessária à organização social, mais ainda, longe de ajudá-la, vive como parasita, incomoda a evolução e favorece uma dada classe que explora e oprime as outras. Enquanto há harmonia de interesses em uma coletividade, enquanto ninguém pode frustrar outras pessoas, não há sinal de autoridade. Ela aparece com a luta intestina, a divisão em vencedores e vencidos, os mais fortes confirmando a sua vitória.

Temos esta opinião e é por isso que somos anarquistas, caso contrário, afirmando que não pode existir organização sem autoridade, seremos autoritários. Mas ainda preferimos a autoridade que incomoda e desola a vida, à desorganização que a torna impossível.

De resto, o que seremos nos interessa muito pouco. Se é verdade que o maquinista e o chefe de serviço devem forçosamente ter autoridade, assim como os camaradas que fazem para todos um trabalho determinado, as pessoas sempre preferirão suportar sua autoridade a viajar a pé. Se o correio fosse apenas esta autoridade, todo homem são de espírito a aceitaria para não ter de levar, ele próprio, suas cartas. Se se recusa isto, a anarquia permanecerá o sonho de alguns e nunca se realizará.

## A ORGANIZAÇÃO II

Agitazione de Ancone, 11/07/1897.

Estando admitida a existência de uma coletividade organizada sem autoridade, isto é, sem coerção, caso contrário, a anarquia não teria sentido, falemos da organização do partido anarquista.

Mesmo nesses casos, a organização nos parece útil e necessária. Se o partido, ou seja, o conjunto dos indivíduos que têm um objetivo em comum e se esforçam para alcançá-lo, é natural que se entendam, unam suas forças, compartilhem o trabalho e tomem todas as medidas adequadas para desempenhar esta tarefa. Permanecer isolado, agindo ou querendo agir cada um por sua conta, sem se entender com os outros, sem preparar-se, sem enfeixar as fracas forças dos isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação.

Mas isto parece de tal forma evidente que, ao invés de fazer sua demonstração, responderemos aos argumentos dos adversários da organização.

Antes de mais nada, há uma objeção, por assim dizer, formal. “Mas de que partido nos falais? Dizem-nos, nem sequer somos um, não temos um programa”. Este paradoxo significa que as idéias progridem, evoluem continuamente, e que eles não podem aceitar um programa fixo, talvez válido hoje, mas que estará com certeza ultrapassado amanhã.

Seria perfeitamente justo se se tratasse de estudantes que procuram a verdade, sem se preocuparem com as aplicações práticas. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem dizer que não há outro programa senão o de procurar a verdade: eles querem conhecer, mas sem *fazer* alguma coisa. Mas a anarquia e o socialismo não são ciências: são proposições, projetos que os anarquistas e os socialistas querem por em prática e que, conseqüentemente, precisam ser formulados como programas determinados. A ciência e a arte das construções progridem a cada dia. Mas um engenheiro, que quer construir ou mesmo demolir, deve fazer seu plano, reunir seus meios de ação e agir como se a ciência e a arte tivessem parado no ponto em que as encontrou no início de seu trabalho. Pode acontecer, felizmente, que ele possa utilizar novas aquisições feitas durante seu trabalho sem renunciar à parte essencial de seu plano. Pode acontecer do mesmo modo que as novas descobertas e os novos meios industriais sejam tais que ele se veja na obrigação de abandonar tudo e recomeçar do zero. Mas ao recomeçar, precisará fazer novo plano, com base no conhecimento e na experiência; não poderá conceber e por-se a executar uma construção amorfa, com materiais *não produzidos*, a pretexto que amanhã a ciência poderia sugerir melhores formas e a indústria fornecer materiais de melhor composição.

Entendemos por partido anarquista o conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por conseqüência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer. Deixamos de bom grado às suas elucubrações transcendentais os amadores da verdade absoluta e de progresso contínuo, que, jamais colocando suas idéias à prova, acabam por nada fazer ou descobrir.

A outra objeção é que a organização cria chefes, uma autoridade. Se isto é verdade, se é verdade que os anarquistas são incapazes de se reunirem e de entrarem em acordo entre si sem se submeter a um autoridade, isto quer dizer que ainda são muito pouco anarquistas. Antes de pensar em estabelecer a anarquia no mundo, devem pensar em se tornar capazes de viver como anarquistas. O remédio não está na organização, mas na consciência perfectível dos membros.

Evidentemente, se em uma organização, deixa-se a alguns todo o trabalho e todas as

responsabilidades, se nos submetemos ao que fazem alguns indivíduos, sem por a mão na massa e procurar fazer melhor, esses “alguns” acabarão, mesmo que não queiram, substituindo a vontade da coletividade pela sua. Se em uma organização todos os membros não se interessam em pensar, em querer compreender, em pedir explicações sobre o que não compreendem, em exercer sobre tudo e sobre todos as suas faculdades críticas, deixando a alguns a responsabilidade de pensar por todos, esses “alguns” serão os chefes, as cabeças pensantes e dirigentes.

Todavia, repitamos, o remédio não está na ausência de organização. Ao contrário, nas pequenas como nas grandes sociedades, excetuando a força brutal, a qual não nos diz respeito no caso em questão, a origem e a justificativa da autoridade residem na desorganização social. Quando uma coletividade tem uma necessidade e seus membros não estão espontaneamente organizados para satisfazê-la, surge alguém, uma autoridade que satisfaz esta necessidade servindo-se das forças de todos e dirigindo-as à sua maneira. Se as ruas são pouco seguras e o povo não sabe se defender, surge uma polícia que, por uns poucos serviços que presta, faz com que a sustentem e a paguem, impõe-se a tirania. Se há necessidade de um produto e a coletividade não sabe se entender com os produtores longínquos para que eles enviem esse produto em troca por produtos da região, vem de fora o negociante que se aproveita da necessidade que possuem uns de vender e outros de comprar e impõe os preços que quer a produtores e consumidores.

Como vedes, tudo vem sempre de nós: quanto menos estávamos organizados, mais nos encontrávamos sob a dependência de certos indivíduos. E é normal que tivesse sido assim.

Precisamos estar relacionados com os camaradas das outras localidades, receber e dar notícias, mas não podemos todos nos correspondermos com todos os camaradas. Se estamos organizados, encarregamos alguns camaradas de manter a correspondência por nossa conta; trocamos-os se eles não nos satisfazem, e podemos estar informados sem depender da boa vontade de alguns para obter uma informação. Se, ao contrário, estamos desorganizados, haverá alguém que terá os meios e a vontade de corresponder; ele concentrará em suas mãos todos os contatos, comunicará as notícias como bem quiser, a quem quiser. E se tiver atividade e inteligência suficientes, conseguirá, sem nosso conhecimento, dar ao movimento a direção que quiser, sem que nos reste a nós, a massa do partido, nenhum meio de controle, sem que ninguém tenha o direito de se queixar, visto que este indivíduo age por sua conta, sem mandato de ninguém e sem ter que prestar contas a ninguém de sua conduta. Precisamos de um jornal. Se estamos organizados, podemos reunir os meios para fundá-lo e fazê-lo viver, encarregar alguns camaradas de redigi-lo e controlar sua direção. Os redatores do jornal lhe darão, sem dúvida, de modo mais ou menos claro, a marca de sua personalidade, mas serão sempre pessoas que teremos escolhido e que poderemos substituir. Se, ao contrário, estamos desorganizados, alguém que tenha suficiente espírito de empreendimento fará o jornal por sua própria conta: encontrará entre nós os correspondentes, os distribuidores, os assinantes, e fará com que sirvamos seus desígnios, sem que saibamos ou queiramos. E nós, como muitas vezes aconteceu, aceitaremos ou apoiaremos este jornal, mesmo que não nos agrade, mesmo que tenhamos a opinião de que é nocivo à Causa, porque seremos incapazes de fazer um que melhor represente nossas idéias.

Desta forma, a organização, longe de criar a autoridade, é o único remédio contra ela e o único meio para que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo, e deixe de ser instrumento passivo nas mãos dos chefes.

Se não fizer nada e houver inação, então, certamente, não haverá nem chefe, nem rebanho; nem comandante, nem comandados, mas, neste caso, a propaganda, o partido, e até mesmo a discussão sobre a organização, cessarão, o que, esperamos, não é o ideal de ninguém...

Contudo, uma organização, diz-se supõe a obrigação de coordenar sua própria ação e a dos outros,

portanto, violar a liberdade, suprimir a iniciativa. Parece-nos que o que realmente suprime a liberdade e torna impossível a iniciativa é o isolamento que produz a impotência. A liberdade não é direito abstrato, mas a possibilidade de fazer algo. Isto é verdade para nós como para a sociedade em geral. É na cooperação dos outros que o homem encontra o meio de exercer sua atividade, seu poder de iniciativa.

Evidentemente, organização significa coordenação de forças com um objetivo comum, e obrigação de não promover ações contrárias a este objetivo. Mas quando se trata de organização voluntária, quando aqueles que dela fazem parte têm de fato o mesmo objetivo e são partidários dos mesmos meios, a obrigação recíproca que a todos engaja obtém êxito em proveito de todos. Se alguém renuncia a uma de suas idéias pessoais por consideração à união, isto significa que acha mais vantajoso renunciar a uma idéia, que, por sinal, não poderia realizar sozinho, do que se privar da cooperação dos outros no que acredita ser de maior importância.

Se, em seguida, um indivíduo vê que ninguém, nas organizações existentes, aceita suas idéias e seus métodos naquilo que têm de essencial, e que em nenhuma organização pode desenvolver sua personalidade como deseja, então estará certo em permanecer de fora. Mas, se não quiser permanecer inativo e impotente, deverá procurar outros indivíduos que pensem como ele, e tornar-se iniciador de uma nova organização.

Uma outra objeção, a última que abordaremos, é que, estando organizados, estamos mais expostos à repressão governamental.

Parece-nos, ao contrário, que quanto mais unidos estamos, mais eficazmente nos podemos defender. Na realidade, cada vez que a repressão nos surpreendeu enquanto estávamos desorganizados, colocou-nos em debandada total e aniquilou nosso trabalho precedente. Quando estávamos organizados, ela nos fez mais bem do que mal. Assim também no que concerne ao interesse pessoal dos indivíduos: por exemplo, nas últimas repressões, os isolados foram tanto e talvez mais gravemente atingidos do que os organizados. É o caso, organizados ou não, dos indivíduos que fazem propaganda individual. Para aqueles que nada fazem e ocultam suas convicções, o perigo é certamente mínimo, mas a utilidade que oferecem à Causa também o é.

O único resultado, do ponto de vista da repressão, que se obtém por estar desorganizado é autorizar o governo a nos recusar o direito de associação e tornar possível monstruosos processos por associação delituosa. O governo não agiria dessa forma em relação às pessoas que afirmam de modo altivo e público, o direito e o fato de estarem associados e, se ousasse fazê-lo, isto se voltaria contra ele e em nosso proveito.

De resto, é natural que a organização assuma as formas que as circunstâncias aconselham e impõem. O importante não é tanto a organização formal, mas o espírito de organização. Podem acontecer casos, durante o furor da reação, em que seja útil suspender toda correspondência, cessar todas as reuniões: será sempre um mal, mas se a vontade de estar organizado subsiste, se o espírito de associação permanece vivo, se o período precedente de atividade coordenada multiplicou as relações pessoais, produziu sólidas amizades e criou um real acordo de idéias de conduta entre os camaradas, então o trabalho dos indivíduos, mesmo isolados, participará do objetivo comum. E encontrar-se-á rapidamente o meio de nos reunirmos de novo e repararmos os danos sofridos.

Somos como um exército em guerra e podemos, segundo o terreno e as medidas tomadas pelo inimigo, combater em massa ou em ordem dispersa: o essencial é que nos consideremos sempre membros do mesmo exército, que obedeçamos todos às mesmas idéias diretrizes e que estejamos sempre prontos a nos reunirmos em colunas compactas quando for necessário e quando se puder fazer algo.

Tudo o que dissemos se dirige aos camaradas que são de fato adversários do princípio da organização. Àqueles que combatem a organização, somente porque não querem nela entrar, ou não são aceitos, ou não simpatizam com os indivíduos que dela fazem parte, dizemos: façam com aqueles que estão de acordo com vocês outra organização. É verdade, gostaríamos de poder estar, todos nós, de acordo, e reunir em um único feixe poderoso todas as forças do anarquismo. Mas não acreditamos na solidez das organizações feitas à força de concessões e de restrições, onde não há entre os membros simpatia e concordância real. É melhor estarmos desunidos que mal unidos. Mas gostaríamos que cada um se unisse com seus amigos e que não houvesse forças isoladas, forças perdidas.

\* Traduzido por Plínio A. Coêlho

# A ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA

## EXCERTOS

### Luigi Fabbri

#### INDIVIDUALISTAS E ANTIORGANIZADORES

A idéia anarquista tem, como base primeira, a liberdade individual, mas aqueles que pretendem que a liberdade individual na anarquia seja infinita e absoluta, seriam utopistas no sentido mais ridículo do termo, pois o infinito e o absoluto são conceitos abstratos, configurações mentais sem possibilidade de realização prática. Pois bem, é sempre em nome da liberdade individual que numerosos anarquistas, segundo lhes seja conveniente, ou proclamam o direito de fazer seja lá o que for, inclusive atingir a liberdade e o direito do outro, ou declaram incoerente toda a tentativa de realização revolucionária e de organização pela propaganda.(...)

Por outro lado, aqueles que se declaram inimigos da organização, o são geralmente porque sentem-se incapazes da solidariedade libertária e no fundo não sabem sair deste dilema: comandar ou serem comandados. Não possuem a consciência “libertária” e portanto não vêem teoricamente outra garantia para a liberdade individual senão o isolamento, a ausência de qualquer pacto e de qualquer vínculo livremente aceitos.(...)

Isto acontece de fato com muitos anarquistas individualistas de todos os matizes, desde o individualismo stirneriano anti-socialista até o individualista comunista antiorganizador.

Conduzidos pela lógica abstrata, estes camaradas chegam a perder de vista o interesse da propaganda anarquista e revolucionária. Eles isolam-se da sociedade ao ponto de não mais poder exercer sobre ela influência alguma e isso equivale a condenar nossa idéia a permanecer perpetuamente no estágio de utopia. Se, ao pretender para cada ato de propaganda ou de ação revolucionária a coerência absoluta com o princípio abstrato da anarquia ou de sua própria interpretação deste princípio, se (e esta talvez seja a razão mais verossímil) diante da inegável dificuldade de se agir libertariamente, afastarmos toda a forma de ação na qual tal dificuldade seja a mais forte, acabaríamos por fazer muito pouco ou nada - exatamente como Orígenes que, para se manter puro (ou antes porque não possuía forças para assim se manter) decepou seus órgãos sexuais. Toda a ação anarquista assim concebida acaba por se limitar à parte crítica da obra de outrem, à propaganda teórica - muitas vezes caótica e cheia de contradições - e a algum ato isolado de rebelião que, na melhor das hipóteses contém justamente o erro de exigir um esforço muito grande para poder ocorrer e assim exercer alguma influência visível sobre os acontecimentos.(...)

Negando-se a organização, nega-se no fundo a possibilidade de vida social e também da vida em anarquia. Dizer que a negamos somente hoje nada significa, pois negá-la hoje implica em suprimir o meio de prepará-la para o amanhã.(...)

Os não organizados, ou melhor, aqueles que estão organizados sem o saber e que por isso se crêem mais autônomos que os outros, têm maior probabilidade que os organizados, de serem presas do conferencista que passa do camarada mais ativo do grupo mais empreendedor e do jornal mais bem feito. Eles são inconscientemente organizados pelo conferencista, pelo agitador e pelo jornal.(...)

A ausência de organização visível normal e aceite por cada um de seus membros torna possível o estabelecimento de organizações arbitrárias, menos libertárias ainda, que crêem ter vencido todo o perigo do autoritarismo apenas negando a sua essência. Tais organizações inconscientes constituem

um perigo maior porque colocam o movimento anarquista à mercê e a serviço dos mais hábeis e dos mais intrigantes.(...)

É conhecido o fato de que os adversários da organização federal, por oposição a nós, declarem-se autonomistas, e denominem autônomos seus grupos; é bom lembrar, de uma vez por todas, que todos somos autonomistas, quer dizer partidários da autonomia individual nos grupos, da autonomia dos grupos na federação e no partido.(...)

Encontra-se outro motivo de incoerência na pretensa facilidade com a qual, nas organizações, os indivíduos mais inteligentes, mais simpáticos, mais ativos ou mesmo mais falsos possam se tornar verdadeiras autoridades sobre a massa, apresentando o perigo de fazê-la desviar-se. Demonstrei acima que este perigo é maior entre os não organizados, e que, ao contrário, a organização serve para combater e não para facilitar tal perigo.

## **INDIVÍDUO E SOCIEDADE**

Podemos nos rebelar contra esta má organização da sociedade, mas não contra a sociedade em si, como pretendem alguns individualistas. A sociedade não é um mito, nem uma idéia, nem um órgão pré-ordenado e feito por alguém, para que seja possível não reconhecê-la e tentar destruí-la. Ela nem mesmo é - como nos acusam de pensar os stirnerianos - uma coisa superior aos indivíduos e à qual é necessário fazer o sacrifício do seu eu como diante de um fetiche. A sociedade é simplesmente um fato do qual nós somos os atores naturais e que existe na medida em que lá estamos. A sociedade é o conjunto dos indivíduos vivos e cada indivíduo é, por sua vez, tal qual as influências externas, sem excluir as sociais, o formam.

Tudo isso é um fato natural, ligado à vida universal do cosmos. Rebelar-se contra este fato é rebelar-se contra a vida: morrer. Cada indivíduo existe na medida em que ele é o fruto material, moral e intelectual da união de outros indivíduos; ele somente pode continuar vivo, somente pode ser livre, somente pode desenvolver-se fisicamente com a condição de viver em sociedade.

## **EGOISMO E ALTRUISMO**

A questão de que o homem é egoísta e que isto basta para negar a associação apóia-se em uma interpretação absurda de um conceito verdadeiro. Sim, todos os homens são egoístas, mas de modo diferente. O homem que tira o pão da boca para alimentar o seu semelhante é um egoísta na medida em que ele interiormente sente, sacrificando-se, uma satisfação maior do que a de comer tudo sozinho, sem nada dar ao outro. Isso acontece igualmente com relação aos outros sacrifícios, mesmo os mais sublimes que a história nos lembra. Mas a satisfação do explorador burguês, que faz com que seus operários morram de fome, ao invés de lhes sacrificar uma única noite de teatro, também é egoísmo.

Um e outro são egoísmo, mas - cáspite! - ninguém negará que são egoísmos distintos um do outro. Tal diferença encontrou sua expressão na linguagem humana, que batizou a forma mais nobre de egoísmo com o nome altruísmo.

Este altruísmo é uma manifestação da solidariedade humana, que responde à necessidade de ajuda mútua - existente entre os homens, assim como em várias outras sociedades animais.

## **ORGANIZAÇÃO**



O princípio da organização em si é um dos postulados principais da doutrina anarquista. (...) Sem a organização a anarquia é tão inconcebível quanto o fogo sem a matéria para fazê-lo.(...)

Nós pensamos que a mais bela e perfeita organização estará destinada a morrer se seus membros, por mais sábios que sejam em teoria, permanecerem inertes. A vantagem das organizações consiste no fato de que, em igualdade de outras condições, é preferível que pessoas decididas à ação estejam organizadas que não organizadas. É natural que um indivíduo isolado atuante valha mais que mil pessoas inaptas e não organizadas.(...)

Organização não significa nem autoridade, nem governo, nem vexação, mas apenas : associação harmoniosa dos elementos do corpo social.

Como queremos que todos os homens, um dia, estejam associados harmonicamente, preconizamos hoje, na luta pela preparação de um tal futuro, a associação harmoniosa dos anarquistas. A organização é um meio para atingir este fim, e um meio mais condizente com as finalidades sociológicas do anarquismo.(...)

A organização, longe de limitar a liberdade individual, a estende e a torna verdadeiramente possível, pois ela oferece ao indivíduo uma soma maior de forças para vencer obstáculos e para melhorar, forças estas que faltariam a cada indivíduo tomado isoladamente.(...)

A organização não significa - repito - uma diminuição do eu, mas sim a possibilidade para este de atingir, com a ajuda dos outros, o máximo de suas satisfações. Ela não significa a compressão ou a violação do egoísmo natural dos indivíduos, mas sim o seu contentamento, o seu enobrecimento, de modo a provocar no indivíduo um gozo que tenha a necessidade do bem do outro e não do mal.(...)

Se quisermos nos mexer, se quisermos fazer alguma coisa a mais do que aquilo que o isolamento permite a cada um de nos deveremos saber com quais dos ditos camaradas, podemos estar de acordo e com quais estamos em desacordo. Isto é especialmente necessário quando falamos de ação, de movimento, de métodos com os quais é preciso trabalhar com muitas mãos para conseguirmos obter alguns resultados que caminhem em nossa direção.(...)

A organização consciente é útil porque ela é o melhor meio - quando real e substancial e não apenas formal - para impedir um indivíduo ou um grupo de concentrar em si todo o trabalho de propaganda e de agitação, tornando-se assim um árbitro do movimento.(...)

Autonomia e organização estão longe de ser termos contraditórios: ao contrário, exprimem com precisão o conceito que os anarquistas tem do indivíduo e da sociedade. “Autonomia e federação são as duas grandes fórmulas do futuro - diz nosso amigo Charles Malato - a partir de hoje, é nesta direção que se orientarão os movimentos sociais.” Esta é também nossa idéia, pois pensamos que a organização encontra na forma federativa a melhor forma de se desenvolver em um sentido verdadeiramente anarquista.

## **ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA ANARQUISTA**

Temos que adotar a organização dos próprios anarquistas, que deve esforçar-se por ser a mais libertária possível.(...)

Eis porque é preciso unir-se e organizar-se: primeiro para discutir, depois para reunir os meios para a revolução, e finalmente para formar um todo orgânico que, armado com seus meios e fortalecido

por sua união possa, quando soar o momento histórico, varrer do mundo todas as aberrações e todas as tiranias da religião, do capital e do Estado. (...)

A organização que os socialistas anarquistas defendem não é naturalmente a organização autoritária que vai da Igreja católica à Igreja marxista, mas sim a organização libertária, voluntária, de numerosas unidades individuais, associadas com vistas a uma meta comum e que empregam um ou vários métodos considerados bons e livremente aceitos por cada um dos membros. Uma tal organização é impossível, se os indivíduos que a compõem não estão habituados à liberdade e não estejam desembaraçados de preconceitos autoritários. É necessário, por outro lado, estar organizados, para se tentar viver livremente associados..., isso para se habituar ao uso da liberdade.

Assim, a necessidade de organização permanece. Por organização, entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos entre si, sobre a base de idéias comuns e de um trabalho prático comum a realizar. Tal organização, deixará naturalmente a autonomia dos indivíduos nos grupos e dos grupos na federação, com plena liberdade dos grupos e federações para se formarem segundo as oportunidades e circunstâncias, por ofício, por bairro, por província ou por região, por nacionalidade ou por língua, etc.(...)

A organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de idéias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que se pode dispor.(...)

Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união preestabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puserem-se de acordo em torno de um programa de idéias e métodos.(...)

A organização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; ela deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. Podemos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em todas as organizações especiais de luta particulares nas quais possamos penetrar e levar nossa atividade e ação: por exemplo, nos sindicatos, nas sociedades anti-militaristas, nos agrupamentos anti-religiosos e anti-clericais, etc. Nossa organização especial pode servir igualmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como um campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre nós. Quanto mais estivermos unidos menor será o perigo de que sejamos arrastados nas incoerências ou, que desviemos nosso ímpeto de luta para batalhas e escaramuças aonde, outros que não estão de forma alguma de acordo conosco, poderiam cortar-nos as mãos.(...)

Todas as dificuldades residem no fundo nas denominações; a uns não agrada o termo “partido”, a outros o de “organização”.(...)

Para que exista coerência entre teoria e prática, é preciso antes de mais nada que seja definido o programa teórico, nos limites do qual a prática se apóie para não contradizê-lo. E o nosso programa já foi muitas vezes dito e redito para que nós aqui não nos estendamos muito para falar dele.

## **PROPAGANDA ANARQUISTA**

Em nossa opinião, a propaganda da organização deve ser feita ininterruptamente, bem como a propaganda de todos os outros postulados do ideal anarquista. (...)

A melhor propaganda é a que se faz pelo exemplo - a propaganda pelo fato - nós buscamos nos organizar, constituir grupos, federar-nos.(...)

A propaganda pela organização dos anarquistas se imporá pela necessidade das coisas; e será mérito desta propaganda se a organização surgida for a nossa e não uma mercadoria avariada que nos seria legada por nossos adversários.(...)

Tanto a propaganda teórica quanto a propaganda pelo fato (não nego a utilidade desta última) podem ser úteis, mas tal propaganda, de forma unicamente individual não basta. Para que a propaganda teórica seja mais eficaz é preciso que ela esteja coordenada; para que o fato seja mais útil, é preciso que ele seja meditado e razoável.(...)

Devemos nos ocupar, antes de mais nada, em formar esta consciência no proletariado e o meio mais eficaz para tanto continua sendo a propaganda, isto é, o exercício contínuo da luta contra o capital e o Estado.(...)

A propaganda determinada pelos anarquistas organizadores é também uma forma de manifestação para preparar a sociedade futura: trata-se de uma colaboração com a finalidade de constituir um jeito de influenciar o meio ambiente e de modificar as suas condições. Outros também trabalham de acordo com a mesma obra. Nós queremos trabalhar da maneira que acreditamos seja a mais eficaz, escolhemos assim certas formas de luta que estão mais conforme à nossa maneira de ver e até mesmo ao nosso temperamento, se assim se quiser.

## **SINTETISMO**

Nós nos resignamos a ser vítimas de todos os loucos, de todos os extravagantes, de todos os exagerados que, com o pretexto da lógica, pretenderam não apenas justificar tudo aquilo que eles consideravam inconveniente e ignóbil nos burgueses, mas também impedir e demolir todo o trabalho de reconstrução que outros camaradas tentaram, lançando permanentemente o espectro da incoerência com as idéias.(...)

Digo isto para responder aos meus bons amigos, favoráveis a um acordo a qualquer preço, que afirmam: “Não criemos problemas de método! A idéia é uma só e a meta é a mesma; permaneçamos pois unidos sem nos rasgarmos por um pequeno desacordo sobre a tática”. Eu, ao contrário, dei-me conta há muito tempo atrás, que nos dilaceramos justamente porque estamos muito próximos, por que estamos artificialmente próximos. Sob o verniz aparente da comunidade de três ou quatro idéias - abolição do Estado, abolição da propriedade privada, revolução, antiparlamentarismo - existe uma diferença enorme na concepção de cada uma destas afirmações teóricas. A diferença é de tal monta que nos impede de tomarmos o mesmo caminho sem querelarmos e sem neutralizar reciprocamente o nosso trabalho ou, se assim quisermos, permanecer em paz sem renunciarmos àquilo que acreditamos ser verdadeiro. Repito: não existe apenas uma diferença de método, mas sim uma grande diferença de idéias.(...)

Existem tantas pessoas que se dizem anarquistas no mundo, batiza-se de anarquia tantas idéias nos dias de hoje, tantas opiniões e táticas diferentes, que impõe-se a quem luta alguma escolha para saber quem são aqueles que possuem aspirações comuns às suas, pois alguns, embora dizendo-se anarquistas, têm idéias totalmente opostas. Se alguns seguem uma via totalmente contrária à nossa e utilizam meios de luta que são contraditórios, neutralizantes e destrutores dos efeitos que obtivemos, tais diversidades e contradições dependem dos significados e de interpretações diferentes, muitas vezes completamente opostas, que são dadas ao termo anarquia.(...)

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com idéias e métodos que não são os nossos e, conseqüentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.(...)

Organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendamos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas idéias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.(...)

Se existem correntes incapazes de permanecer unidas por causa do temperamento, é melhor que cada um tome o seu caminho e que elas se diferenciem.

Roma, 15 de Junho de 1907

\* Tradução José Carlos Morel

\* Seleção: Felipe Corrêa

# CONSCIÊNCIA DE PARTIDO

Camilo Berneri

Somos imaturos. Isso é demonstrado pelo que foi discutido na **União Anarquista** fazendo sutilezas sobre as palavras **partido, movimento**, sem entender que a questão não é de forma, mas de substância, e que o que nos falta não é a exterioridade do partido mas a consciência de partido.

O que entendo por consciência de partido?

Entendo algo mais que o fermento passional de uma idéia, que a genérica exaltação de ideais. Entendo o conteúdo específico de um programa partidário. Estamos desprovidos de consciência política, no sentido de que não temos consciência dos problemas atuais e continuamos difundindo soluções adquiridas em nossa literatura de propaganda. Somos utópicos e basta. O fato de haver editores nossos que continuem reeditando os escritos dos mestres sem nunca incluir uma nota crítica, demonstra que nossa cultura e nossa propaganda estão nas mãos de gente que pretende manter em pé o próprio palanque em vez de impulsionar o movimento a sair do que já foi pensado e esforçar-se na crítica, do que ainda está por se pensar. O fato de haver polemistas que tentam engarrafar o adversário em vez de buscar a verdade, demonstra que entre nós há maçons em sentido intelectual. Agregamos os grafômanos, para quem o artigo é um desafogo ou uma vaidade, e teremos um conjunto de elementos que perturbam o trabalho de renovação iniciado por um punhado de independentes que prometem.

O anarquismo deve ser amplo em suas concepções, audaz, insaciável. Se quer viver e cumprir sua missão de vanguarda deve diferenciar-se e conservar alta sua bandeira, ainda que isto possa isolá-lo e restringi-lo ao seu próprio círculo. Mas esta especificidade de seu caráter e de sua missão não exclui um maior enraizamento de sua ação nas fraturas da sociedade que morre e não nas construções apriorísticas dos arquitetos do futuro. Semelhante às investigações científicas, a hipótese pode iluminar o caminho da indagação, mas esta luz se apaga quando resulta falsa, o anarquismo deve conservar aquele conjunto de princípios gerais que constituem a base de seu pensamento e o alimento passional de sua ação, mas deve saber afrontar o complicado mecanismo da sociedade atual sem óculos doutrinários e sem excessivos apegos a integridade de sua fé. (...)

Chegou a hora de acabar com os farmacêuticos das formulinhas complicadas que não enxergam além de seu nariz; chegou a hora de acabar com os charlatões que embriagam o público com belas frases altissonantes; chegou a hora de acabar com os simplórios que têm três ou quatro idéias cravadas na cabeça e exercem como senhores do fogo sagrado do ideal, distribuindo excomunhões. (...)

O que tenha um pingão de inteligência e de boa vontade que se esforce com seu próprio pensamento, que trate de ler na realidade algo além do que lê nos livros e periódicos. Estudar os problemas de hoje quer dizer erradicar as idéias não pensadas, quer dizer ampliar a esfera da própria influência como propagandista, quer dizer dar um passo adiante, inclusive um bom salto de longitude a nosso movimento.

É preciso buscar as soluções enfrentando os problemas. É preciso que adotemos novos hábitos mentais. Da mesma forma que o naturalismo superou a escolástica medieval lendo o grande livro da natureza em vez dos textos aristotélicos, o anarquismo superará o pedante socialismo científico, o comunismo doutrinário fechado em suas casinhas apriorísticas e a todas as demais ideologias cristalizadas.

Entendo por anarquismo crítico um anarquismo que, sem ser cético, não se contente com as verdades adquiridas, com as fórmulas simplistas; um anarquismo idealista e ao mesmo tempo realista; um anarquismo, em definitivo, que enxerte novas verdades no tronco de suas verdades fundamentais, que saiba podar os ramos velhos.

Não um trabalho de fácil demolição, de niilismo hipercrítico, mas de renovação que enriqueça o patrimônio original e lhe agregue forças e belezas novas. Temos de realizar este trabalho agora, porque amanhã deveremos reemprender a luta, que não se encaixa bem com o pensamento, especialmente para nós que nunca podemos nos retirar das trincheiras quando recrudescer a batalha.

*Pagine Libertarie*, Milão, 20 de novembro de 1922

**CURSO 14**

**PLATAFORMA E PLATAFORMISMO**

# A PLATAFORMA ORGANIZACIONAL DOS COMUNISTAS LIBERTÁRIOS

**Dielo Trouda**

**Nestor Makhno, Ida Mett, Piotr Arshinov, Valevsky, Linsky**

## APRESENTAÇÃO

É muito significativo o fato de que, apesar da força e o caráter incontestavelmente positivo das idéias libertárias, e apesar da franqueza e integridade das posições anarquistas perante a revolução social, e finalmente o heroísmo e inúmeros sacrifícios suportados pelos anarquistas na luta pelo comunismo libertário, o movimento anarquista permanece fraco a despeito de tudo, e tem aparecido, frequentemente, na história de lutas da classe trabalhadora como um pequeno acontecimento, um episódio, e não um fator importante.

Esta contradição entre a positiva e incontestável substância das idéias libertárias, e a situação miserável na qual o movimento libertário vegeta, tem sua explicação em um número de causas, das quais a mais importante, a principal é a falta de princípios e práticas organizacionais no movimento anarquista.

Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário só pode ser descrito como "desorganização geral crônica".

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos.

No entanto, sem sombra de dúvidas, esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo: sendo esta teoria freqüentemente confundida com a total falta de responsabilidade, Os amantes da asserção 'eu', com o interesse voltado unicamente para o prazer particular, agarram-se obstinadamente ao estado caótico do movimento anarquista e citam em sua defesa os princípios imutáveis do anarquismo e seus professores.

Mas os princípios imutáveis e os professores têm mostrado exatamente o contrário.

Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem suturada é um sinal de vida e desenvolvimento. Esta negligência de luta social aplica-se tanto às classes quanto às organizações.

Anarquismo não é uma utopia bonita, nem uma idéia filosófica abstrata, é um movimento social das massas trabalhadoras. Por esta razão, deve unir forças em uma organização, agitando constantemente, como é exigido pela realidade e estratégia de luta de classe.



*"Nós estamos convictos" afirma Kropotkin, "de que a formação de uma organização anarquista na Rússia, longe de ser prejudicial à tarefa revolucionária comum, é, pelo contrário, desejável e útil no mais alto grau." (Prefácio para The Paris Comune ("A Comuna Parisiense") de Bakunin, edição de 1892.)*

Bakunin nunca se opôs ao conceito de uma organização anarquista geral. Pelo contrário, suas aspirações a respeito de organizações, assim como sua participação na primeira Internacional nos oferece razões para vê-lo justamente como um guerrilheiro ativo de uma organização como tal.

Em geral, praticamente todos os militantes anarquistas ativos lutaram contra qualquer tipo de atividade dispersiva, e desejaram um movimento anarquista soldado pela unidade em meios e fins.

Foi durante a Revolução Russa de 1917 que se sentiu mais profundamente e urgentemente a necessidade de uma organização geral. Foi durante esta revolução que o movimento libertário mostrou o maior grau de fragmentação e confusão. A falta de uma organização geral levou muitos militantes anarquistas ativos a tomar parte de postos dos bolchevistas. Esta falha é também a causa de muitos outros militantes atuais permanecerem passivos, impedindo qualquer uso de suas forças, que é freqüentemente bem considerável.

Nós temos grande necessidade de uma organização que, tendo reunido a maioria dos participantes do movimento anarquista, estabeleça no anarquismo uma linha política geral e tática a qual deve servir como um guia para o movimento inteiro.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim às infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

No entanto, não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação.

Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a idéia de criar uma organização baseada na receita da 'síntese', que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O método anarco-sindicalista não resolve o problema da organização anarquista, pois ele não dá prioridade a este problema, interessando-se somente pela penetração e aumento de forças no proletariado industrial.

Entretanto, muito coisa não pode ser realizada nesta área, até mesmo em adquirindo igualdade, a menos que haja uma organização anarquista geral.

O único método que leva à solução do problema de organização geral é, do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo.

A elaboração de tal programa é uma das principais tarefas imposta aos anarquistas pela luta social dos últimos anos. É nesta tarefa que o grupo de anarquistas russos em exílio dedica uma parte importante de seus esforços.

A Plataforma Organizacional publicada abaixo representa os esboços, o esqueleto de tal programa.

Deve servir como o primeiro passo em direção a um reagrupamento de forças libertárias em um único coletivo revolucionário ativo capaz de lutar, a União Geral dos Anarquistas.

Não temos dúvidas de que há falhas na presente plataforma. Tem falhas, assim como todos os passos novos e básicos que tenham qualquer importância. É possível que algumas posições importantes tenham sido deixadas de fora, ou que outras tenham sido tratadas de forma inadequada, ou ainda que outras tenham sido muito detalhadas ou repetitivas. Tudo isso é possível, mas não de relevância vital. O que é importante é fixar as fundações de uma organização geral, e é este propósito que é atingido, em certo grau de necessidade, pela plataforma presente.

Depende do coletivo como um todo, a União Geral dos Anarquistas, em ampliá-la, para depois dá-la profundidade, transformá-la em uma plataforma definitiva para todo o movimento anarquista.

Em outro aspecto também temos dúvidas. Nós prevemos que vários representantes de um estilo próprio individualista e anarquismo caótico irão nos atacar, espumando pela boca, e nos acusar de quebrar princípios anarquistas. Contudo, sabemos que os elementos individualistas e caóticos entendem pelo título 'princípios anarquistas' indiferença política, negligência e total falta de responsabilidade, o que tem causado em nosso movimento separações quase incuráveis, e contra as quais estamos lutando com toda nossa energia e paixão. Esta é a razão pela qual podemos calmamente ignorar os ataques provindos deste campo.

Baseamos nossa esperança em outros militantes: naqueles que permanecem fiéis ao anarquismo, tendo experimentado e sofrido a tragédia do movimento anarquista, e estão dolorosamente procurando por uma solução.

Mais ainda, colocamos grandes esperanças nos jovens anarquistas que, nascidos na respiração da Revolução Russa, e posicionados desde o início no meio de problemas construtivos, irão certamente exigir a realização de princípios positivos e organizacionais no anarquismo.

Convidamos todas as organizações anarquistas russas espalhadas em vários países do mundo, e também militantes isolados, a unir-se baseados em uma plataforma organizacional comum.

Deixem esta plataforma servir como a espinha dorsal revolucionária, o ponto de unificação de todos os militantes do movimento anarquista russo! Deixem-na formar as fundações para o União Geral dos Anarquistas!

Vida longa para a Revolução Social dos Trabalhadores do Mundo!

Paris, 20 Junho 1926

## **SEÇÃO GERAL**

### **1. Luta de Classe, seu papel e significado**

*Não há uma humanidade  
Há uma humanidade de classes  
Escravos e Senhores*

Assim como todas que a precederam, a sociedade capitalista burguesa dos nossos tempos não é

"uma humanidade". É dividida em dois campos bem distintos, diferenciados socialmente por suas situações e funções, o proletariado (no sentido mais amplo da palavra), e a burguesia.

A sina do proletariado é, e tem sido há séculos, carregar o fardo de um trabalho físico e doloroso do qual provêm seus frutos, não para eles, no entanto, mas sim para outra classe privilegiada que possui propriedade, autoridade e os produtos culturais (ciência, educação, arte): a burguesia. A escravidão e exploração social das massas trabalhadoras formam a base na qual se ergue a sociedade moderna, sem a qual esta sociedade não poderia existir.

Isto gerou uma luta de classe, por vezes, assumindo um caráter aberto e violento, e, por outras, um semblante de progresso vagaroso e inatingível, que reflete carências, necessidades e o conceito de justiça dos trabalhadores.

No domínio social, toda história humana representa uma corrente ininterrupta de lutas realizadas pelas massas trabalhadoras pelos seus direitos, liberdade e uma vida melhor. Na história da sociedade humana esta luta de classe tem sido sempre o fator primário que determinou a forma e estrutura destas sociedades.

O regime social e político de todos os estados está acima de todo e qualquer produto da luta de classe. A estrutura fundamental de qualquer sociedade nos mostra o estágio no qual a luta de classe tem gravitado e deve ser encontrada. A mínima mudança no curso das batalhas de classes, nas posições relativas nas quais se encontram as forças da luta de classe, produz modificações contínuas no tecido e na estrutura da sociedade.

Tal é o geral e universal âmbito e significado da luta de classe na vida das sociedades de classes.

## **2. A necessidade de uma revolução social violenta**

O princípio de escravidão e exploração das massas pela violência constitui a base da sociedade moderna. Todas as manifestações de sua existência: a economia, política, relações sociais, apoiam-se na violência de classe, cujos órgãos servidores são: autoridade, a polícia, o exército, o judiciário. Tudo nesta sociedade: cada empresa considerada separadamente, assim como todo o sistema de Estado, não é nada mais do que o baluarte do capitalismo, de onde eles mantêm vigília constante nos trabalhadores, de onde eles sempre têm preparadas as forças intencionadas a reprimir quaisquer movimentos feitos pelos trabalhadores que ameaçam a fundação ou até mesmo a tranquilidade daquela sociedade.

Ao mesmo tempo, o sistema desta sociedade, deliberadamente, mantém as massas trabalhadoras em um estado de ignorância e estagnação mental; ele previne através da força o aumento do seu nível moral e intelectual, a fim de obter mais facilmente o melhor aproveitamento delas.

O progresso da sociedade moderna: a evolução tecnológica do capital e a perfeição do seu sistema político, fortifica o poder das classes dominantes, e toma mais difícil a luta contra elas, desta maneira adiando o momento decisivo da emancipação dos trabalhadores.

Análises da sociedade moderna nos levam à conclusão que a única forma de transformar a sociedade capitalista em uma sociedade de trabalhadores livres é pelo caminho de uma revolução social violenta.

### **3. Anarquistas e comunismo libertário**

A luta de classe criada pela escravidão de trabalhadores e suas aspirações à liberdade geraram, na opressão, a idéia do anarquismo: a idéia da negação total a um sistema social baseado nos princípios de classes e um Estado, e sua substituição por uma sociedade livre não-estatal de trabalhadores sob gestão própria.

Portanto, o anarquismo não se origina de reflexões abstratas nem de um intelectual ou filósofo, mas sim da luta direta de trabalhadores contra o capitalismo, das carências e necessidades dos trabalhadores, das suas aspirações à liberdade e igualdade, aspirações que se tornam particularmente vivas no melhor período heróico da vida e luta das massas trabalhadoras.

Os notáveis pensadores anarquistas, Bakunin Kropotkin e outros, não inventaram a idéia de anarquismo, mas, tendo encontrado este nas massas, simplesmente ajudaram, com a força de seu pensamento e conhecimento, a especificá-lo e propagá-lo.

O anarquismo não é o resultado de esforços particulares, nem o objeto de pesquisas individuais.

De igual modo, o anarquismo não é o produto de aspirações humanitárias. Não existe uma humanidade única. Qualquer tentativa de fazer do anarquismo um atributo de toda humanidade atual, de atribuir a ele um caráter humanitário geral seria uma mentira social e histórica, que levaria, inevitavelmente, à justificação do status quo e à uma nova exploração.

O anarquismo é em geral humanitário somente no sentido de que as idéias das massas tendem a melhorar as vidas de todos os homens, e que o destino da humanidade de hoje e de amanhã é inseparável da exploração dos trabalhadores. Se as massas trabalhadoras forem vitoriosas, toda humanidade renascerá; caso contrário, violência, exploração, escravidão e opressão reinarão no mundo como antes.

O nascimento, o florescimento, e a realização de idéias anarquistas têm suas raízes na vida e na luta das massas trabalhadoras e estão inseparavelmente ligadas ao seu destino.

O anarquismo quer transformar a atual sociedade capitalista burguesa em uma sociedade que assegure ao trabalhador os produtos de seus esforços, sua liberdade, independência, e igualdade política e social. Esta outra sociedade será o comunismo libertário, no qual a solidariedade social e a individualidade livre acharão sua expressão plena, e no qual estas duas idéias se desenvolverão em perfeita harmonia.

O comunismo libertário acredita que o único criador de valor social é o trabalho, físico ou intelectual, e, conseqüentemente, somente o trabalho tem o direito de governar a vida econômica e social. Por causa disto, ele nem defende nem permite, em qualquer proporção, a existência de classes não-trabalhadoras.

Na medida em que estas classes existem simultaneamente com o comunismo libertário, o último não reconhecerá obrigações em relação a estes. Isto terá fim quando as classes não-trabalhadoras decidirem se tornar produtivas e quererem viver em uma sociedade comunista sob condições iguais para todos, as quais são a de membros sociais livres, gozando dos mesmos direitos e deveres assim como todos os outros membros produtivos.

O comunismo libertário quer pôr um fim a toda exploração e violência, sendo elas contra indivíduos ou as massas de pessoas. Para este fim, ele instituirá uma base econômica e social que unirá todas

as seções da comunidade, garantindo a cada indivíduo uma posição de igualdade entre o resto, e concedendo a cada um o máximo de bem-estar. A base é a propriedade comum de todos os meios e instrumentos de produção (indústria, transporte, terra., matéria prima, etc.) e a construção de organizações econômicas dentro dos princípios de igualdade e gestão própria das classes trabalhadoras.

Dentro dos limites dessa sociedade auto-gerenciada de trabalhadores, o comunismo libertário estabelece o princípio de igualdade de valor e direitos de cada indivíduo (não individualidade "em geral", nem de "individualidade mística", nem o conceito de individualidade, mas sim cada indivíduo real e vivo).

#### **4. A democracia burguesa é uma das formas da sociedade capitalista**

A base da democracia está na manutenção de duas classes antagônicas da sociedade moderna: a classe trabalhadora e a classe capitalista e sua colaboração na base da propriedade privada capitalista. A expressão desta colaboração é o parlamento e a representação governamental nacional.

Formalmente, a democracia proclama liberdade de fala, da imprensa, de associação, e a igualdade de todos perante a lei.

Na realidade, todas estas liberdades são de um caráter muito relativo: elas são toleradas somente enquanto elas não contestam os interesses da classe dominante isto é, a burguesia. A democracia preserva intacto o princípio da propriedade privada capitalista. Desta maneira, ela (a democracia) fornece à burguesia o direito de controlar completamente a economia do país, toda a imprensa, educação, ciência, arte - que de fato toma a burguesia senhora absoluta do país inteiro. Tendo um monopólio na esfera da vida econômica a burguesia também pode estabelecer seu poder ilimitado na esfera política. Em efeito o parlamento e o governo representativo nas democracias não passam de órgãos executivos da burguesia.

Consequentemente, a democracia é apenas um dos aspectos da ditadura burguesa, encoberta por fórmulas enganadoras de liberdades e garantias democráticas fictícias.

#### **5. A negação do Estado e Autoridade**

As ideologias da burguesia definem o Estado como o órgão que regulariza as complexas relações políticas, civis e sociais entre os homens na sociedade moderna, e protege a ordem e leis destes. Os anarquistas estão em perfeito acordo com esta definição, mas eles a completam afirmando que a base desta ordem e destas leis é a escravidão da grande maioria das pessoas pela minoria insignificante, e que é precisamente este propósito que é servido pelo Estado.

O Estado é simultaneamente a violência organizada da burguesia contra os trabalhadores e o sistema de seus órgãos executivos.

Os socialistas de esquerda, e em particular os bolchevistas também consideram o Estado e a Autoridade burgueses como empregados do capital. Mas eles mantêm que esta Autoridade e o Estado pode tornar-se, nas mãos de partidos socialistas, uma arma poderosa na luta pela emancipação do proletariado. Por esta razão, estes partidos são a favor de uma Autoridade socialista e um Estado proletário. Alguns querem conquistar poder através de meios parlamentares pacíficos (o social democrático), outros por meios revolucionários (os bolchevistas, os 'sócio-revolucionários' de esquerda).

O anarquismo considera estes dois fundamentalmente errados, desastrosos no trabalho pela emancipação dos trabalhadores.

A Autoridade sempre depende da exploração e escravidão da massa de pessoas. Ela nasce desta exploração, ou é criada dentro dos interesses desta exploração. A Autoridade sem violência e sem exploração perde toda razão de ser (raison detre).

O Estado e a Autoridade tiram toda iniciativa das massas, matam o espírito de criação e atividade livre, cultivam nelas a psicologia servil de submissão, de expectativa, de esperança de escalar a escada social, de confiança cega em seus líderes, de ilusão de compartilhamento em autoridade.

Desta maneira, a emancipação do trabalho só é possível na luta revolucionária direta das vastas massas trabalhadoras e de suas organizações de classe contra o sistema capitalista.

A conquista do poder pelos partidos sócio-democráticos através de meios, pacíficos, sob as condições da ordem em vigor atualmente, não irá colaborar no progresso da tarefa de emancipação dos trabalhadores, pela simples razão de que o poder verdadeiro, conseqüentemente a autoridade verdadeira, permanecerá com a burguesia, a qual controla a economia e a política do país. O papel da autoridade socialista, neste caso, fica reduzido ao campo das reformas: o aprimoramento deste mesmo regime. (Exemplos: Ramsay MacDonald, os partidos democráticos da Alemanha, da Suécia, da Bélgica, os quais adquiriram poder numa sociedade capitalista.)

Mais ainda, tomar o poder através de uma revolução social e organizar um assim chamado "Estado proletário" não pode servir à causa autêntica de emancipação dos trabalhadores. O Estado, imediatamente e supostamente construído pela defesa da revolução, invariavelmente termina deturpado pelas necessidades e características peculiares a si mesmo, tornando-se ele mesmo a meta, produz castas específicas e privilegiadas, e, conseqüentemente, restabelece a base da Autoridade e do Estado capitalistas; a habitual escravidão e exploração das massas através da violência. (Exemplo: "o Estado operário-camponês" dos bolchevistas.)

## **6. O papel das massas e o papel dos anarquistas na luta social e na revolução social**

As principais forças da revolução social são a classe trabalhadora urbana, as massas de camponeses e uma parte dos 'pensadores trabalhadores'.

Observação: apesar de ser uma classe explorada e oprimida assim como os proletariados urbanos e rurais, os pensadores trabalhadores são relativamente desunidos se comparados com os trabalhadores e os camponeses, graças aos privilégios econômicos concedidos pela burguesia a alguns de seus membros. É por isso que, durante os primeiros dias da revolução social, somente a camada menos favorecida dos pensadores participou ativamente.

A concepção anarquista do papel das massas na revolução social e na construção do socialismo difere-se tipicamente daquele dos partidos estadistas. Enquanto o bolchevismo e tendências afins consideram que as massas possuem somente instintos destrutivos e revolucionários, sendo incapazes de realizar atividades criativas e construtivas - a principal razão pela qual a última atividade deve concentrar-se nas mãos dos homens que formam o governo do Estado do Comitê Central do partido - os anarquistas, pelo contrário, acham que as massas trabalhadoras possuem enormes possibilidades criativas e construtivas inerentes, e os anarquistas desejam suprimir os obstáculos que impedem a manifestação destas possibilidades.

Os anarquistas consideram o Estado o principal obstáculo, que usurpa os direitos das massas e retira delas todas as funções da vida econômica e social. O Estado deve perecer, não "em algum dia" na sociedade vindoura, mas sim imediatamente. Deve ser destruído pelos trabalhadores no primeiro dia de sua vitória, e jamais deverá ser reconstituído usando qualquer outro tipo de falsa aparência. O Estado será substituído por um sistema federalista de organizações dos trabalhadores de produção e consumo, unidas federalmente e autogestionadas. Este sistema exclui tanto as organizações autoritárias quanto a ditadura de um determinado partido, qualquer que seja ele.

A Revolução Russa de 1917 demonstra precisamente esta orientação do processo de emancipação social através da criação do sistema de soviets de operários e camponeses e os comitês de fábrica. Seu triste erro foi não ter liquidado, em um momento oportuno, a organização de poder do estado: inicialmente do governo provisório, e em seguida do poder bolchevista. Os bolchevistas, aproveitando-se da confiança dos trabalhadores e dos camponeses, reorganizaram o estado burguês de acordo com as circunstâncias do momento e, conseqüentemente, mataram a atividade criativa das massas, através do apoio e da manutenção do estado: que sufocou o regime livre dos soviets e dos comitês de fábrica, o que havia representado o primeiro passo em direção à construção de uma sociedade socialista não-estatal.

A ação dos anarquistas pode ser dividida em dois períodos, um antes da revolução, e outro durante a revolução. Em ambos, os anarquistas só podem satisfazer seu papel como uma força organizada e se possuem uma concepção clara dos objetivos de sua luta e os caminhos que levam à realização destes objetivos.

A tarefa fundamental da União Geral dos Anarquistas no período pré-revolucionário deve ser a de preparar os operários e camponeses para a revolução social.

Negando a democracia formal (burguesa), a autoridade e o Estado, proclamando a total emancipação trabalhista, o anarquismo enfatiza ao máximo os rigorosos princípios da luta de classe. Isto atenta e desenvolve nas massas consciência de classe e a intransigência revolucionária da classe.

E precisamente em direção à intransigência de classe, 'anti-democratismo', anti-estadismo' das idéias do anarco-comunismo que a educação libertária das massas deve ser direcionada, mas a educação em si não é o suficiente - É também necessária uma certa organização da massa anarquista - Para realizar isto, é necessário trabalhar em dois sentidos: por um lado, trabalhar em direção à seleção e agrupamento de forças revolucionárias de trabalhadores e camponeses levando em conta uma base libertária comunista teórica (uma organização especificamente libertária comunista); por outro lado, em direção à um reagrupamento de trabalhadores e camponeses revolucionários baseado em uma economia de produção e consumo (trabalhadores e camponeses revolucionários organizados em volta da produção: trabalhadores e camponeses livres cooperativos). A classe dos trabalhadores e camponeses, organizada com base na produção e consumo, penetrada por posições anarquistas revolucionárias, será o primeiro grande ponto a favor da revolução social.

Quanto mais estas organizações estiverem conscientes e organizadas de uma maneira anarquista, como a presente, maior será a manifestação da vontade intransigente e criativa na hora da revolução.

Quanto à classe trabalhadora russa: está claro que após oito anos de ditadura bolchevista, que acorrenta as necessidades naturais de as massas terem atividade livre, a natureza verdadeira de toda e qualquer forma de poder é demonstrada melhor do que nunca; esta classe possui dentro de si grandes possibilidades para a formação de um movimento anarquista de massa. Militantes anarquistas organizados deveriam ir imediatamente, com toda força a seu dispor, encontrar-se com

estas necessidades e possibilidades, de forma que elas não se degenerem em reformismo ('menshevismo').

Com a mesma urgência, anarquistas deveriam dedicar-se à organização dos camponeses pobres, que são esmagados pelo poder estatal, procuram uma solução para o problema e escondem um enorme potencial revolucionário.

O papel dos anarquistas no período revolucionário não pode ser restrito somente à propagação das linhas mestras das idéias libertárias. A vida não é só uma arena para a propagação desta ou daquela concepção, mas também, e da mesma forma, uma arena de luta, de estratégia, e de aspirações destas concepções na gestão da vida social e econômica.

Mais do que qualquer outro conceito, o anarquismo deveria se tornar o principal conceito de revolução, pois é somente dentro da base teórica anarquista que a revolução social pode ser bem sucedida na total emancipação trabalhista.

A principal posição das idéias anarquistas na revolução sugere uma orientação de acontecimentos direcionados pela teoria anarquista.

Contudo, esta força teórica condutora não deve ser confundida com a liderança política dos partidos estatais que levam, por fim ao Poder de Estado.

O anarquismo não aspira ao poder político nem à ditadura. Sua principal aspiração é ajudar as massas a tomar o caminho autêntico da revolução social e da construção do socialismo. Mas não é o bastante que as massas tomem o caminho da revolução social. É também necessário manter esta orientação de revolução e seus propósitos: a supressão da sociedade capitalista em nome dos trabalhadores livres. Como a experiência da revolução russa de 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, principalmente por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento para uma direção oposta à da revolução social.

Apesar de as massas se expressarem profundamente nos movimentos sociais, em termos de tendências e princípios anarquistas, estas tendências e princípios ainda permanecem dispersos, sendo descoordenados, e, conseqüentemente, não levam à organização da força condutora das idéias libertárias, a qual é necessária para a preservação da orientação anarquista e dos objetivos da revolução social. Esta força condutora teórica só pode ser expressada por um coletivo criado especialmente pelas massas com esse propósito. Os elementos anarquistas organizados constituem exatamente este coletivo.

As massas exigem uma resposta clara e precisa dos anarquistas a respeito destas e de muitas outras questões. E, a partir do momento que os anarquistas declaram uma concepção de revolução e da estrutura da sociedade, eles são obrigados a dar uma resposta clara à todas estas questões, relacionar a solução destes problemas à concepção geral de comunismo libertário, e devotar todas suas forças à realização destes.

Somente desta forma a União Geral dos Anarquistas e o movimento anarquista asseguram completamente sua função como forças teóricas condutoras na revolução social.

## **7. O período de transição**

Os partidos socialistas entendem a expressão 'período de transição' como sendo uma fase definitiva na vida do povo cujos traços característicos são: ruptura com a velha ordem e a instalação de um



novo sistema econômico e social - um sistema que, no entanto, ainda não representa a total emancipação dos trabalhadores. Neste sentido, todos os programas mínimos\* (Um programa mínimo não tem o objetivo de transformar o capitalismo, mas sim de solucionar alguns dos problemas imediatos que assolam a classe trabalhadora sob o regime capitalista.) dos partidos políticos socialistas, por exemplo, o programa democrático dos oportunistas socialistas ou o programa comunista pela 'ditadura do proletariado', são programas do período de transição.

O traço essencial de todos estes é que eles consideram impossível, no momento, a concretização completa dos ideais dos trabalhadores: sua independência, liberdade e igualdade - e, conseqüentemente, preservam várias instituições do sistema capitalista: o princípio de coerção estatal, privatização dos meios e instrumentos de produção, a burocracia, e muitos outros, de acordo com as metas do programa de cada partido.

A princípio, os anarquistas sempre têm sido inimigos de tais programas, considerando-se que a construção de sistemas de transição, que mantêm os princípios de exploração e coerção das massas, levam, inevitavelmente, a um novo crescimento da escravidão.

Em vez de estabelecer programas mínimos políticos, os anarquistas sempre defenderam a idéia de uma revolução social imediata, que prive a classe capitalista de seus privilégios econômicos e sociais, e coloque os meios e instrumentos de produção e todas as funções da vida econômica e social nas mãos dos trabalhadores.

Até agora, foram os anarquistas que mantiveram este posicionamento.

A idéia do período de transição, de acordo com o qual a revolução social deve levar não à uma sociedade comunista, mas sim a um sistema X, mantendo elementos do velho sistema. é anti-social em essência. Ele ameaça resultar em um reforço e desenvolvimento destes elementos às suas dimensões anteriores, e isto seria como dar um passo para atrás.

Um flagrante exemplo disto é o regime de 'ditadura do proletariado' estabelecido pelos bolchevistas na Rússia.

De acordo com eles, o regime deve ser somente uma passo transitório rumo ao comunismo total. Na verdade, este passo resultou na restauração da sociedade de classes, na qual os trabalhadores e camponeses voltaram a ficar por baixo.

O centro de gravidade para a construção de uma sociedade comunista não consiste na possibilidade de assegurar a cada indivíduo liberdade ilimitada para satisfazer suas necessidades a partir do primeiro dia de revolução; mas consiste na conquista da base social desta sociedade, e estabelecimento dos princípios de relacionamentos igualitários entre os indivíduos. Quanto à questão da abundância, maior ou menor, ela não se posiciona ao nível de princípios, mas sim como um problema técnico.

O princípio fundamental sobre o qual a nova sociedade será erigida e posicionada, e que não deve ser restrito de qualquer forma é aquele de igualdade de relacionamentos, de liberdade e independência dos trabalhadores. Este princípio representa a primeira exigência fundamental das massas, pelo qual elas se erguem em uma revolução social.

Ou a revolução social terminará com a derrota dos trabalhadores, que seria o caso de recomeçarmos novamente a preparação da luta, uma nova ofensiva contra o sistema capitalista-, ou levará à vitória dos trabalhadores, e neste caso, tendo conquistado os meios que permitem auto-gestão - a terra, produção, e funções sociais, os trabalhadores começarão a construção de uma sociedade livre.

Isto é o que caracteriza o início da construção de uma sociedade comunista, que, uma vez começada, continua seguindo o rumo de seu desenvolvimento sem interrupções, reforçando-se e aprimorando-se continuamente.

Desta forma, a tomada das funções sociais e produtivas por parte dos trabalhadores, traçará uma linha exata de demarcação entre as eras estatal e não-estatal.

Se deseja se tornar um porta-voz das massas combatentes, a bandeira de toda uma era de revolução social, o anarquismo não deve assimilar traços da velha ordem em seu programa, as tendências oportunistas de sistemas e períodos de transição, não escondem seus princípios fundamentais, mas, pelo contrário, os desenvolve e aplica o máximo possível.

## **8. Anarquismo e sindicalismo**

Consideramos a tendência de opor comunismo libertário a sindicalismo, e vice-versa, artificial e desprovida de fundamento e significado.

As idéias do anarquismo e as do sindicalismo pertencem a dois planos diferentes. Enquanto o comunismo, isto é, uma sociedade de trabalhadores livres, é a meta da luta anarquista - sindicalismo, isto é, o movimento revolucionário de trabalhadores nas suas ocupações, é somente uma das formas de luta de classe revolucionária. Através da união de trabalhadores baseada na produção, o sindicalismo revolucionário, como todos os grupos baseados em profissões, não possui uma teoria determinada, não possui uma concepção do mundo que responda todas as complicadas questões sociais e políticas da realidade contemporânea. O sindicalismo sempre reflete as ideologias de diversos grupos políticos, notavelmente daqueles que trabalham mais intensamente em seus postos.

Nossa postura perante o sindicalismo revolucionário origina-se do que será dito em seguida. Sem querer tentar solucionar com antecedência a questão de papel dos sindicatos revolucionários após a revolução, se eles serão os organizadores de uma nova produção, ou se deixarão esta função para os comitês de fábricas ou os soviets de trabalhadores - julgamos que os anarquistas devem participar do sindicalismo revolucionário como sendo uma das formas do movimento revolucionário dos trabalhadores.

Contudo, a questão colocada hoje não é se os anarquistas devem ou não participar do sindicalismo revolucionário, mas sim como e para que fim eles devem tomar parte.

Consideramos o período, até o dia de hoje, quando os anarquistas entraram no movimento sindicalista como indivíduos e propagandistas, como um período de relações artesanais direcionadas ao movimento dos trabalhadores profissionais.

O anarco-sindicalismo, tentando introduzir forçosamente as idéias libertárias na ala esquerda do sindicalismo revolucionário como sendo uma forma de criar tipos de sindicatos anarquistas, representa um passo para frente, porém ainda não deixa de ser um método empírico\*, pois o anarco-sindicalismo não necessariamente une a 'anarquização' do movimento sindicalista com aquela dos anarquistas organizados fora do movimento. Pois somente dentro desta base, de tal ligação, que o sindicalismo revolucionário pode ser 'anarquizado' e impedido de se direcionar ao oportunismo ou reformismo.

Considerando o sindicalismo somente como um corpo profissional de trabalhadores sem uma teoria

social e política coerente, e, conseqüentemente, sem poder para resolver a questão social sozinho, acreditamos que as tarefas dos anarquistas nos postos do movimento consiste em desenvolver a teoria libertária, e conduzi-lo em uma direção libertária, a fim de transformá-lo em um braço ativo da revolução social. É preciso ter sempre em mente que, se o sindicalismo não achar na teoria anarquista um apoio nos momentos oportunos, ele se dirigirá, com ou sem nossa aprovação, para a ideologia de um partido político estatal.

As funções dos anarquistas nos postos do movimento revolucionário dos trabalhadores puderam ser concretizadas somente sob as condições de seus trabalhos estarem diretamente ligados e costurados à atividade da organização anarquista fora do sindicato. Em outras palavras, devemos entrar em sindicatos revolucionários como uma força organizada, responsável por executar metas no sindicato perante a organização anarquista geral e orientada por ela.

Sem nos restringirmos apenas à criação de sindicatos anarquistas, devemos exercitar nossa influência teórica em todos os sindicatos, e de todas as formas (a IWW, o sindicato russo). Só podemos conquistar este objetivo trabalhando em coletivos anarquistas rigorosamente organizados; mas nunca em pequenos grupos empíricos, que não têm entre eles nem uma ligação organizacional nem um acordo teórico.

Grupos anarquistas em companhias, fábricas e oficinas de trabalhos, preocupados em criar sindicatos anarquistas, levando a luta em sindicatos revolucionários para a dominação das idéias libertárias no sindicalismo, grupos cujas ações são organizadas por uma organização anarquista geral: estes são as formas e os meios das posturas anarquistas quanto ao sindicalismo.

\* baseado em observações ou experiências e não em teoria.

## **SEÇÃO CONSTRUTIVA**

A meta fundamental dos trabalhadores na luta é a fundação, por meio da revolução, de uma sociedade comunista livre e igualitária fundada no princípio "de cada um de acordo com sua habilidade, para cada um de acordo com suas necessidades".

No entanto, esta sociedade não surgirá sozinha, somente pela força da revolução. Sua concretização se dará por um processo de revolução social, mais ou menos esquematizado, orientado pelas forças organizadas dos trabalhadores vitoriosos em um caminho determinado.

A nossa função é indicar este caminho a partir de agora, e formular problemas concretos e positivos que ocorrerão aos trabalhadores desde o primeiro dia de revolução social, o resultado que depende dos acertos de suas soluções.

É evidente que a construção de uma nova sociedade só será possível após a vitória dos trabalhadores em cima do sistema capitalista burguês e seus representantes. É impossível começar a construção de uma nova economia e novas relações sociais enquanto o poder do estado, que defende o regime de escravidão, não tiver sido esmagado, enquanto trabalhadores e camponeses não tiverem tomado, como o objeto da revolução, a economia industrial e agrícola.

Conseqüentemente, a primeira tarefa social revolucionária é esmagar o edifício estatal do sistema capitalista, desapropriar a burguesia e todos os elementos privilegiados em geral dos seus meios de poder, e estabelecer acima de tudo a vontade de revolta dos trabalhadores, como é expressado pelos

princípios fundamentais da revolução social. Este aspecto agressivo e destrutivo da revolução só pode servir para limpar o caminho para as tarefas positivas que formam o significado e a essência da revolução social-

Estas tarefas são as que se seguem:

1. A solução, no sentido comunista libertário, do problema da produção industrial do país.
2. Similarmente, a solução do problema agrário.
3. A solução do problema de consumo.

## **Produção**

Levando-se em conta que a indústria de um país é o resultado dos esforços de várias gerações de trabalhadores e que as diversas ramificações da indústria estão fortemente ligadas, consideramos toda produção efetiva como uma única oficina de trabalho de produtores, pertencendo totalmente a todos os trabalhadores juntos, e não a alguém em particular.

O mecanismo produtivo do país é global e pertence à toda classe trabalhadora. Esta tese determina o caráter e as formas da nova produção. Ela também será global, comum no sentido que os produtos produzidos pelos trabalhadores pertencerão a todos. Estes produtos, de qualquer categoria que sejam, o fundo geral de provisões para os trabalhadores, onde cada um que participar na produção receberá aquilo que precisar, de uma forma igual para todos.

O novo sistema de produção suplantará totalmente a burocracia e a exploração em todas as suas formas e estabelecerá em seu lugar o princípio de cooperação fraternal e solidariedade entre os trabalhadores.

A classe média, que em uma sociedade capitalista moderna exercita funções intermediárias - comércio, etc., assim como a burguesia, deve tomar parte do novo modo de produção sob as mesmas condições que todos os outros trabalhadores. Caso contrário, estas classes se posicionarão fora da sociedade de trabalho.

Não haverão chefes, nem empreendedores, proprietário ou proprietário indicado pelo Estado (como é o caso atual do estado bolchevista). Nesta nova produção, a gestão será repassada para a administração especialmente criada pelos trabalhadores: soviets de trabalhadores, comitês de fábrica ou gestão pelos trabalhadores de trabalhos e fábricas. Estes órgãos, interligados ao nível de comuna, distrito e finalmente a gestão geral e federal da produção. Construídos pelas massas e sempre sob seu controle e influência, todos estes órgãos constantemente renovados e realizadores da idéia de autogestão, autogestão verdadeira, pelas massas populares.

Produção unificada, na qual os meios e os produtos pertencem a todos, tendo substituído a burocracia pelo princípio de cooperação fraternal e tendo estabelecido direitos iguais para todo tipo de trabalho, da gestão produtiva feito pelos órgãos do controle dos trabalhadores, eleito pelas massas, é o primeiro passo verdadeiro no caminho para a realização do comunismo libertário.

## **Consumo**

Este problema aparecerá durante a revolução em duas formas:

1. O princípio da procura por produtos e consumo.
2. O princípio de sua distribuição.

Naquilo que concerne a distribuição de mercadorias aos consumidores, a solução depende sobretudo da quantidade de produtos disponíveis e do princípio de acordo de alvos.

A revolução social, preocupando-se com a reconstrução de toda ordem social, toma para si também a obrigação de satisfazer as necessidades de vida de todos. A única exceção é do grupo dos não trabalhadores - aqueles que se negam a tomar parte na nova produção por razões contra-revolucionárias. Mas em geral, excetuando-se a última categoria de pessoas, a satisfação das necessidades de todos na área da revolução é assegurada pela reserva geral de mercadorias. No caso da insuficiência de mercadorias, elas são divididas de acordo com o princípio de maior urgência, isto é, o caso de crianças, inválidos e famílias trabalhadoras.

Um problema ainda mais difícil é a organização de uma base para o consumo em si.

Sem dúvidas, desde o primeiro dia da revolução, as fazendas não oferecerão todos os produtos vitais à vida da população. Ao tempo que os camponeses têm em abundância que falta às cidades.

Os comunistas libertários não têm dúvidas sobre o relacionamento mútuo existente entre os trabalhadores da cidade e os do campo. Eles acreditam que a revolução social só pode ser realizada através dos esforços iguais de trabalhadores e camponeses. Em consequência, a solução do problema de consumo na revolução só será possível por meio de uma colaboração revolucionária direta entre estas duas categorias de trabalhadores.

Para estabelecer esta colaboração, a classe trabalhadora urbana, tendo assumido a produção, deve imediatamente suprir as necessidades de sobrevivência do campo e esforçar-se por prover os produtos, meios e implementos usados na agricultura coletiva diariamente. As medidas de solidariedade tomadas pelos trabalhadores quanto às necessidades dos camponeses, provocarão como resposta destes o mesmo tipo de gesto, a provisão do produto do seu trabalho coletivo para as cidades.

As cooperativas de trabalhadores e camponeses serão os principais órgãos, assegurando às cidades e o campo suas necessidades em alimentação e materiais econômicos. Mais tarde, sendo também responsáveis por funções mais importantes e permanentes, como fornecer tudo que seja necessário para garantir e desenvolver a vida social e econômica dos trabalhadores e camponeses, estas cooperativas serão transformados em órgãos permanentes encarregados de prover cidades e campo.

Esta solução para o problema de provisão permite ao proletariado criar um estoque permanente de provisões, que terá um efeito favorável e decisivo no resultado de toda nova produção.

## **A terra**

Para a solução do problema agrário, acreditamos serem os camponeses trabalhadores, que não exploram o trabalho de outros - e o proletariado assalariado do campo as principais forças revolucionárias e criativas. Sua tarefa será efetivar a redistribuição de terras no campo de forma a estabelecer o uso e exploração da terra de acordo com princípios comunistas.

Como a indústria, a terra, explorada e cultivada por sucessivas gerações de trabalhadores, é o produto dos seus esforços. Também pertence a todos os trabalhadores e a ninguém em particular, visto que é propriedade comum e inalienável dos trabalhadores, a terra nunca mais pode ser comprada, vendida ou alugada: ela não pode, portanto, servir como um meio de exploração do trabalho de outros.

A terra é também uma espécie de oficina de trabalho geral e pública, onde as pessoas produzem os meios pelos quais vivem. Mas é o tipo de oficina onde cada trabalhador (camponês) se acostumou, graças à certas condições históricas, a realizar seu trabalho sozinho, independente de outros produtores. Enquanto, na indústria, o método coletivo de trabalho é essencial e o único caminho possível nos dias de hoje, a maioria dos camponeses cultiva a terra por conta própria.

Consequentemente, quando a terra e os meios para sua exploração são assumidos pelos camponeses, sem possibilidade de venda ou arrendamento, a questão das formas de utilização e os métodos de exploração (comunitário ou familiar) não achará uma solução completa e definitiva imediatamente, como no setor industrial. De início, provavelmente ambos os métodos serão usados.

Serão os próprios camponeses revolucionários que estabelecerão os termos definitivos de exploração e utilização da terra. Nenhuma pressão vinda de fora será possível quanto à esta questão.

Contudo, já que consideramos que somente uma sociedade comunista, pela qual a revolução social será realizada, retira os trabalhadores da sua situação de escravidão e exploração e lhes dá total liberdade e igualdade; já que os camponeses constituem a grande maioria da população (quase 85% na Rússia na época tratada aqui) e, consequentemente, o regime agrário que eles estabeleceram será o fator decisivo do destino da revolução; e, finalmente, já que uma economia privada para a agricultura, assim como em uma indústria privada, leva a um comércio, acumulação, propriedade privada e restauração de capital - nosso dever será o de fazer tudo possível, desde agora, para facilitar a solução do problema agrário de uma forma coletiva.

Para tal, precisamos, desde já, nos engajar em uma propaganda enérgica entre os camponeses a favor de uma economia agrária coletiva.

A fundação de um sindicato especificamente dos camponeses libertários, facilitará consideravelmente esta tarefa.

A respeito disto, o progresso técnico será de grande importância, facilitando a evolução da agricultura, assim como a concretização do comunismo nas cidades e, acima de tudo, na indústria. Se os trabalhadores industriais agirem junto aos camponeses, não individualmente ou em grupos separados, mas sim como um imenso coletivo comunista, abraçando todos os ramos da indústria; se, além disso, eles manterem em mente as necessidades do campo e se, ao mesmo tempo, suprirem cada vila com coisas usadas diariamente, ferramentas e máquinas para a exploração coletiva das terras, os camponeses se sentirão impelidos a aplicar o comunismo na agricultura.

## **A defesa da revolução**

A questão da defesa da revolução também está ligada ao problema do 'primeiro dia'. Basicamente, o meio mais poderoso para a defesa da revolução é a solução feliz para seus problemas positivos: produção, consumo, e a terra. Assim que se resolver corretamente estes problemas, nenhum contrarrevolucionário será capaz de alterar ou desequilibrar a sociedade livre de trabalhadores. No entanto, os trabalhadores terão de sustentar uma luta ferrenha contra os inimigos da revolução, a fim de manter sua existência concreta.

A revolução social, que ameaça os privilégios e a própria existência das classes não-trabalhadoras da sociedade, provocará inevitavelmente uma resistência desesperada por parte destas classes, que tomará a forma de uma violenta guerra civil.

Como podemos perceber pelo que aconteceu na Rússia, uma guerra civil como tal não será uma

questão de poucos meses, mas sim de muitos anos.

Não importando quão bem sucedidos sejam os primeiros passos dos trabalhadores no início da revolução, as classes dominantes irão conservar uma enorme capacidade de resistência por muito tempo. Por muitos anos elas irão lançar ofensivas contra a revolução, tentando reconquistar o poder e os privilégios dos quais foram desprovidas.

Uma grande exército, estratégias e técnicas militares, capital - serão jogados contra os trabalhadores vitoriosos.

De forma a preservar as conquistas da revolução, os trabalhadores devem criar órgãos para a defesa da revolução, para assim fazer oposição às ofensivas reacionárias com uma força guerrilheira que corresponda à magnitude da tarefa. Nos primeiros dias da revolução, esta força guerrilheira será formada por todos os trabalhadores e camponeses armados. Mas esta força armada espontânea só será valiosa durante os primeiros dias, antes de a guerra civil alcançar seu pico e os dois partidos em luta terem criado organizações militares regularmente constituídas.

Na revolução social o momento mais crítico não é durante a supressão da Autoridade, mais sim o que se segue, que é quando as forças do regime derrotado lançam uma ofensiva geral contra os trabalhadores, e quando se trata de uma questão de se guardar bem as conquistas sob ataque. O caráter próprio desta ofensiva, assim como as técnicas e o desenvolvimento da guerra civil, obrigarão os trabalhadores a criar certos contingentes militares revolucionários. A essência e os princípios fundamentais desta formação deverão ser decididos com antecedência. Ao negar os métodos de governo estatais e autoritários, também estaremos negando o método estatal de organizar as forças militares de trabalhadores, em outras palavras, os princípios de um exército estatal baseado no serviço militar obrigatório. Sendo coerente com as posições fundamentais do comunismo libertário, o princípio de serviço voluntário deve ser a base das formação militares de trabalhadores. As repartições de guerrilheiros insurgentes, trabalhadores e camponeses, que lideraram a ação militar na revolução russa, podem ser citadas como exemplos de tais formações.

No entanto, 'serviço voluntário' e a ação de guerrilheiros não deve ser entendida no sentido estrito da palavra, que é o de uma luta de repartições de trabalhadores e camponeses contra o inimigo local, não coordenada por um plano geral de operação e cada uma agindo sob sua própria responsabilidade, sob seu próprio risco. A ação e as táticas usadas pelos guerrilheiros no período de seu desenvolvimento completo devem ser guiadas por uma estratégia revolucionária comum.

Como em todas as guerras, a guerra civil não pode ser financiada com êxito pelos trabalhadores, a menos que eles apliquem os dois princípios fundamentais de qualquer ação militar: unidade no planejamento de operações e unidade de comando em comum. O momento mais crítico da revolução virá quando a burguesia marchar contra a revolução como uma força organizada. Este momento crítico obriga os trabalhadores a adotar estes princípios de estratégia militar.

Desta maneira, em vista das necessidades impostas pela estratégia militar e também pela estratégia contra-revolucionária, as forças armadas da revolução deve, inevitavelmente, ser baseada em um exército revolucionário geral com um comando em comum e planejamento de operações. Os princípios que se seguem formam a base para este exército.

(a) o caráter de classe do exército;

(b) serviço voluntário (qualquer coação será completamente excluída da tarefa de defender a revolução);

(c) disciplina revolucionária livre (autodisciplina) (serviço voluntário e autodisciplina revolucionária são perfeitamente compatíveis, e dão ao exército revolucionário mais moral do que qualquer exército do estado);

(d) submissão total do exército revolucionário às massas de trabalhadores e camponeses como são representadas pelas organizações de trabalhadores e camponeses comum por todo país, e estabelecidas pelas massas nos setores de controle da vida econômica e social.

Em outras palavras, o órgão de defesa da revolução, responsável por combater a contra-revolução, por grandes frentes militares assim como por uma frente interna (complôs burgueses, preparação para ação contra-revolucionária), estará inteiramente sob a jurisdição das organizações produtivas dos trabalhadores e camponeses, às quais será submisso, e pelas quais receberá seu direcionamento político.

Observação: ao mesmo tempo que deve ser conduzido em conformidade com princípios comunistas libertários definitivos, o exército em si não deve ser considerado um ponto de princípio. Não é nada além de uma conseqüência de estratégia militar na revolução, uma medida estratégica que os trabalhadores são fatalmente forçados a tomar devido o processo de guerra civil. Mas esta medida deve chamar atenção a partir de agora. Deve ser estudada cuidadosamente a fim de evitar quaisquer contratemplos irreparáveis no trabalho de proteção e defesa da revolução, pois os contratemplos em uma guerra civil podem provar ser desastrosos ao resultado de toda revolução social.

## **SEÇÃO ORGANIZACIONAL**

As posições gerais, construtivas expressadas acima constituem a plataforma organizacional das forças revolucionárias do anarquismo.

Esta plataforma, contendo uma orientação tática e teórica definitiva, parece ser o mínimo necessário e urgente para reunir todos os militantes do movimento anarquista organizado.

Sua tarefa é agrupar ao seu redor todos os elementos saudáveis do movimento anarquista em uma organização geral, ativa e agitadora em uma base permanente: a União Geral dos Anarquistas. As forças de todos os militantes anarquistas devem ser orientadas em direção à criação desta organização.

Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de anarquistas são os seguintes:

### **1. Unidade Teórica**

A teoria representa a força que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente, ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral. Qualquer atividade realizada pela União Geral, tanto no global quanto em seus detalhes, deve estar em perfeita concórdia com os princípios teóricos professados pelo coletivo.

### **2. Unidade Tática ou o Método Coletivo de Ação**

Da mesma forma, os métodos táticos aplicados pelos membros e grupos isolados dentro da União devem ser unitários, ou seja, estar em concórdia rigorosa tanto entre si quanto com a teoria e a tática da União.



Uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias táticas que se opõem entre si, concentra as forças do movimento, oferece à elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

### **3. Responsabilidade Coletiva**

A prática de agir sob a responsabilidade de um indivíduo deve ser decididamente condenada e rejeitada nos postos do movimento anarquista. As áreas da vida revolucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A atividade social revolucionária nestas áreas não pode ser baseada na responsabilidade de indivíduos militantes.

O órgão executivo do movimento anarquista geral, a União Anarquista, ao tomar uma posição definitiva contra a tática de individualismo irresponsável, introduz em seus postos o princípio de responsabilidade coletiva: a União toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária de União como um todo.

### **4. Federalismo**

O anarquismo sempre negou o conceito de organização centralizada, tanto na área da vida social das massas quanto na sua ação política. O sistema centralizado depende na diminuição do espírito crítico, iniciativa e independência de cada indivíduo e na submissão cega das massas ao 'centro'. As consequências naturais e inevitáveis deste sistema são a escravidão e a mecanização da vida social e da vida da organização.

Sendo contra a centralização, o anarquismo sempre professou e defendeu o princípio de federalismo, que concilia a independência e a iniciativa dos indivíduos e da organização que servem à causa comum.

Ao conciliar a idéia de independência e alto grau dos direitos de cada indivíduo com o serviço das carências e necessidades sociais, o federalismo abre as portas para toda manifestação saudável das faculdades de todo indivíduo.

Mas, freqüentemente, o princípio federalista tem sido deformado nos postos anarquistas: ele tem sido interpretado como o direito, acima de tudo, de manifestar o 'ego' de alguém, sem a obrigação de arcar com os deveres para com a organização,

Esta falsa interpretação já desorganizou nosso movimento no passado. Está na hora de pôr um fim a isso de uma forma firme e irreversível.

A federação significa a concordância livre entre indivíduos e organizações a trabalhar coletivamente em rumo a um objetivo comum.

Contudo, tal acordo e federação, que é baseada nele, só poderão se tornar realidade, ao invés de ficção ou ilusão, sob as condições essenciais de que todos os participantes do acordo e a União cumpram completamente os deveres assumidos, e conforme as decisões compartilhadas. Em se tratando de um projeto social, independente de quão vasta seja a base federalista na qual é construído, não podem haver decisões que não sejam executadas. É ainda menos admissível em uma organização anarquista, que assume exclusivamente obrigações relacionadas aos trabalhadores

e sua revolução social.

Consequentemente, o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas.

Somente com esta condição o princípio federalista terá vida, e a organização anarquista funcionará corretamente, e se guiará em direção do objetivo definido.

A idéia da União Geral dos Anarquistas expõe o problema de coordenação e concordância das atividades de todas as forças do movimento anarquista.

Cada organização aderente à União representa uma célula vital do organismo todo. Cada célula deve ter seu secretariado, executando e guiando teoricamente o trabalho político e técnico da organização.

Visando a coordenação da atividade de todas as organizações aderentes da União, um órgão especial será criado: o comitê executivo da União. O comitê será responsável pelas seguintes funções: a execução das decisões tomadas pela União com as quais são confiados; a orientação teórica e organizacional da atividade de organizações isoladas consistente com as posições teóricas e a linha geral tática da União; a monitoração do estado geral do movimento; a manutenção das relações de trabalho e organizacionais entre todas as organizações da União; e com outras organizações.

Os direitos, responsabilidades e tarefas efetivas do comitê executivo são fixados pelo congresso da União. A União Geral dos Anarquistas tem uma meta concreta e determinada. Em nome do sucesso da revolução social ela deve, acima de tudo, atrair e absorver os elementos mais revolucionários e altamente críticos dos operários e camponeses.

Exaltando a revolução social, e mais ainda, sendo uma organização anti-autoritária que aspira à abolição da sociedade de classes, a União Geral dos Anarquistas depende igualmente da duas classes fundamentais da sociedade: os operários e os camponeses. Ela põe peso igual sob o trabalho de emancipação destas duas classes.

Quanto aos sindicatos dos trabalhadores e as organizações revolucionárias das cidades, a União Geral dos Anarquistas terá de dedicar todos os seus esforços para ser seu pioneiro e guia teórico.

Ela assume a mesma tarefa em relação às massas exploradas de camponeses. Assim como pretende ter o mesmo papel que o sindicato revolucionário dos trabalhadores, a União se esforça por efetivar a criação de uma rede de organizações econômicas revolucionárias dos camponeses, além disso, uma união específica de camponeses, fundada a partir de princípios anti-autoritários.

Nascida da massa de pessoas trabalhadoras, a União Geral deve tomar parte de todas as manifestações de suas vidas, levando a eles o espírito de organização, perseverança e ofensiva em todas as ocasiões. Somente desta forma ela poderá concretizar sua tarefa, sua missão teórica e histórica na revolução social dos trabalhadores, e se tornar a vanguarda organizada do seu processo de emancipação.

# A PLATAFORMA ANARQUISTA

## Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás

### INTRODUÇÃO

A presente cartilha de formação política tem como objetivo compreender o plataformismo e, principalmente, identificar as contribuições que consideramos ainda relevantes para a atuação dos anarquistas na atualidade.

Por plataformistas entendemos todos os militantes que de uma forma ou de outra se organizaram e guiaram a sua organização tendo como orientação o esqueleto programático exposto no documento histórico chamado: PLATAFORMA ORGANIZACIONAL DOS ANARQUISTAS, ou simplesmente, a PLATAFORMA, como ficou conhecido.

Este documento foi criado em 1926 por um grupo de anarquistas russos exilados da revolução russa, grupo que editava a revista “Dielo Trouda”.

Tratava-se de um grupo de revolucionários que atuaram na revolução russa, impulsionando experiências de luta popular e revolucionária e viram o fracasso dos anarquistas e a vitória bolchevique.

Makhno e demais companheiros do grupo Dielo Trouda atuaram na Ucrânia, onde ajudaram a impulsionar um movimento armado de massas denominado makhnovistchina. Este movimento de caráter autogestionário e federalista era formado essencialmente por camponeses e operários (prevalecendo os primeiros) e resistiu contra o Exército Branco e o Exército Vermelho durante anos, sendo por fim, esmagado pelas forças bolcheviques.

A frustração dos anarquistas na revolução russa, levaram estes anarquistas russos militantes a produzirem uma auto-crítica sobre o anarquismo e sua atuação. Criticando o anarco-individualismo e a desorganização geral que reinava no chamado movimento anarquista, o grupo de anarquistas russos fizeram um resgate do anarquismo militante, combativo e classista defendendo a necessidade de uma organização especificamente anarquista, com atuação social e firmada em um programa revolucionário comum e coeso.

A Plataforma era nada mais do que um esqueleto deste programa. Era uma tentativa de criar um esboço de primeiras definições teóricas e programáticas que pudesse servir como ponto de unificação dos anarquistas mais combativos e orgânicos do mundo inteiro em torno de uma organização anarquista geral: a UNIÃO GERAL DOS ANARQUISTAS.

A Plataforma assim não era um projeto acabado, era apenas um esboço que deveria ser melhor desenvolvido pela organização anarquista geral. Entretanto, este esboço deixou marcas profundas, desde críticas de diversos anarquistas de distintas extrações, como também serviu de guia para anarquistas de todas as partes do mundo.

Após a Plataforma, os plataformistas se colocaram na função de colocar para frente o processo de construção da União Geral dos Anarquistas. Para isso, organizaram um Conferência Internacional afim de afinar alguns pontos centrais para a unificação em torno de uma organização especificista.

Uma reunião preliminar à Conferência ocorreria no dia 12 de fevereiro de 1927. Nesta reunião, estavam presentes delegados do agrupamento polaco anarquista, da Juventude Anarquista Francesa, e outros militantes da Bulgária, da China e da Espanha.

A reunião preparou a Conferência internacional que ocorreu no dia 20 de abril de 1927 em Hay-Les-Roses, próximo a Paris. Além dos demais militantes presentes na reunião de preparação, na Conferência tomaram lugar delegados do periódico italiano “*Pensiero e Volontà*”, dentre eles estava Luigi Fabbri, além de delegados franceses,

A proposta discutida na Conferência foi a seguinte:

- Reconhecer a luta de classes como o aspecto mais importante da idéia anarquista;
- Reconhecer o Anarco-Comunismo como a base do movimento;

- Reconhecer o sindicalismo como o principal método de luta;
- Reconhecer a necessidade de um 'Sindicato Geral de Anarquistas', baseado na tática e unidade ideológica, e na responsabilidade coletiva;
- Reconhecer a necessidade de um programa positivo para realizar a revolução social.

A proposta gerou uma grande discussão e a reformulação de **algumas delas**. Entretanto, não muito pôde se afinar pois o local foi invadido pela polícia, caindo presos todos os delegados anarquistas presentes.

A iniciativa de iniciar a construção de uma Organização Anarquista Geral era assim abortada e após isso o Grupo de Anarquistas Russos no Exílio não conseguiu coloca-la em prática.

Entretanto, alguns anos depois, a Plataforma começava a aparecer na prática em todo o mundo. E talvez seja hoje o momento de sua maior influência. Organizações como a FdCA (Itália), a OCL (França), a AL (França) e a WSM (Irlanda). A NEFAC nos EUA /CANADÁ, a FAU, no Uruguai, a OSL na Argentina, OCL no Chile e a ZACF na África do Sul ainda que não se definam todas como plataformistas, são organizações que se orientam por critérios muito próximos aos critérios plataformistas. São organizações especificistas, que sabem da importância de diferenciar os níveis político e social e atuar no interior dos movimentos sociais impulsionando movimentos cada vez mais combativos, horizontais e revolucionários.

Esta cartilha, objetivando definir a importância do programa exposto na plataforma para os tempos atuais identifica os seguintes pontos:

1) a crítica ferrenha dos plataformistas ao que era chamado “movimento anarquista” da época com base na experiência revolucionária que tiveram no interior da revolução russa. Assim, apontar a crítica à desorganização e individualismo anarquista mundial era fundamental para iniciar um novo rumo orgânico, militante e combativo para o anarquismo revolucionário e consideramos ainda hoje importante para sabermos como avançar.

2) a definição de um método de organização anarquista, nem sintetista, nem anarco-sindicalista, mas uma organização com unidade de programa e responsabilidade coletiva.

3) a elaboração de uma definição classista do anarquismo, dissociando do anarquismo todos os vícios filosóficos abstratos, vagos e distantes da luta da classe explorada.

4) diferenciação dos níveis político e social e definição clara do papel da organização anarquista no interior do movimentos sociais.

5) definição concreta do objetivo finalista (comunismo libertário) levando em consideração a importância do trabalho como centro da revolução social.

6) crítica à idéia de período de transição bolchevique, mas sabendo definir o comunismo libertário como um processo a longo prazo, sendo que alguns elementos dele são fundamentais para o primeiro dia da revolução.

7) definição de um método para os órgãos de defesa da revolução.

## **1) A DESORGANIZAÇÃO GERAL CRÔNICA DOS ANARQUISTAS**

Os plataformistas surgiram como uma forma de resgatar o caráter militante, classista e orgânico do anarquismo na década de 20.

A Plataforma é um fruto direto da Revolução Russa. Trata-se de um amadurecimento em relação a experiência frustrada dos anarquistas na revolução, uma tentativa de apresentar novos rumos para o anarquismo tendo em vista os erros cometidos por eles durante o processo revolucionário.

Para os plataformistas, o fracasso do anarquismo na Revolução Russa não foi culpa da repressão dos bolcheviques. Esta dificultou a expansão do anarquismo, porém, não pode ser entendida como o fundamento do fracasso de nossa ideologia.

“Hemos adquirido el hábito de culpar del fracaso del movimiento anarquista en Rusia entre 1917-1919, a la represión estatal del Partido Bolchevique. Lo cual es un grave error. La represión Bolchevique dificultó la expansión del movimiento anarquista durante la revolución, pero fue sólo uno de los obstáculos.”

Dois problemas centrais foram apresentados pelos anarquistas durante a revolução russa. O primeiro foi a inatividade. A maior parte dos anarquistas russos ficaram à parte dos movimentos sociais e em especial da makhnovistchina, deixando de se envolver com a luta concreta das massas trabalhadoras e se colocando apenas a teoriza-la.

Estava-se no direito de contar que os anarquistas – que tinham sempre falado de um movimento revolucionário das massas, que o tinham esperado durante anos, como a vinda de um novo Messias – se apressariam a juntar-se a esse movimento, a dedicar-se-lhe, a fundir-se integralmente com ele. Não sucedeu assim.

A maior parte dos anarquistas russos que tinham passado pela escola teórica de anarquismo conservava-se à parte, nos círculos isolados sem nenhuma razão de ser nesse momento; procuravam estudar o que era este movimento (a makhnovistchina) e de que maneira o deveriam encarar; mas permaneciam inativos, satisfeitos por poderem justificar sua inércia pela idéia de que o movimento parecia não ser puramente anarquista. (ARCHINOV, p. 23).

O segundo problema foi o da confusão das idéias anarquistas e a desorganização geral crônica de suas fileiras. A desorganização dos anarquistas era algo que tomava os anarquistas na Rússia, mas também no mundo inteiro.

“Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário, só pode ser descrito como ‘desorganização geral crônica’” (p. 35).

Tratava-se de um momento em que grande parte dos anarquistas se apegava ao individualismo, à negação de qualquer organização mínima que exigisse responsabilidade coletiva e de qualquer organização em torno de uma unidade mínima entre fins e meios.

Esta desorganização geral crônica impossibilitou o avanço dos anarquistas no momento revolucionário, pois ela, segundo os próprios plataformistas, gera o empobrecimento da idéia e a nulidade da prática.

“Há dezenas de anos que os anarquistas russos são atacados por esta terrível doença: desorganização. Este mal destruiu neles a necessidade e o vigor de um pensamento concreto e condenou-os à inatividade no momento histórico da Revolução. A desorganização é a irmã gêmea da irresponsabilidade e, juntas, conduzem ao empobrecimento da idéia e à nulidade em matéria prática. Eis porque quando do movimento das massas, personificado na makhnovistchina, brotou das camadas profundas do povo, os anarquistas se manifestaram tão fracos, irresolutos e pouco preparados.” (ARCHINOV, p. 26).

Para os plataformistas, tal estado de desorganização geral crônica não era um estado natural do anarquismo, mas pelo contrário, era fruto de defeitos de teoria. A maior parte dos anarquistas da época apresentava uma falsa compreensão da concepção de individualidade, o que lhes faziam defender a dispersão, a falta de organização e de unidade.

“(…) esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo: sendo esta teoria freqüentemente confundida com a total falta de responsabilidade. Os amantes da asserção do ‘eu’, com o interesse voltado unicamente para o prazer particular”. (MAKHNO, p. 36).

A idéia de liberdade individual, para os plataformistas, é “antes de tudo a idéia do respeito anarquista pela individualidade do outro, a idéia da luta infatigável pela liberdade anarquista das massas.” Entretanto, “os que não tem a paixão da Revolução, que pensam em primeiro lugar nas manifestações do seu próprio ‘eu’, compreendem esta idéia à sua maneira. De cada vez que se trata de organização prática, de grave responsabilidade, refugiam-se na idéia anarquista da liberdade individual e fundando-se nela procuram subtrair-se a toda responsabilidade e impedir toda organização. Cada um deles retira-se para a sua tenda, imagina a sua própria obra e prega seu próprio anarquismo. As idéias e as ações dos anarquistas são assim pulverizadas de uma maneira insensata.” (ARCHINOV, p. 25).

O fracasso dos anarquistas estaria assim na sua inefetividade, isto é, na sua incapacidade de se apresentar como alternativa revolucionária real e concreta para as massas trabalhadoras.

As posições políticas dos anarquistas eram vagas e indecisas em relação a diversas questões organizacionais e táticas.

“Mas bien, fue la ineffectividad interna del propio movimiento anarquista una de las principales causas de este fracaso, una ineffectividad emanada de la vaguedad y de la indecisión que caracterizaron a sus principales posiciones políticas respecto a organización y tácticas.”

Além disso, os anarquistas careciam de uma opinião firme e concreta para os principais problemas da Revolução Social e, desta forma, era incapaz de ganhar a adesão das massas trabalhadoras. Sobre o funcionamento da economia, o anarquismo era incapaz de fornecer uma resposta concreta e unificada, sobre a relação entre minorias ativas e a massa trabalhadora, os anarquistas eram incapazes de definir claro uma relação e sobre diversos outros temas ocorria o mesmo.

El anarquismo carecía de una opinión firme, enérgica y oportuna ante los principales problemas que enfrentaba la Revolución Social, opiniones que eran necesarias para satisfacer a las masas que hacían la Revolución. Los Anarquistas llamaban a tomarse las fábricas, pero no tenían una noción homogénea y bien definida sobre la nueva producción y su estructura. Los anarquistas favorecían la consigna comunista: "*De cada cual según sus capacidades, a cada cual según sus necesidades*", pero nunca se molestaron en aplicar este concepto a la vida real. Es así como permitieron que elementos sospechosos transformaran este gran principio en una caricatura del anarquismo (Debemos recordar como muchos estafadores se aferraron a este principio como un medio de obtener bienes colectivos, durante la revolución, en provecho propio). Los Anarquistas hablaban mucho de la actividad revolucionaria de los mismos trabajadores, pero fueron incapaces de dirigir a las masas, aunque más no fuera

rudimentariamente, hacia las formas que tal actividad debiera asumir: se demostraron incapaces de regular las relaciones recíprocas entre las masas y su centro ideológico. Incitaban a las masas a sacudirse del yugo de la Autoridad: pero no indicaban cómo las ganancias de la Revolución se habrían de consolidar y defender. Carecían de opiniones claramente definidas y de políticas de acción específicas con respecto a muchos otros problemas. Lo cual los alienó de las actividades de las masas y los condenó a la impotencia social e histórica.

En esto debemos ver la principal causa de su fracaso en la Revolución Rusa. Nosotros, los anarquistas rusos que vivimos la prueba de fuego revolucionaria entre 1905 y 1917, no tenemos la menor duda respecto a ello.

La obriedad de la **inefectividad interna** del anarquismo nos ha compelido a buscar fórmulas para alcanzar el triunfo.” (A LOS CONFUSIONISTAS EN EL ANARQUISMO).

## 2) A CONSTRUÇÃO DE UMA ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA ESPECIFISTA

Visando corrigir os erros dos anarquistas e sair do estado de desorganização crônica, os plataformistas surgiam com a intenção de construir uma organização anarquista internacional que estivesse à altura do ideal anarquista, isto é, que fosse capaz de impulsionar um processo revolucionário estando na linha de frente da luta da classe trabalhadora, e pudesse transformar assim o caráter desorganizado do movimento geral e as vacilações táticas e teóricas.

“Nós temos grande necessidade de uma organização que, tendo reunido a maioria dos participantes do movimento anarquista, estabeleça no anarquismo uma linha política geral e tática a qual deve servir como guia para o movimento inteiro.” (p. 36).

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, por um fim às infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.” (p. 36).

Para os plataformistas, os anarquistas só poderiam tornar-se uma força política capaz de dar conta de seus objetivos se criassem uma organização especificamente anarquista, isto é, um partido anarquista, como também era chamado, que tivesse uma comunhão tática e estratégica e fornecesse assim respostas reais aos trabalhadores.

“En veinte años de experiencia, de actividad revolucionaria, veinte años de esfuerzos en las filas anarquistas, y de esfuerzos que no consiguieron nada sino fracasos del anarquismo en cuanto **movimiento organizador**: todo esto nos ha convencido de la necesidad de **un nuevo partido-organización anarquista que cubra amplios sectores, arraigado en una teoría, una política y una táctica común.**” (A LOS CONFUSIONISTAS EN EL ANARQUISMO).

Mas, não era qualquer tipo de organização que bastava, era preciso ter um método claro para a criação desta organização anarquista. Os anarquistas refutaram assim diversos modelos de organizações anarquistas que segundo eles não seriam capazes de fazer frente a enorme tarefa de impulsionar uma revolução social protagonizada pelas classes trabalhadoras. Dentre estes métodos rejeitados estão o sintetismo e o anarco-sindicalismo.

## **2.1. Crítica ao sintetismo.**

O sintetismo é um método sistematizado pelo anarquista russo Volin. Tratava-se de criar uma organização anarquista capaz de incluir em seu interior as três correntes consideradas por Volin como fundamentais na história do anarquismo: o anarco-sindicalismo, o anarco-individualismo e o anarco-comunismo.

Após Volin, o sintetismo ficou conhecido como toda organização anarquista que pretende aglutinar em seu interior as diversas correntes do anarquismo.

Para os plataformistas, este método era extremamente falho e incapaz de fornecer ao anarquismo a clareza e solidez necessária para que ele impulsione o seu programa revolucionário.

Isto porque uma organização sintetista não seria uma organização no sentido profundo do termo, pois não teriam um programa estratégico e tático comum, seria no máximo um agregado mecânico de indivíduos com diferentes concepções e se desintegrando facilmente na hora de agir.

Rejeitamos, como teoricamente e praticamente absurda, a idéia de criar uma organização conforme a receita da "Síntese", isto é: reunindo os representantes das diferentes tendências do anarquismo. Tal organização, tendo incorporado elementos práticos e teóricos heterogêneos, seria apenas um agregado mecânico de indivíduos, cada qual tendo um conceito diferente de todas as questões do movimento anarquista, um agregado que inevitavelmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade. (PLATAFORMA, p.).

## **2.2. Crítica ao anarco-sindicalismo**

O método anarco-sindicalista não era para os plataformistas também um método avançado para dar conta da grande responsabilidade dos anarquistas. Isto porque confundindo o nível sindical (social) com o nível político (ideológico) acabava por ficar preso às demandas da luta concreta e do seu reforço no meio operário, mas deixando em segundo plano o âmbito da organização específica e os diversos conceitos táticos e estratégicos em comum que os anarquistas precisam formular para uma atuação mais eficaz. Para os plataformistas, a falta de uma organização anarquista específica deixa mesmo a atuação no nível social contraditória e perdida, sem um rumo claro e coeso.

”O método anarco-sindicalista não resolve o problema de organização do anarquismo, porque não dá prioridade a esse problema, interessando-se unicamente em sua penetração e reforço nos meios operários. Contudo, não se pode fazer grande coisa nesses meios, mesmo tendo alguma inserção neles, quando não existe uma organização anarquista geral.” (PLATAFORMA, p.).

## **2.3. O método plataformista: uma organização especificamente anarquista- a União Geral dos Anarquistas.**

O método plataformista não é distante do método de organização dos bakuninistas. Pelo contrário, em grande parte, trata-se de um resgate do modelo de partido anarquista colocado em prática pela Aliança bakuninista.

Trata-se de uma organização de minoria ativa, que reúna os militantes mais combativos do anarquismo e do movimento da classe explorada em torno de um programa preciso, com posições teóricas, táticas e organizacionais em comum.

O único método que soluciona o problema da organização geral, no nosso ponto de vista, é reunir militantes ativos do anarquismo numa base de



posições precisas: teóricas, táticas e organizacionais, ou seja: uma base mais ou menos acabada de um programa homogêneo. (**PLATAFORMA, p.**).

Trata-se de uma organização política que tivesse como caráter:

**a) a unidade teórica.**

“A teoria representa a força que dirige a atividade das pessoas e das organizações por um caminho definido e para um objetivo determinado. Naturalmente, a teoria deve ser comum para todas as pessoas e organizações que aderirem à União Geral. Toda atividade da União Geral Anarquista, tanto em caráter geral como em particular, deve estar em perfeito acordo com os princípios teóricos da União.”

**b) a unidade tática.**

“Os métodos táticos empregados por membros e grupos da União também devem ser unitários, ou seja, estar rigorosamente de acordo entre si e com a teoria e tática geral da União.

Uma linha tática comum no movimento tem importância decisiva para a existência da organização e de todo o movimento, prevenindo-o contra os efeitos nefastos de várias táticas que se neutralizam mutuamente, e concentrando todas as suas forças, orienta-o numa direção comum que conduz a um objetivo determinado.”

**c) a responsabilidade coletiva.**

“A prática que consiste em agir em nome da responsabilidade pessoal deve ser condenada e rejeitada no movimento anarquista.

Os domínios da vida revolucionária, social e política, são antes de tudo coletivos por sua natureza. A atividade social revolucionária não pode se basear na responsabilidade pessoal dos militantes isolados.

O órgão executivo do movimento geral anarquista, a União Anarquista, contrapondo-se decisivamente à tática irresponsável do individualismo, introduz em suas fileiras o princípio da responsabilidade coletiva: toda a União deverá ser responsável pela atividade revolucionária e política de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade revolucionária e política da União como um todo.”

**d) o Federalismo**

O federalismo era a forma que esta organização deveria assumir, se organizando de forma horizontal e não centralista. Porém, os plataformistas deixam claro a diferença entre a sua compreensão de federalismo e o federalismo dos individualistas. Para os últimos, federalismo “(...) tem sido compreendido como o direito, sobretudo, da manifestação do 'ego', sem a obrigação de cumprir seus deveres na organização.”

Para os plataformistas,

“Federalismo significa livre entendimento, entre indivíduos e organizações, na ação coletiva orientada para o objetivo comum.

Ora, tal entendimento e a união federativa baseada nela se tornarão

realidade, em vez de ficção e ilusão, somente na indispensável condição de que todos os que participam do entendimento e na União cumpram os deveres assumidos, em conformidade com as decisões tomadas em comum.”.

Tratava-se portanto de uma federação com unidade teórica, tática e com responsabilidade coletiva.

### **3) UMA DEFINIÇÃO CLASSISTA DO ANARQUISMO**

O anarquismo é expressão da luta de classes. Para os plataformistas, não há uma humanidade unida, há uma humanidade de classes. É com esta percepção que os plataformistas diferenciam toda a sua concepção de anarquismo da dos individualistas que vêem o anarquismo como uma crítica meramente política à opressão sobre o indivíduo ou sobre toda a humanidade.

Não existe humanidade unida. Existe a humanidade dividida em classes: escravos e senhores.

Como todas as que a precederam, a sociedade capitalista e burguesa de nossos tempos não é unida. Ela está dividida em dois campos distintos, diferenciados socialmente por suas respectivas situações e funções: o proletariado (no sentido mais extenso da palavra) e a burguesia.

O destino do proletariado é, e tem sido há séculos, carregar o fardo do trabalho físico e penoso, cujos frutos são colhidos por uma outra classe, que possui a propriedade, a autoridade e os produtos da cultura (ciência, educação, arte etc.): a burguesia. A escravização social e a exploração das massas trabalhadoras formam a base sobre a qual a sociedade moderna se apóia e sem a qual não poderia existir.

O anarquismo surgiu não da cabeça de intelectuais, mas como resultado da luta das classes trabalhadoras por sua emancipação. Ele é um método criado pela classe explorada para lutar e eliminar a exploração.

A luta de classes criada pela escravidão dos trabalhadores e suas aspirações de liberdade fez nascer, no meio dos oprimidos, a idéia do anarquismo: a idéia da negação do sistema social baseado nos princípios de classes e do Estado, e sua substituição por uma sociedade livre e sem estado, autogerida pelos trabalhadores.

Portanto, o anarquismo não deriva das reflexões abstratas de um intelectual ou filósofo, mas da luta direta dos trabalhadores contra o capital, das aspirações e necessidades dos trabalhadores, de seus desejos de liberdade e igualdade, os quais se tornam particularmente vivos no melhor período heróico da vida e da luta das massas trabalhadoras.

Eminentes anarquistas, Bakunin, Kropotkin e outros, não inventaram a idéia de anarquismo, mas a descobriram nas massas, apoiados somente na força de seus pensamentos e conhecimentos, para especificá-la e divulgá-la. O anarquismo não é o resultado de obras pessoais nem objeto de pesquisas individuais.

Similarmente, o anarquismo não é produto de aspirações humanitárias. A humanidade "unida" não existe. Qualquer tentativa de fazer do anarquismo um atributo da humanidade atual, de atribuir-lhe um caráter genericamente humanitário seria uma mentira histórica e social que conduziria

inevitavelmente à justificação da ordem atual e de uma nova exploração.

Assim, para os plataformistas, o anarquismo não é um dogma filosófico que pode servir aos burgueses intelectuais ou aos egocêntricos que querem apenas uma atitude individual perante a vida. O anarquismo é, pelo contrário, um movimento social da classe trabalhadora.

O anarquismo não é uma bela utopia, tampouco uma abstração filosófica, é um movimento social das massas trabalhadoras. Por este motivo, deve juntar suas forças numa organização geral continuamente ativa, como é exigido pela realidade e a estratégia da luta de classes.

### **3.1. Diferença entre nível político e nível social.**

Assim como Bakunin e Malatesta, os plataformistas também percebiam a diferença entre os níveis político e social. Archinov exemplifica bem esta distinção ao analisar a experiência de luta social dos anarquistas na Ucrânia durante a revolução russa.

A makhnovistchina era um movimento social, uma organização de massas que aglutinava os trabalhadores de uma região. Como movimento de massas se orientava por diversos princípios anarquistas porém não poderia ser considerado uma organização anarquista em seu sentido puro.

Isto porque um movimento social se organiza

Da mesma forma, a diferença entre sindicalismo e anarquismo é apresentada pelos plataformistas. Para eles, cada um deles pertence a planos diferentes, um ao nível político, outro ao nível social. O anarquismo tem um objetivo maior e mais profundo: o comunismo libertário, o sindicalismo já não possui uma teoria definida, um fim último claro e coeso, pelo contrário, ele reflete uma diversidade ideológica das forças políticas que nele atuam. Assim, o sindicalismo é simplesmente uma das formas da luta revolucionária, atuar sindicalmente não pode implicar em eliminar o nível da organização política, nem organizar-se politicamente pode implicar em abandono da atuação no nível social/sindical.

“As noções de anarquismo e sindicalismo pertencem a dois planos diferentes. Enquanto o comunismo, isto é, a sociedade de trabalhadores livres e iguais, é o objetivo da luta anarquista, o sindicalismo, isto é, o movimento operário revolucionário por profissão, é apenas uma das formas da luta revolucionária. Unindo os operários nos locais de produção, o sindicalismo revolucionário, como todo grupo profissional, não possui uma teoria determinada, uma concepção do mundo que responda a todas as complexas questões sociais e políticas da realidade atual. Ele reflete sempre a ideologia de diversos grupos políticos, notadamente aqueles que militam mais intensamente nos sindicatos.”

### **3.2. O papel da organização anarquista no nível social**

Os plataformistas nos fornecem uma análise bem clara sobre a atuação que os anarquistas tiveram no interior dos sindicatos. Consideram que em um momento, os anarquistas tiveram um período de relações artesanais com o movimento operário. Isto porque os anarquistas entraram e atuaram no movimento sindical como militantes individuais, sem uma organização que lhes possibilitava atuar coordenadamente através de um programa revolucionário coletivo para planejar e impulsionar a sua atuação sindical.

Nós consideramos todo o período anterior, até o dia de hoje, quando os anarquistas entraram no movimento sindicalista na qualidade de militantes

e propagandistas individuais, como um período de relações artesanais com o movimento operário profissional.

O anarco-sindicalismo representava para os plataformistas um passo mais avançado do que o anterior, porém, ainda ineficaz. Isto porque o anarco-sindicalismo força a introdução das idéias anarquistas no interior do sindicalismo revolucionário a partir da construção de sindicatos anarquistas. Entretanto, para por aí, não vai além do método empírico. Não consegue fazer um vínculo entre a luta pela hegemonia libertária no nível sindical e a organização dos anarquistas fora dos sindicatos.

O anarco-sindicalismo, tentando forçar a introdução das idéias libertárias na ala esquerda do sindicalismo revolucionário, como meio cujo fim é criar sindicatos de tipo anarquista, representa, sob este aspecto, um passo adiante. Mas não vai além do método empírico. Porque o anarco-sindicalismo não liga necessariamente a tarefa de "anarquização" do movimento sindical com a tarefa de organização das forças anarquistas fora do movimento. Ora, é apenas mediante tal ligação que é possível "anarquizar" o sindicalismo revolucionário e impedi-lo de descambar para o oportunismo e o reformismo.

O anarco-sindicalismo também se reduziu a construir um tipo de sindicato, o sindicato anarquista, enquanto é fundamental que a organização anarquista tente exercer a sua influência sobre o sindicalismo revolucionário como um todo. Neste sentido, é fundamental a atuação através de uma organização anarquista rigorosa, capaz de ordenar a atuação militante em todos os setores a partir de uma unidade teórica e tática.

“Sem nos limitar à criação de sindicatos anarquistas, devemos tentar exercer nossa influência teórica sobre o sindicalismo revolucionário como um todo e em todas as suas formas (a IWW, os sindicatos russos...). Só atingiremos este objetivo, agindo como coletivo anarquista rigorosamente organizado, jamais em pequenos grupos empíricos, que não possuem ligação organizacional nem convergência teórica.”

Assim, para os plataformistas, a relação entre a organização anarquista e os sindicatos é fundamental. A organização anarquista atua por dentro do movimento sindical, coordenando e planejando a sua atuação coletivamente. Mas, com que objetivo? Com o objetivo de orientar o sindicato num sentido libertário, transformando-o num instrumento da revolução social. Assim, a organização anarquista deve ter claro que atua sindicalmente com a finalidade de alcançar a hegemonia no interior do movimento sindical.

“Considerando o sindicalismo apenas como um movimento profissional de trabalhadores, sem uma teoria social e política determinada, e, portanto, incapaz de resolver por si mesmo a questão social, entendemos que a tarefa dos anarquistas no movimento consiste em desenvolver as idéias libertárias, orientando-o num sentido libertário, para transformá-lo numa força ativa da revolução social. É importante nunca esquecermos que, se o sindicalismo não encontrar apoio na teoria anarquista, ele se apoiará, então, concordemos ou não com isto, na ideologia de um partido político estatista qualquer.

A título de exemplo, aliás chocante, podemos citar o sindicalismo francês. Este, no qual brilhavam as táticas e palavras de ordem anarquistas, logo sucumbiu à influência dos bolcheviques, por um lado, e, sobretudo, por

outro, à influência dos socialistas oportunistas de direita.

Mas a tarefa dos anarquistas nas fileiras do movimento operário revolucionário não poderá ser cumprida, a não ser que seja estreitamente ligada e conciliada com a atividade da organização anarquista fora do sindicato. Resumindo, devemos entrar nos sindicatos como uma força organizada, responsável pela atuação no sindicato perante a organização geral anarquista e orientados por ela.”

Como diz a plataforma, a organização anarquista atua sindicalmente visando a preponderância das idéias libertárias no movimento sindical.

Grupos anarquistas em fábricas e empresas, preocupados em criar sindicatos anarquistas, lutando nos sindicatos revolucionários pela preponderância das idéias libertárias no movimento, grupos orientados em sua ação por uma organização geral anarquista: tais são os sentidos e as formas da atitude dos anarquistas em sua relação com o sindicalismo

Mas, os plataformistas, tendo claro os diferentes momentos para a constituição do objetivo finalista, identificava dois períodos distintos da atuação anarquista no nível de massas, o período antes da revolução e o período revolucionário.

A ação dos anarquistas pode ser dividida em dois períodos: um antes e outro durante a revolução. Em ambos, os anarquistas só poderão cumprir seu papel como uma força organizada tendo uma concepção clara dos objetivos da luta e dos meios que levam à realização desses objetivos.

### **3.2.1. Antes do período revolucionário: preparação dos operários e camponeses para a revolução social.**

Antes da revolução o papel da organização anarquista é o de preparar os operários e os camponeses para a revolução social. É organiza-los de forma combativa e horizontal e partir da luta direta e favorecer a compreensão anti-estatal e anti-capitalista. A educação de massas por si só é incapaz de preparar a classe proletária para a revolução, é necessário organização de massa. É necessário que os anarquistas favoreçam a organização de tipo sindical dos operários e camponeses e ao mesmo tempo saiba organizar aqueles que avancem politicamente em torno da organização política anarquista.

A tarefa fundamental da União Geral dos Anarquistas, no período pré-revolucionário, deve ser a preparação dos operários e camponeses para a revolução social.

Negando a democracia formal (burguesa), a autoridade e o Estado, proclamando a completa emancipação do trabalho, o anarquismo destaca ao máximo os princípios rigorosos da luta de classes. Isto desperta e desenvolve nas massas uma consciência de classe e a intransigência revolucionária da classe.

É precisamente através da intransigência de classe, do antidemocratismo, dos ideais do comunismo anarquista que a educação libertária das massas deve ser feita. Mas a educação somente não basta. É necessária, também, uma certa organização anarquista das massas. Para realizar isso, é preciso atuar em duas direções: de um lado, selecionar e agrupar as forças revolucionárias de operários e camponeses numa base teórica comunista libertária (organizações específicas comunistas libertárias); do outro,

reagrupar operários e camponeses revolucionários numa base econômica de produção e consumo (organização produtiva dos operários e camponeses revolucionários, cooperativas de operários e camponeses livres etc.). Os operários e camponeses, organizados numa base de produção e consumo, influenciados pelas posições anarquistas revolucionárias, serão o primeiro ponto de apoio da revolução social.

Quanto mais se tornarem conscientes e organizados à maneira anarquista, desde já, mais os operários e camponeses manifestarão a vontade intransigente e a criatividade libertária no momento da revolução.

Quanto à classe operária na Rússia: é claro que oito anos de ditadura bolchevique, aprisionando as necessidades naturais das massas e sua atividade livre, demonstram, melhor do que qualquer coisa, a verdadeira natureza de todo poder. Mas a classe operária russa desenvolveu enormes possibilidades para a formação de um movimento anarquista de massas. Os militantes anarquistas organizados devem ir imediatamente, com todas as forças de que dispõem, ao encontro dessas necessidades e possibilidades, para que não degenerem em reformismo (menchevismo).

Com a mesma urgência, os anarquistas devem aplicar todas as suas forças à organização dos camponeses pobres, esmagados pelo poder estatal, buscando uma saída e desenvolvendo seu imenso potencial revolucionário.

### **3.2.2. Durante o período revolucionário: se tornar a concepção dirigente da revolução social.**

Durante o período revolucionário, os platformistas acham que não adianta a existência de diversos movimentos sociais orientados por tendências anarquistas. Estas tendências permanecem dispersas se não são impulsionadas e coordenadas por uma organização anarquista que seja capaz de fornecer o comunismo libertário como objetivo concreto e real para as necessidades populares, acabam se perdendo.

Ainda que as massas se expressem profundamente nos movimentos sociais, pelas tendências e princípios anarquistas, essas tendências e princípios permanecem dispersos, se não forem coordenados, e conseqüentemente não conduzem à organização da potência motriz das idéias libertárias que é necessária para manter, na revolução social, a orientação e os objetivos anarquistas. Esta força motriz teórica pode ser expressa apenas por um coletivo especialmente criado pelas massas para tal fim. Os elementos anarquistas organizados constituem exatamente esse coletivo. Os deveres teóricos e práticos, no momento da revolução, são consideráveis.

Neste sentido, a organização anarquista precisa assumir a responsabilidade de fornecer respostas às demandas populares sabendo ao mesmo tempo coordenar os diversos movimentos em que tem inserção social rumo ao programa anarquista. É preciso que os anarquistas estejam atuando em todos os domínios da revolução social, impulsionando o seu programa revolucionário e dando respostas claras a todas as questões da revolução, a defesa, o consumo, a produção, a questão agrária, a guerra civil, a organização política, etc.

Ele deve tomar iniciativas e deflagrar uma participação total em todos os domínios da revolução social: na orientação e no caráter geral da revolução; nas tarefas positivas da revolução na nova produção, na guerra civil e na defesa da revolução, no consumo, na questão agrária etc.

Sobre todas essas questões e numerosas outras, as massas exigem dos anarquistas uma resposta clara e precisa. E, a partir do momento em que os anarquistas proclamam uma concepção da revolução e da estrutura da

sociedade, eles são obrigados a dar respostas claras para todas essas questões, a ligar as respostas a uma concepção geral do comunismo libertário e, por fim, dedicar-se totalmente à sua efetiva realização.

Desta forma, a União Geral dos Anarquistas e o movimento anarquista assumem completamente sua função teórica motriz na revolução social.

O anarquismo deve se tornar a concepção dirigente da revolução senão não haverá revolução de caráter anarquista. Isso não significa que os anarquistas se tornarão a direção centralista da revolução como fazem os bolcheviques. Pelo contrário, tornar-se a concepção dirigente significa assumir a luta revolucionária na linha de frente e carregando todo o método anarquista de autogestão e horizontalidade para todos os níveis da revolução.

Mais do que qualquer outra concepção, o anarquismo deve se tornar a concepção dirigente da revolução social, porque apenas com a base teórica do anarquismo a revolução social poderá conduzir à completa emancipação do trabalho.

A posição dirigente das idéias anarquistas na revolução significa uma orientação anarquista dos eventos. Contudo, não se deve confundir essa força motriz teórica com a liderança política dos partidos estatistas que levam finalmente ao Poder do Estado.

O anarquismo não aspira nem à conquista do poder político, nem à ditadura. Sua principal aspiração é ajudar as massas a trilhar a autêntica via da revolução social e da construção socialista. Mas não basta que sigam a via da revolução social. Também é necessário manter esta orientação da revolução e seus objetivos: substituição da sociedade capitalista pela dos trabalhadores livres. Como a experiência da revolução Russa em 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, sobretudo por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento numa direção oposta à da revolução social.

#### **4) SOBRE O OBJETIVO FINALISTA: O COMUNISMO LIBERTARIO.**

Quanto ao objetivo finalista, os plataformistas tinham o comunismo libertário. Assim, queriam a completa socialização dos meios de produção, a destruição do Estado e sua substituição pelo federalismo, uma organização política de baixo para cima controlada pelos trabalhadores.

“O comunismo libertário quer suprimir toda exploração e violência, seja contra o indivíduo ou as massas trabalhadoras. Para tanto, estabelece uma base econômica e social que unifica, num conjunto harmonioso, toda a vida econômica e social do país, assegurando a todo indivíduo uma situação igual a dos outros e dando a cada um o máximo bem-estar. Esta base é a apropriação, sob a forma de socialização, de todos os meios e instrumentos de produção (indústria, transporte, terra, matérias-primas etc.) e a construção de organismos econômicos sob os princípios de igualdade e autogestão dos trabalhadores.

Nos limites desta sociedade autogerida pelos trabalhadores, o comunismo libertário estabelece o princípio da igualdade de valor e dos direitos de cada indivíduo (não a individualidade "em geral", nem a individualidade "mística" ou o conceito de individualidade, mas o indivíduo concreto).”

Preocupados em evitar as confusões de muitos anarquistas em relação ao princípio comunista

anarquista, “de cada um conforme suas forças a cada um conforme suas necessidades”, os plataformistas deixavam claro que o anarquismo era uma teoria da classe trabalhadora e que o comunismo libertário se fundamentava no trabalho e portanto não poderia aceitar a existência de classes não trabalhadoras, que vivessem do suor do trabalho do outro.

“O comunismo libertário avalia que o único criador do valor social é o trabalho, físico e intelectual. Conseqüentemente, só os trabalhadores têm o direito de administrar a vida social e econômica. É por isso que ele não justifica nem admite a existência de classes não trabalhadoras.”

## 5) PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Em relação a antiga discussão sobre a necessidade ou não do período de transição, os plataformistas reforçam a crítica anarquista advinda desde os primeiros tempos de nossa teoria à concepção marxista de transição, mas ao mesmo tempo, tecem comentários importantes sobre a transição se afastando do anarquismo espontaneísta e idealista que predominava na Europa daquele tempo.

Sobre a transição marxista afirmavam que:

“A idéia de um período transitório, segundo a qual a revolução social deve conduzir não a uma sociedade comunista, mas a um sistema X, conservando elementos do velho sistema, é anti-social em sua essência. Essa idéia ameaça produzir o reforço e o desenvolvimento desses elementos às suas dimensões prévias, e faz retroagir os eventos.

Um exemplo flagrante disso é o regime de "ditadura do proletariado", estabelecido pelos bolcheviques na Rússia.

De acordo com eles, esse regime deveria ser uma etapa transitória para o comunismo total. Na realidade, essa etapa produziu a restauração da sociedade de classes, onde estão, subjugados como antes, os operários e os camponeses pobres.”

Em relação à revolução social de caráter anarquista, os plataformistas afirmam que desde o primeiro dia, a socialização dos meios de produção, a organização de uma estrutura política descentralizada, colocando tanto a economia quanto as decisões políticas nas mãos dos trabalhadores deveria ser efetivada.

Nada de se criar um sistema x para só depois transferir diretamente aos trabalhadores o poder econômico e político. Entretanto, reconhecem que uma sociedade comunista libertária não virá da noite para o dia.

(...) essa sociedade não se realizará por si mesma, só pelo poder de uma sublevação social. Sua realização será um processo social-revolucionário, mais ou menos longo, conduzido num determinado caminho pelas forças organizadas do proletariado vitorioso.

Neste processo mais ou menos longo deve-se ter alguns cuidados. No primeiro dia da revolução, não dá para exigir, como queriam alguns anarquistas, a plenitude de uma sociedade comunista anarquista em que cada um trabalha como pode e todos recebem o tanto que necessitem.

Para os plataformistas a questão da abundância de bens, se cada um receberá o que quer ou terá o seu recebimento de bens limitado, não é uma questão de princípios. Não tem a ver com uma antiga discussão entre um modelo ser ou não mais correto do que o outro. Trata-se antes de tudo de uma questão técnica. Se há abundância de produto, maior será a quantidade que cada trabalhador



terá o direito. Se há debilidade de produção, menor será a quantidade consumida pelos trabalhadores. A situação das forças produtivas no dia seguinte à revolução é que será determinante. Quanto as relações de produção, a total socialização deve ser efetivada desde o primeiro dia.

O centro da gravidade na construção de uma sociedade comunista não consiste na possibilidade de assegurar a cada indivíduo, desde o primeiro dia da revolução, a liberdade ilimitada para satisfazer suas necessidades; mas se afirma na conquista da base social dessa sociedade comunista, estabelecendo os princípios de relações igualitárias entre os indivíduos.

**Quanto à questão da maior ou menor abundância de bens, não é formulada em nível de princípio, mas como um problema técnico.**

O princípio fundamental sobre o qual a nova sociedade será erguida, sobre o qual permanecerá e não deve ser limitado de forma alguma, é o da igualdade das relações, da liberdade e independência dos trabalhadores. Este princípio representa a exigência prioritária e fundamental das massas, exigência pela qual se sublevam e fazem a revolução social.

Uma outra questão fundamental das tarefas primordiais da revolução é a questão da **defesa da revolução**.

Para os plataformistas, a defesa armada da revolução é inevitável. Como a revolução ataca as bases da exploração burguesa, esta desencadeará uma guerra contra a revolução.

A revolução social, que ameaça os privilégios e a existência das classes não-trabalhadoras da sociedade, provocará inevitavelmente, da parte dessas classes, uma resistência desesperada que tomará a forma de uma feroz guerra civil.

Esta guerra tende a se estender por alguns anos e, portanto, os revolucionários devem estar prontos para eles.

Como a experiência russa mostrou, tal guerra civil durará alguns anos. Por mais felizes que sejam os primeiros passos dos trabalhadores, no início da revolução, a classe dominante será capaz de resistir por um longo tempo. Durante muitos anos, ela desencadeará ofensivas contra a revolução, tentará reconquistar o poder e os privilégios que lhe foram arrebatados.

A defesa dos trabalhadores passa, na visão dos plataformistas, por dois momentos distintos. O primeiro momento é no momento inicial da revolução em que a defesa armada se faz de forma mais espontânea e os órgãos de defesa são constituídos por todos os operários e camponeses armados.

Para preservar as conquistas da revolução, os trabalhadores devem criar órgãos de defesa da revolução, contrapondo-se à ofensiva da reação com uma força combatente à altura da tarefa. Nos primeiros dias da revolução, esta força será constituída por todos os operários e camponeses armados. Mas essa força armada espontânea será eficiente apenas durante os primeiros dias, quando a guerra civil ainda não alcançou seu clímax e os dois partidos em luta não criaram organizações militares regularmente constituídas.

No segundo momento, os trabalhadores precisam de um órgão de defesa mais sólido, mais regular e disciplinado, para dar conta da enorme repressão regular que se desencadeia contra a

revolução.

Assim, as forças revolucionárias deverão criar um Exército revolucionário, um órgão que unifique uma estratégia de defesa geral e mantenha uma unidade de comando.

Como em todas as guerras, a guerra civil não pode ser realizada com sucesso pelos trabalhadores, a não ser que eles apliquem os dois princípios fundamentais de toda ação militar: unidade do plano de operações e unidade de comando.

Entretanto, este exército não pode reproduzir o método estatista. Não pode ser firmado em uma hierarquia e disciplina obrigatórias impostas de cima para baixo. Deve, pelo contrário, garantindo a unidade estratégica e de ação, estar firmada nos seguintes critérios libertários:

- “(a) caráter de classe do exército;
- (b) voluntariado (toda coerção será completamente excluída da tarefa de defesa da revolução);
- (c) livre disciplina (autodisciplina) revolucionária: o voluntariado e a autodisciplina revolucionária são totalmente compatíveis, e tornarão o exército da revolução moralmente mais forte do que qualquer exército estatal;
- (d) total submissão do exército revolucionário às massas operárias e camponesas, representadas pelas organizações de operários e camponeses de todo o país, situados pelas massas na direção da vida econômica e social.”

## **6) A CRÍTICA DE MALATESTA À PLATAFORMA E A NOSSA AVALIAÇÃO**

A Plataforma recebeu diversas críticas de diferentes anarquistas. Em relação aos anarquistas contrários à organização, os plataformistas já esperavam esta crítica. Afinal, como disse Archinov, a idéia da plataforma “obriga todos os anarquistas que participam do movimento a serem responsáveis e a terem uma postura com as noções de dever e constância.” (p. 81).

Entretanto, o que mais chocou os redatores da plataforma foram as críticas vindas de anarquistas defensores da organização. Dentre as críticas, a principal, a mais famosa e que mais circulou no passado e ainda hoje é a crítica de Malatesta.

A crítica de Malatesta ficou conhecida internacionalmente não por sua qualidade, mas especialmente pela importância que Malatesta ocupava no meio anarquista. Como disse Makhno em resposta a Malatesta: “sejamos francos, sua opinião é aceita imediatamente pela maioria dos anarquistas e simpatizantes, sem discussão, como a de um militante experiente que tem, ao longo de toda sua vida, permanecido firme em sua fidelidade ao ideal libertário.” (MAKHNO, p. 79).

Para nós, nos é importante analisar a crítica de Malatesta, primeiro por que é um dos anarquistas que tomamos como referência e assim é muito importante compreender suas idéias em toda a sua extensão. E em segundo lugar, queremos ter claro a nossa posição em relação à plataforma frente as críticas que lhes foram feitas. Sendo esta crítica uma das mais conhecidas, devemos conhece-la e nos posicionar.

### **Comunhões entre a Plataforma e Malatesta: a necessidade de uma organização especificamente anarquista.**

Malatesta começa a sua crítica à Plataforma colocando o que concorda com ela. Malatesta concorda que os anarquistas até aquele momento não tiveram influência nos eventos políticos

sociais em proporção aos valores teóricos e práticos do anarquismo e que este fracasso se deve à falta de uma séria organização especificamente anarquista.

Sobre a necessidade desta organização especificamente anarquista, Malatesta afirma:

“... urgente necessidade de organizações especificamente anarquistas que, dentro e fora dos sindicatos, lutem pela integral realização do anarquismo e procurem esterilizar todos os germes de corrupção e reação. Mas é óbvio que para atingir seus fins, as organizações anarquistas devem, em sua constituição e funcionamento, manter-se em harmonia com os princípios da anarquia.” (p. 69).

### **Método da organização especificamente anarquista**

Se faz-se necessário para Malatesta a construção de organizações especificamente anarquistas, qual é a divergência com o projeto da Plataforma?

A diferença está no método desta organização anarquista. O problema central de Malatesta é saber se a proposta de construção de uma União Geral dos Anarquistas, tal como está proposta na Plataforma, está de acordo com os princípios e métodos anarquistas.

Malatesta afirma que não. Para ele,

“Ao invés de estimular nos anarquistas um maior desejo por organização, parece deliberadamente reforçar o preconceito de muitos companheiros que acreditam que organizar-se significa submeter-se a chefes, aderir a um organismo autoritário e centralizador, que sufoca toda livre iniciativa. E, de fato, o projeto contém precisamente essas propostas que alguns, contra a evidência e apesar de nossos protestos, insistem em atribuir a todos os anarquistas qualificados de organizadores.” (MALATESTA, p. 69).

Esta organização autoritária, este método centralista que Malatesta atribui à Plataforma tem segundo ele vários motivos. O primeiro de todos os motivos está no fato de que Malatesta atribui aos plataformistas quererem excluir do movimento anarquista todas as outras correntes que não concordarem com eles.

“Antes de tudo, parece-me uma idéia falsa (em todo caso, irrealizável) a de reunir todos os anarquistas numa “União Geral” – isto é, como diz o Projeto, uma só coletividade revolucionária ativa.” (p. 60 e 70 – continua).

“Muito bem, mas então se reconhecem a existência de anarquistas de outras tendências, eles deverão deixar-lhes o direito de se organizar como quiserem e de trabalhar pela anarquia da maneira que julgarem melhor. Ou pretenderão excluir do anarquismo, excomungar todos os que não aceitam seu programa? Eles dizem que querem “reunir numa só organização” todos os elementos sadios do movimento libertário. Naturalmente, eles tendem a julgar sadios apenas os que pensam como eles.” (MALATESTA, p. 70).

Em segundo lugar, a organização proposta (União Geral dos Anarquistas) é uma organização tipicamente autoritária em sua estrutura de organização. Segundo Malatesta, a organização seria composta por um Comitê Executivo que irá dirigir a ideologia e a organização dos grupos em conformidade com a estratégia geral da União.

“Isto é anarquismo? Na minha opinião, isto é um governo e uma igreja. É verdade que não há polícia nem baionetas, nem o fiel rebanho disposto a

aceitar a ideologia imposta. Mas isso significa apenas que tal governo seria impotente e impossível, e que tal igreja seria uma fonte de heresias e cisões.” (MALATESTA, p. 71).

Este caráter autoritário de sua estrutura orgânica na visão de Malatesta toma a sua melhor forma no conceito de responsabilidade coletiva.

“Mas se a União é responsável pelo que cada membro faz, como pode deixar, a cada membro em particular e aos vários grupos, a liberdade de aplicar o programa comum da maneira que a julguem melhor? Como alguém pode ser responsável por uma ação que não pode impedi-la? Portanto, a União e, em seu nome, o comitê executivo têm de monitorar todos os membros individuais e ordenar-lhes o que fazer e não fazer. E como a desaprovação depois do fato não atenua a responsabilidade previamente aceita, ninguém poderá fazer qualquer coisa antes de ter obtido a permissão do comitê. Por outro lado, quem assumiria a responsabilidade pelas ações de uma coletividade sem saber o que ela fará e como impedi-la de fazer o que ele desaprova? ” (MALATESTA, p. 71).

Assim, Malatesta compreendeu que responsabilidade coletiva significaria na prática que o Comitê Executivo teria que dizer o que cada um deveria fazer, monitorando a ação de cada militante.

Por último, Malatesta critica a forma de decisão expressa nos Congressos, tendo como pano de fundo a discussão entre minorias e majorias. Para Malatesta, os Congressos não são instâncias democráticas, não devendo portanto, servir como instância de decisão obrigatória para todos os militantes da organização anarquista. O voto, segundo ele, ainda que seja o da maioria não deve significar obrigação de obediência, pois o critério deve ser a livre concordância e não a obrigação de se guiar pela maioria.

“Na realidade, pela vontade da União entende-se apenas a vontade da maioria, expressa através de congressos que nomeiam e controlam o comitê executivo e decidem sobre todas as questões importantes. Os congressos seriam compostos por representantes eleitos pela maioria dos membros em cada grupo, e esses representantes decidiriam o que fazer, sempre por maioria dos votos. Então, no melhor dos casos, as decisões seriam tomadas pela maioria da maioria, e isso poderia facilmente, em particular quando as opiniões opostas são mais do que duas, representar apenas uma minoria. Aliás, isso poderia indicar que, nas condições em que os anarquistas vivem e lutam, seus congressos são ainda menos representativos do que os parlamentos burgueses. E seu controle sobre os órgãos executivos, se estes possuem poderes autoritários, raramente é oportuno e eficaz. Na prática, os congressos anarquistas são assistidos por aqueles que desejam e podem, que possuem dinheiro suficiente e não estão impedidos por medidas policiais. Entre os presentes, há os que representam apenas a si próprios ou um número pequeno de amigos, como aqueles que representam as opiniões e desejos de um numeroso coletivo. Apesar das precauções tomadas contra os traidores e espiões- e também por causa destas precauções – é impossível fazer uma verificação séria dos representantes e do valor de seus mandatos ...  
(...) Alguns anarquistas reconhecem que, na vida em comum, é necessário que a minoria acate a opinião da maioria. Quando há evidente necessidade ou utilidade de fazer uma coisa e isso requer a concordância de todos, a minoria

deve respeitar a vontade da maioria. Usualmente no interesse da convivência pacífica e sob condições de igualdade, é necessário que todos estejam animados por um espírito de concórdia, tolerância e compromisso. Mas, tal adaptação deve ser recíproca, voluntária e derivar da consciência da necessidade de não paralizar a vida social por mera teimosia. É um ideal que, talvez, na prática diária da vida social, será difícil se realizar totalmente. Mas um grupo humano está tanto mais próximo da anarquia quanto mais livre e espontâneo é o acordo, imposto somente pela natureza das coisas, entre minoria e maioria. Portanto, se os anarquistas negam à maioria o direito de governar, na sociedade humana em geral – onde os indivíduos estão obrigados a aceitar certas restrições, porque não podem se isolar sem renunciar às condições da vida humana – e se querem que tudo seja feito pelo livre acordo entre todos, como poderiam aceitar o governo da maioria em suas associações essencialmente livres e voluntárias e declarar que se submeterão às decisões da maioria antes mesmo de saber quais serão?” (p. 73).

### **Crítica à Crítica de Malatesta**

Maknho e Archonov responderam Malatesta. Aqui, nos baseando nestes dois companheiros e em nossas avaliações coletivas, gostaríamos de também colocar uma certa luz sobre este debate.

Queremos tratar de cada uma das críticas de Malatesta, devendo situa-lo em seu contexto. Malatesta se encontrava em prisão domiciliar imposta pelo governo fascista de Mussolini quando elaborou esta crítica à Plataforma. Se encontrava assim afastado da luta real da classe trabalhadora e mantinha um contato bastante restrito com o meio anarquista. Em sua carta à Maknho, ele reconhece isso.

“Eu não posso tomar parte, como gostaria, na discussão das questões que mais nos interessam, porque a censura me impede de receber publicações que são consideradas subversivas ou cartas que abordam tópicos políticos e sociais.”

Outro fator importante para contextualizar a crítica de Malatesta é que Malatesta era italiano e leu em francês a Plataforma e a carta de Maknho escritos originalmente em russo. Assim, os problemas de tradução também foram supostos por Malatesta que reconheceu isto também em carta a Maknho deixando claro que talvez não tenha compreendido bem a Plataforma.

“Se pudéssemos nos corresponder livremente, eu lhe pediria, antes de entrar na discussão, para esclarecer suas visões que, talvez pertencendo a uma tradução imperfeita do russo para o francês, parecem para mim estar em parte alguma coisa obscura. Mas, as coisas sendo como são, responderei o que tenho compreendido, e espero que então seja capaz de ver sua resposta.”

Assim, vamos às críticas de Malatesta. Ele considera o método de organização exposto na Plataforma como autoritário e portanto fora dos princípios anarquistas. Mas, que método é este? Até que ponto Malatesta discorda da plataforma e até que ponto ele se confundiu?

Para entendermos as verdadeiras divergências entre Malatesta e a Plataforma temos que primeiro conhecer a totalidade de sua obra e em segundo lugar abordar ponto por ponto de sua crítica.

Malatesta e seu anarco-comunismo organicista sempre foi partidário da organização. Para ele se fazia necessário os anarquistas se organizarem em um partido anarquista, com unidade de programa e unidade de ação.

Ele discordava radicalmente do sintetismo em que se devesse unir diversas correntes do anarquismo em uma mesma organização. Assim dizia: “como poderiam os educacionistas, que acreditam que a propaganda e o exemplo bastam para a transformação gradual dos indivíduos e portanto da sociedade, adotar as mesmas táticas que os insurrecionalistas, convencidos da necessidade de destruir pela violência um estado de coisas que é mantido pela violência, e de criar,

contra a violência dos opressores, as condições necessárias para o livre exercício da propaganda e a aplicação prática dos ideais?”. (MALATESTA).

Neste sentido, existe uma concordância profunda entre a concepção de Malatesta e da Plataforma. Tanto é verdade que o próprio Malatesta afirma em sua carta para Maknho sua concordância com esta unidade de ação que muito tem a ver com o princípio de responsabilidade coletiva.

“Certamente, eu aceito e apóio a visão de que qualquer um que se associa e coopera com outros por uma causa comum deve: coordenar suas ações com a de seus companheiros e não fazer nada que prejudique a ação dos outros e, portanto, a causa comum; respeitar os acordos feitos - exceto quando pretendem deixar a associação por diferenças de opinião, mudança de circunstâncias ou conflito sobre métodos escolhidos tornam a cooperação impossível ou imprópria. Assim, eu sustento que aqueles que não sentem nem praticam tais deveres têm de ser expulsos da associação.

Talvez, falando de responsabilidade coletiva, você se refira precisamente ao acordo e à solidariedade que devem existir entre os membros de uma associação. Se é assim, sua expressão significa, na minha visão, um uso incorreto de linguagem, mas isso seria apenas uma questão irrelevante de fraseologia e logo alcançaríamos a concordância.”

O que Malatesta não aceita é o fato de que de antemão haja uma regra de que a posição da maioria deverá ser guiado por todos e de que de antemão todos devam se guiar pela conduta tirada coletivamente seja qual for ela. Para Malatesta, o importante é a consciência de cada militante em se engajar em uma ação que conscientemente concorde, ou mesmo deixar de agir como pensa quando avaliar conscientemente que esta ação não contribui com o programa coletivo. Assim, o critério para Malatesta deve ser a consciência de cada militante e não um critério objetivo expresso na base de acordo da organização.

Entretanto, isto em nada viabiliza o conceito de responsabilidade coletiva expressa na Plataforma. Ali, a responsabilidade coletiva significa justamente a expressão de uma unidade programática e teórica. É o que diz Archinov:

“(...) essa organização será a união daqueles que terão uma concepção comum de uma linha teórica, tática e política a ser realizada. Conseqüentemente, a atividade prática de um membro da organização estará naturalmente em plena harmonia com a atividade geral e, inversamente, a atividade de toda a organização não saberá como estar em contradição com a consciência e a atividade de cada um de seus membros, se eles aceitarem o programa no qual a organização está fundada.” (p. 85).

Ao invés de autoritário, concordamos com Archinov que não é nada mais do que “a expressão de um entendimento consciente e responsável do trabalho militante.” (p. 85). Malatesta pode até não concordar com o termo “responsabilidade coletiva”, mas com certeza concorda de que a ação de cada militante deve estar em harmonia e neste sentido se aproxima da concepção da Plataforma.

Em relação às outras críticas de Malatesta achamos que elas são bem menos fundamentadas.

Começemos pela acusação de que os plataformistas querem excluir do movimento anarquista todos os que não concordavam com eles. Quanto a isto, Archinov responde muito bem:

“É obvio que, ao solicitar-se que os anarquistas organizem a base de um programa definitivo, não estamos querendo retirar o direito de anarquistas de outras tendências se organizarem como bem entenderem. No entanto, somos

persuadidos de que, a partir do momento em que os anarquistas criarem uma organização importante, o vazio e a vaidade das organizações tradicionais serão revelados.” (p. 85).

Sobre a crítica de Malatesta à forma de organização da União Geral dos Anarquistas, acusando-a de uma organização tipicamente autoritária, composta por um Comitê Executivo que irá dirigir a ideologia e a organização dos grupos em conformidade com a estratégia geral da União, achamos que Malatesta realmente não entendeu a proposta da Plataforma.

A Plataforma propõe uma organização federalista e assim, obviamente um Comitê Executivo ou Secretariado será necessário, porém a tarefa do secretário é encaminhar as tarefas práticas com uma determinada autonomia tática, mas uma autonomia sempre limitada. A decisão da linha política e do programa se dá por todos os militantes da organização, mantendo assim o caráter libertário da organização.

As assembléias ou congressos são as instâncias máximas de decisão. E assim são ali que as principais decisões são tomadas: a linha política, a política de alianças, o programa estratégico, etc. Ao contrário do que Malatesta pensa, estas instâncias não são instâncias autoritárias tais como as parlamentares. Mas, pelo contrário são instâncias federativas. Cada delegado é indicado pelo grupo e carrega para lá uma posição coletiva tendo uma margem de negociação mínima definida também pela sua base. Este delegado é rotativo e portanto não centraliza a sua função.

Da mesma forma, outro ponto de diferença entre Malatesta e a Plataforma está em relação à votação nas assembléias. Enquanto Malatesta reforça de que é possível se abrir mão de sua posição em favor da maioria desde que livremente, pois senão caímos em uma ditadura da maioria, para os plataformistas, a votação em uma assembléia não é uma questão de princípios, é simplesmente uma questão prática. Archinov responde muito bem esta questão.

“Essa maneira tradicional de representar o papel das assembléias não faz frente ao teste da vida. Na verdade, qual seria o valor de uma assembléia se ela tivesse somente “opiniões” e não trouxesse fatos que pudessem ser realizados na vida real? Nenhum. Em um movimento vasto uma responsabilidade unicamente moral e não organizacional perde todo o seu valor. Vamos à pergunta com relação à maiorias e minorias. Achamos que toda discussão sobre esse assunto é supérfluo. Na prática, isso foi resolvido há um bom tempo. Sempre e onde quer que estejamos, problemas práticos foram resolvidos por uma maioria de votos. É completamente compreensivo, pois não há um outro modo de resolver estes problemas dentro de uma organização que deseja agir.” (p. 86).

Assim, a discussão entre Malatesta e os plataformistas foram em grande parte distorcidas pelo contexto e pelas confusões que Malatesta apresentou para entender o significado da Plataforma. Muito em comum tem Malatesta dos plataformistas, enquanto algumas coisas os separam.

Talvez o que mais está no fundo das discussões entre Malatesta e a Plataforma é o que Archinov chamou de diferença entre Responsabilidade Coletiva organizacional e Responsabilidade moral. Para Archinov a Responsabilidade Coletiva, a disposição de unidade entre a ação individual e coletiva e a responsabilidade de cada militante com o programa revolucionário coletiva deve estar incluída como critério orgânico. A harmonia da organização e sua homogeneidade de linha de ação deve estar presente na militância de cada um dos seus membros. Já para Malatesta, a responsabilidade com o coletivo assume uma forma moral e não orgânica. O militante se compromete de acordo com a sua consciência a não agir contra a ação do seu grupo e a se comprometer com as definições coletivas. Mas, isto em nenhum momento se torna um critério orgânica estabelecido a priori.

## A nossa avaliação

Para nós do Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás, não existe teoria sem prática, nem prática sem teoria. Estamos nos bairros, nas favelas, nos locais de estudo e trabalho de nossa classe trilhando a luta dos oprimidos por uma sociedade igualitária. A teoria é um guia que lança luz e problemas sobre a nossa atuação concreta da mesma forma que é guiada e problematizada pela luta diária que travamos no dia a dia de nossa classe.

É assim que o estudo dos escritos plataformistas se inserem em nossa organização. Não como mero deleite intelectual. Mas, como fonte guia e guiada pela realidade atual da luta de classes.

Neste sentido, o que mais nos interessa dos plataformistas está nestas linhas que se seguem e que se resumem em uma resposta humilde, mais ainda assim insistente, à pergunta: o que permanece de atual na Plataforma? O que achamos que ainda é relevante para a nossa atuação hoje?

Não poderíamos deixar de lançar a luz de nossa atuação sobre este debate. Primeiro porque a organização dos oprimidos em um contexto de descrença com as alternativas ideológicas necessita de uma alternativa programática, de rumos que vão além da luta concreta. Em segundo lugar, porque, para nós, o próprio anarquismo necessita de uma alternativa concreta, uma alternativa que vá além de mera receita de princípios, mas que possa ser encarnada desde a luta concreta nos bairros, favelas, fábricas e escolas, até a construção da autogestão econômica e do federalismo político. Em nossa opinião, a Plataforma possui estas duas variantes. É claro que muito mais como ponta-pé inicial do que como algo pronto e acabado. Mas, ainda assim, como pontapé importante em um contexto em que o anarquismo firma o pé na luta dos oprimidos, ao mesmo tempo em que vai reconstruindo sua alternativa programática.

A Plataforma para nós é um documento muito importante por diversos motivos. Talvez o principal deles seja o fato de ser um documento fruto de uma experiência concreta fundamental e, mais que isso, uma autocrítica sobre o anarquismo com delineamentos de novos rumos para ele.

Na verdade, os rumos apontados pela plataforma não são tão novos assim. Já encontravam em sua maior parte delineados na primeira atuação política dos anarquistas, a Aliança. De toda forma, novos termos e um novo contexto indicavam uma nova roupagem para a plataforma.

O certo é que a plataforma veio em um contexto em que o anarco-comunismo espontaneísta e o individualismo anarquista estavam bastante desenvolvidos. Podemos dizer que estas duas correntes começaram a ganhar força após o fim da primeira internacional e da Aliança bakuninista, e encontravam-se já na década de 20, bastante arraigadas nos conceitos espontaneístas e egoístas do meio anarquista.

Isto levou a diversas confusões que apagaram em grande parte a memória do bakuninismo. Ocorreu uma distorção do conceito do anarquismo de tal forma que se começou a associar diversos conceitos e formas de organização típicas do anarquismo como coisas que diziam respeito somente ao marxismo. Não é à toa que quando os plataformistas apontam rumos que em muito se assemelham ao anarquismo bakuninista são acusados de leninistas por muitos anarquistas da época.

Não deixa de ser uma armadilha que a memória histórica e os mitos que construímos nos pregam. Enquanto Bakunin era tido como um grande anarquista e respeitado por anarquistas de diversas matizes, os plataformistas, ao apontarem coisas que não se diferenciavam muito do que propunha Bakunin, eram acusados de não anarquistas, de leninistas e etc.

A plataforma, sem dúvida nenhuma, serviu para recolocar diversas concepções fundamentais do bakuninismo na ordem do dia do anarquismo mais uma vez. Esta para nós foi uma grande contribuição. Inserir novamente, em um meio em que se disputava com os anarquistas individualistas e espontaneístas, uma concepção de anarquismo organicista, militante e classista. Concepção que se perdia no interior das confusões do meio anarquista.

Para nós, o importante, porém, é nos perguntar de que forma esta proposta apresentada pela plataforma se mostra ainda atual.

Em nossa opinião, o contexto em que vivemos, salvo as grandes distâncias, apresenta alguns elementos que se assemelham ao momento em que a plataforma foi escrita. A realidade do meio



anarquista é um exemplo clássico disto. Grande parte daqueles que tomam o anarquismo como sua ideologia se perdem em um universo de contradições, estando presos a concepções espontaneístas e em uma suposta liberdade individual egoísta e incapaz de servir como elemento de transformação da realidade. Quando na plataforma, nos é dado uma constatação do meio libertário da época, temos que admitir que poderíamos dizer o mesmo do meio libertário da maior parte dos países do mundo nos últimos 30 anos.

“Em todos os países, o movimento libertário é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.” (A Plataforma, p. 35).

Assim, acreditamos que um dos elementos que tornam a Plataforma atual é o desejo de sair deste estado de desorganização. É a vontade de encontrar uma saída viável para o anarquismo revolucionário. A iniciativa de tornar o anarquismo uma ideologia revolucionária que possa servir de guia para a luta da classe explorada. Assim, hoje como na década de 20, a pergunta de Maknho a Malatesta é extremamente urgente para todo e qualquer anarquista sincero:

“Devem os anarquistas assumir uma função de liderança e, portanto, de responsabilidade, ou devem se limitar a ser auxiliares e responsáveis?” (Maknho, p. 79).

Assim, a primeira preocupação que compartilhamos da Plataforma e que retomamos para os tempos atuais é a de tornar o anarquismo uma ideologia capaz de fornecer respostas para a luta de nossa classe. É tomarmos, nós como anarquistas e herdeiros de uma ideologia classista, a responsabilidade de estar na linha de frente da luta dos explorados. Quando Maknho se refere a assumir a função de liderança, não está dizendo de se tornar chefes, de dirigir no sentido autoritário do termo, mas no sentido de assumir a responsabilidade de estar na linha de frente da luta de nossa classe, utilizando a nossa ideologia como instrumento guia da nossa classe rumo a sua própria libertação. Esta responsabilidade implica assumir a função de tomar frente, de estimular a auto-organização, de apresentar respostas concretas para a luta, etc. Para, isto somente se organizando de forma sólida e eliminando diversos purismos que hoje ainda tem o seu lugar no meio libertário.

Desta forma, a segunda contribuição da Plataforma para os tempos atuais está na proposição de uma organização especificista. Naquele momento, os platformistas viam como saída para a desorganização crônica do anarquismo, a constituição da União Geral dos Anarquistas, uma organização especificamente anarquista com unidade teórica e tática.

Sabemos que ainda hoje, um tal tipo de organização anarquista com unidade teoria e tática é fundamental para fazer avançar o anarquismo como instrumento da luta de nossa classe. Se não temos unidade teórica e tática, atiramos para tudo quanto é lado. O que fazemos de um lado, desconstruímos do outro. E desta forma nunca conseguimos avançar rumo a um objetivo claro e determinado, já que temos meios bastantes distintos e até contraditórios.

Acreditamos que na atualidade somente uma organização de tal tipo poderá fazer com que os anarquistas estejam inseridos em diversas frentes sociais, impulsionando a auto-organização e luta de diferentes segmentos de nossa classe, estando coordenados em torno de uma estratégia unificada e capaz de acumular pouco a pouco força para protagonizar uma revolução social.

Uma organização de tal tipo só poderá cumprir sua função se estiver coordenada de forma orgânica em nível nacional e internacional e solidificada em suas bases locais, sempre respeitando as diversidades locais, mas sem abrir mão de uma unidade estratégica e tática. Uma organização com responsabilidade coletiva, em que saibamos que em todos os distintos estados e países uma determinada linha combativa, classista, horizontal e de ação direta é impulsionada dia-a-dia dentro de um programa coeso que vai da auto-organização popular cotidiana até a autogestão e federalismo

global.

É exatamente neste sentido que achamos importante a responsabilidade coletiva. Ela nada mais é do que a responsabilidade que cada militante tem de agir de acordo com a linha programática coletiva, tirada por todos de forma horizontal. Ela garante a unidade e a solidez da organização, pois se sabe que cada avanço é um avanço coletivo e que ninguém se julga além dos consensos ou decisões em que cada um teve o direito pleno de participar.

Uma organização de tal tipo tem peso porque sempre carrega a força coletiva para as suas ações. Sempre mantém a unidade em suas intervenções, garantindo que seja qual for a decisão tomada por todos ou pela maioria, a linha apresentada terá o peso da força de toda a organização. Esta solidariedade sólida que garante à organização a possibilidade de avançar firmemente em cada uma das etapas do seu programa revolucionário.

Esta unidade é garantida pelo critério de disciplina revolucionária que compõe a concepção dos plataformistas.

“Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada.” (MAKHNO, p. 33)

É esta autodisciplina, esta responsabilidade que cada militante carrega de não furar com os compromissos, de cumprir as tarefas tiradas e de saber que o funcionamento da organização depende da responsabilidade de cada militante. Trata-se, portanto de uma disciplina fraternal, como o próprio Makhno a chamou, em que cada militante tenha consciência de sua necessidade estando muito longe de uma disciplina de cima pra baixo encontrada nos exércitos e nas instituições burguesas.

Outro elemento importante da Plataforma está na concepção de vanguarda que aparece muitas vezes nos textos dos plataformistas. Um exemplo disto é a frase:

“Sem disciplina, a **vanguarda revolucionária** não pode existir, porque então ela se encontrará em completa desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas”.

O termo vanguarda revolucionária está hoje em dia bastante associado à concepção leninista, sendo muitas vezes melhor substituir este termo para não cairmos em confusões imprecisas. Entretanto, antes de qualquer tentativa de substituir palavras, é importante termos claro o que significa este conceito para os plataformistas e demonstrar assim sua distinção brutal do conceito leninista.

Os plataformistas admitiam a distinção entre os níveis políticos e sociais. Enquanto no nível social, os trabalhadores se organizavam muito mais em torno de suas lutas concretas, nem sempre tendo claro uma posição ideológica, um programa revolucionário, no nível político, os trabalhadores se organizam em torno de um projeto ideológico, de um programa revolucionário.

Este grupo de pessoas que se organizam no nível político, estes anarquistas que compõe a organização especificista não podem ser de forma alguma estranhos aos trabalhadores. São antes de tudo os militantes mais combativos da classe trabalhadores, os mais dedicados militantes dos movimentos sociais que além de travarem no dia a dia a luta econômica da classe contra o patrão, perceberam que só um projeto revolucionário poderá libertar de uma vez por todas a classe explorada. Estes militantes não são melhores nem piores que aqueles companheiros que só atuam no movimento social. Mas, precisamos convir que possuem distintos níveis de atuação. O militante político tem um propósito que vai além da luta econômica, mas pretende potencializar esta luta econômica para um processo revolucionário. Além do mais, este militante político necessita de possuir um grau de engajamento muito maior, pois além de militar nos sindicatos, se coordena na organização especificamente anarquista. Assim, o militante político tem uma responsabilidade

muito maior. Ele precisa fazer sua ideologia tornar-se hegemônica nos movimentos sociais. Afinal, como está escrito na Plataforma, se as idéias anarquistas não dominarem os sindicatos, outras idéias (leninistas, reformistas, etc.) irão.

Desta forma e somente desta forma é que os plataformistas entendem a organização anarquista como uma organização de vanguarda. Uma organização que tem o papel de impulsionar, potencializar, estimular a auto-organização, fortalecer um determinado caminho. Isto não quer dizer, de forma alguma, que esta organização política tem o papel de se tornar a direção dos movimentos populares e fazê-los seguir de forma involuntária as suas ordens. Mas, pelo contrário. A organização anarquista é formada por uma minoria de militantes, pelos mais engajados e combativos militantes dos movimentos sociais. Aqueles que querem não só arrancar mais dinheiro do patrão, mas também a sua cabeça. Uma organização assim querendo ou não tem uma responsabilidade enorme se quer cumprir o seu objetivo. Em todos os lugares em que atua ela atua como minoria estimuladora, potencializadora, organizadora. Sempre impulsionando a auto-organização, a maior combatividade, dentro de uma estratégia clara para ela, mas nem sempre bem clara a vista de todos. Só que a diferença desta minoria ativa para os plataformistas e todo anarquista e a vanguarda leninista é que esta minoria não é capaz de trazer a consciência de fora para dentro da classe. Quem luta consciente é a própria classe trabalhadora. É o povo em luta no seu dia-dia que vai formando a sua concepção de mundo e exigindo cada vez mais. A revolução depende dele. Outra distancia brutal entre a vanguarda leninista e a plataformista é que na primeira, ela disputa direções sindicais, estudantis e de todos os movimentos para ocupar a hierarquia e do topo dos movimentos sociais mandarem e serem automaticamente obedecidas. A minoria ativa para os anarquistas não deve nunca ocupar um poder de mando, e luta sempre pela máxima horizontalidade dos movimentos sociais. Desta forma, se as suas posições são aceitas, é porque os trabalhadores daquele movimento social concordam de fato com elas e não porque foram mandadas de cima. A minoria ativa anarquista atua pelo convencimento. Só consegue passar suas posições quando elas estiverem respaldadas nas consciências individuais de todos os membros do movimento social em questão. É justamente por esta diferença enorme entre a vanguarda leninista e a vanguarda plataformista que preferimos utilizar o termo “minoria ativa” para definir esta minoria que atua coordenando as lutas desde baixo.

Existem várias outras contribuições da plataforma. Uma delas é o resgate do caráter classista do anarquismo. Neste sentido, ela desbanca toda a idéia de um anarquismo como modo de vida, ou como desejo individual, para coloca-lo como método de luta de nossa classe. Ao mesmo tempo, coloca um tipo de atuação claro dos anarquistas, estarem no cotidiano de nossa classe gerando movimentos populares e estimulando-os para preparar a revolução social. Tudo isto sabendo diferenciar bem os níveis políticos e sociais.

Por último, achamos que uma grande contribuição da plataforma está em sua análise sobre a defesa da revolução. Com o acúmulo de experiências que os companheiros tiveram na defesa armada da revolução ucraniana, puderam elaborar alguns critérios fundamentais que ainda hoje deve guiar toda tentativa armada de enfrentamento contra o poder. O grande ensinamento está no fato de manter o braço armado da revolução submetido ao braço popular. Nunca o Exército pode ser formado por mercenários e ter uma autonomia plena. Deve sempre se submeter às instâncias de poder popular e ser voluntário para manter o seu caráter classista e não se tornar um poder contra o próprio povo.

Estas são apenas algumas das contribuições da Plataforma. Nos resumimos a elas por acharmos que contam muito para a luta que travamos hoje. Provavelmente muito mais contribuições ela poderia ter deixado se não fosse tão mal entendida e tão acusada no passado. Não é a toa que uma áurea de preconceito ainda paira sobre. Somente se formos anarquistas sinceros e quisermos de fato encontrar caminhos para a luta de nossa classe, poderemos nos despir dos preconceitos e encontrar aquilo que pode ou não servir para a nossa luta atual.

Viva a Anarquia!

**CURSO 15**

**O ORGANIZACIONISMO NO BRASIL**

# CRÍTICAS E PROPOSIÇÕES ORGANIZACIONISTAS

**José Oiticica**

O artigo abaixo foi composto por três partes. A primeira delas é uma breve biografia do organizacionista José Oiticica, escrita por Milton Lopes. A segunda e a terceira são uma compilação composta por artigos de José Oiticica, publicados na “Secção Trabalhista” do jornal *A Pátria*, do Rio de Janeiro, a partir de junho de 1923, “secção” esta que também tinha como redator o anarquista Marques da Costa. Com esta compilação, pretendemos tornar públicas as críticas e proposições de Oiticica em relação a diversos temas ainda muito atuais: organização anarquista, organização do movimento popular, compromisso militante, minoria ativa, separação dos níveis político e social, individualismo, unidade de ação, autonomia, ação direta, entre outros. Apesar de breves, os trechos selecionados são extremamente relevantes por dois motivos. Primeiro, por retratar parte das posições do “organizacionismo” brasileiro, que poderíamos considerar “embrionárias” do especificismo que hoje defendemos, posições estas que nos permitem avaliar a própria história do anarquismo no Brasil, seu apogeu e subsequente queda, constatada pela perda do vetor social representado na época pelo sindicalismo. Segundo, por trazer a tona contribuições importantes para o anarquismo social de hoje.

**Felipe Corrêa**, fevereiro de 2009.

## **JOSÉ OITICICA: UMA EXISTÊNCIA PELA AÇÃO DIRETA**

“Ele se foi” dizia título de texto na primeira página do jornal anarquista *Ação Direta*[1] há cinco décadas atrás, em julho de 1957. O “ele” a que se fazia referencia era o professor José Oiticica, um dos maiores militantes do movimento no Rio e talento invulgar em diversas áreas do conhecimento humano, a começar pelo da língua portuguesa de que era catedrático no Colégio Pedro II desde que ali ingressara por concurso em 1916, apesar de prestar prova demonstrando os erros de seus arguidores.

José Rodrigues Leite e Oiticica havia falecido subitamente de um enfarte a 30 de junho de 1957. Seu nascimento havia ocorrido a 22 de julho de 1882 em Oliveira, Minas Gerais, quarto filho de antigo constituinte e senador da república. Aos seis anos foi expulso do Seminário Arquidiocesano de São José em Petrópolis por ter se rebelado contra os “bolos” aplicados por um padre mestre.[2] A seguir foi matriculado no Colégio Paula Freitas na Tijuca onde travou conhecimento com o futuro escritor e também anarquista Lima Barreto (1881-1922)[3]. Aos 15 anos, Oiticica ingressou na Escola Politécnica para seguir curso de Desenho. A leitura de livros de sociologia, porém, leva-o ao curso de Direito em Recife e no Rio. Formado, desilude-se logo com os meios jurídicos para resolver as grandes e pequenas questões sociais. Suas atividades voltam-se então para a educação. Em 1905, ano de seu casamento com sua prima Francisca Bulhões, funda com esta o Colégio Latino-Americano no Rio, a experiência fracassa, pois o casal admitia numerosos alunos carentes de recurso financeiros. Depois de dirigir por dois anos uma escola municipal em Santa Catarina, Oiticica volta ao Rio. Em 1911 estréia na literatura, e já era jornalista desde 1901.

É em 1911, depois de tantas desilusões com a religião, o direito, a educação e o Estado que José

Oiticica irá dar um passo decisivo em sua vida. Após ouvir de um parente seu que suas idéias de transformação social eram “anarquismo puro”, Oiticica descobre-se ideologicamente anarquista. O jornal anarquista *Guerra Social*, editado no Rio, chama a atenção em seu número de 14 de agosto de 1912[4] para um curso de sociologia na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, ministrado por Oiticica. E é ainda em um jornal anticlerical, *A Lanterna*, de SP, que Oiticica publica um artigo sobre o fuzilamento de Ferrer em outubro de 1912. Esse ano o vê também engajar-se ativamente no movimento sindicalista revolucionário.

Fato importante na biografia de Oiticica ainda nesta fase foi sua participação na revista anarquista *A Vida*, editada no período de 1914-1915 no Rio. Nomeado professor de português do colégio Pedro II depois de árduo concurso em que expôs os erros dos componentes da banca que o examinava, Oiticica não deixou decrescer seu espírito rebelde em função do cargo. Em 1918 Rui Barbosa pronuncia conferência em teatro do Rio com fins eleitorais, prometendo pequenas vantagens aos operários, entre os quais descanso de 8 dias para a mulher depois do parto. Oiticica escreve artigo “que causou emoção em todos os setores políticos e sociais, pois demonstrava de forma, eloqüente que o famoso tribuno baiano desconhecia em absoluto a vida trágica dos trabalhadores e a verdadeira solução para os seus graves problemas.”[5] Ainda a 19 de abril daquele mesmo ano a audácia de Oiticica iria ainda mais longe ao publicar no jornal *A Rua* uma carta aberta ao todo poderoso chefe de polícia do Distrito Federal que havia fechado a Federação Operária. Oiticica argumentava que os militantes anarquistas presos ou perseguidos eram pessoas de elevada condição ética, ao contrário do rebotinho de que era constituído o quadro de agentes policiais, especialmente os “secretas” e informantes encarregados da repressão política.

A 18 de novembro de 1918 declara-se no Rio e em cidades vizinhas uma greve geral insurrecional. Operários entram em choque com o exército e a polícia. Oiticica e outros são presos acusados por um oficial do exército de serem os promotores de uma tentativa insurrecional. Desterrado para Alagoas, Oiticica ali faz propaganda entre os pescadores, falando-lhes à luz de velas[6]. Ali também trava conhecimento com um jovem, Otávio Brandão, então anarquista, para quem escreve prefácio para o livro *Canais e Lagoas*, em que pela primeira vez é afirmada a existência de petróleo no Brasil. Anos depois, já no PCB, Brandão mandará retirar o prefácio de Oiticica de uma segunda edição. De volta ao Rio, Oiticica se verá envolvido no projeto do jornal anarquista *Spartacus*, juntamente com Astrojildo Pereira, dentro de alguns anos também seu adversário ideológico. No ano seguinte tocaria a vez de contribuir para o diário *Voz do Povo*, órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, de orientação anarco-sindicalista.

Em 1922, uma grave cisão é provocada no movimento operário pela fundação do PCB. Na década de 1920 os próprios militares e as classes médias passam ao descontentamento para com o domínio das oligarquias da velha república. É em 1922 a revolta do Forte de Copacabana e a 5 de julho de 1924 explode em São Paulo a revolta das tropas comandadas pelo General Isidoro Dias Lopes. O governo de Artur Bernardes decreta o estado de sítio e Oiticica é preso na sala de aula do Pedro II, passando durante sete meses a peregrinar por diversas prisões, ou seja, pela central de polícia, ilha Rasa e ilha das Flores. Ao sair da prisão, Oiticica edita com Antonio Bernardo Canellas o jornal clandestino *5 de Julho*. [7]

A polêmica entre anarquistas e comunistas recrudescer e adquire maior dramaticidade ao ser morto o sapateiro anarquista Antonino Dominguez no Sindicato dos Gráficos na rua Frei Caneca em 1928, por tiros disparado por militantes do PCB. Os integrantes da “tcheka” do PC visaram especificamente Oiticica e outros anarquistas.[8] Em 1937 Oiticica é novamente preso, desta vez pela polícia do chamado “Estado Novo”. Em 1946 reinicia com outros companheiros a edição do jornal *Ação Direta* no Rio (houve uma primeira fase em 1928-1929). Tendo falecido em 1957, seu nome foi dado no ano seguinte pelos anarquistas do Rio a um Centro de Estudos, fechado pela ditadura militar em 1969.

Da vida intensa do sábio e rebelde Oiticica, nos fica o ensinamento que ele formulou ao declarar que “só a ação direta abala tronos, ameaça tiranias, convulsiona mundos. Só ela principalmente, educa e fortifica o povo espoliado na sua luta milenar contra as forças escravizadoras.”

Notas:

1. *Ação Direta* no 119, Ano 11, 1ª página, julho de 1957. O jornal circulou no RJ de 1946 a 1959.
2. Ver o prefácio de Roberto das Neves para a coletânea de artigos de Oiticica *Ação Direta*, Editora Germinal, RJ, 1970.
3. Artigo de José Oiticica m *A Rua*, citado por Francisco de Assis Barbosa *A Vida de Lima Barreto*, José Olímpio, RJ, 1952.
4. *Guerra Social*, RJ, 14/08/1911.
5. Depoimento do anarquista Manuel Peres no *Ação Direta* de julho de 1957.
6. Ver artigo Bem Feito na coletânea *Ação Direta* da Germinal.
7. Ver Roberto das Neves, prefácio à coletânea *Ação Direta* da Germinal.
8. Ver relato sobre os acontecimentos no Sindicato dos Gráficos em 1928 por Renato Ramos no informativo *Libera* número 81, de fevereiro de 1998.

por **Milton Lopes**

## CRÍTICA A ALGUMAS POSIÇÕES ANARQUISTAS

Somos dispersivos, não temos nenhum método, nada fazemos nem podemos fazer por desunião de vastas e sucessivas incoerências práticas. Vivemos num deixa andar incrível, por incompreensão das coisas e, pesa-nos dizer, por fanatismo. Ainda aqui, os bolchevistas nos argüem com razão. Exemplo: Um camarada de São Paulo incrimina Edgard Leuenroth por haver constituído com outros camaradas um grupo fechado, isto é, selecionado com programa de ação, compromissos assumidos e exclusão forçada dos que não cumprirem o acordo feito. O acusador afirma ser tal agrupamento antianarquista! Essa é admirável! Admirável também a atitude de alguns anarquistas que se arregimentam contra a violência no combate à burguesia!

Anarquia é o regime do acordo livre. Eu tenho o direito de combinar com os outros o que bem nos parecer, desde que nossa combinação não lese a terceiro. Logo, se combino com outros um grupo fechado, com programa, compromisso, punições e o mais que queiramos, ninguém tem nada com isso.(...)

Demais, os anarquistas confundem lamentavelmente descentralismo da organização anárquica com centralização de forças anárquicas na luta contra a burguesia fortemente centralizada.[1]

Como dar unidade e união às federações? Como conseguir um corpo de militantes verdadeiramente de vanguarda, a prova de fogo e bons guias?(...)

O segundo Congresso Operário proclamou o federalismo, mas não soubemos efetivar as federações anárquicas fora dos sindicatos.

Tudo isso porque somos fanáticos das “autonomias”, isto é, “não-compromisso”. Da “licença individual”, coisa antianárquica acima de tudo, como demonstrou Malatesta e como acentuou o Congresso de Bolonha. Com tais idéias vamos cair no anarquismo individualista, a pior espécie de quietismo e dispersionismo existente.[2]

## PROPOSIÇÕES PARA UM MODELO DE ORGANIZAÇÃO

Duas medidas são urgentemente necessárias para intensificar a ação anárquica: seleção dos militantes e concentração de forças. Só isso nos dará unidade de ação.[3]

Somos combatentes de uma grande guerra. Todos os combatentes, se “entendem” mutuamente para combater, assumem “compromissos”, sem os quais não pode haver unidade de ação. Quem se “entende” com outros já não é senhor da sua vontade integralmente, prendeu-a por alguns fios ao acordo firmado. Se desfaz os fios, rompe o acordo, se “desentende, desiste do combate comum”, foge à luta, se furta aos companheiros.

Logo o indivíduo “autônomo” é impossível num “grupo” de combate. Se ele firma um acordo com outros grupos, ele alienou de si, em benefício da comunhão, uma parcela de sua vontade. Se ele tem algum motivo de desacordo, cumpre-lhe expor esse motivo à comunidade e promover a revisão do acordo. Romper o acordo por sua livre e espontânea vontade é uma traição bem caracterizada.

Falar também das federações com grupos inteiramente autônomos é absurdo. Federar-se é comprometer-se a um “pacto” escrito ou não, submeter-se voluntariamente a uma vontade coletiva, a princípios pré-assentados, discutidos e aceitos. Portanto, os grupos federados são “autônomos dentro do acordo”, segundo a fórmula de Malatesta.

Assim, quando no grupo o indivíduo quebra o acordo, ele por si mesmo se “desliga” moralmente e pode (melhor, “deve”) ser excluído intransigentemente do grupo. Do mesmo modo, se o grupo quebra o acordo, se desliga da federação e como tal pode e deve ser declarado dissolvido ou estranho à federação. Exemplo: um grupo que vai votar ou “apóia” uma candidatura. É o único meio de cortar as “águas turvas” e solidificar a “frente” anárquica.[4]

Penso que devemos separar inteiramente a organização do sindicato da organização dos anarquistas. A organização destes visa, naturalmente, orientar a classe trabalhadora por meio do sindicato, instrumento de ação direta nas reivindicações, mas a arregimentação dos militantes para a propaganda nos sindicatos e fora dele é coisa a parte, requer métodos, processos diferentes.(...)

Por isso querer os “grupos fechados”, só de militantes, com ingresso por seleção e compromissos rigorosos; as “secções operárias anárquicas”, isto é, centros operários fundados pelos “grupos” para propaganda fora dos sindicatos.[5]

Não basta, pois, ter vontade de ser anarquista e propagandista. Importa estudar muito, enfronhar-se na teoria, embeber-se no ideal. Se esse tirocínio é insubstituível para alcançar a “teoria”, muito mais reclama a luta real. É indispensável experiência longa, estudo dos sindicatos, contato constante com o trabalhador, conhecimento dos truques políticos e policiais, toda uma ciência prática difícil.

Assim reputo evidente a necessidade de levar em conta, na organização, a distinção entre agrupamento de militantes e formação de anarquistas fora dos agrupamentos. (...) Demais, no sindicato não podemos dar uma feição exclusivamente anárquica à ação operária.[6]

Desde que o anarquismo é anarquismo, não tem pregado outra coisa senão a ação direta das massas contra os burgueses, pela associação, pela colaboração dos sindicatos, pelas greves, pela sabotagem, por todos os processos imagináveis. Espero que os bolchevistas não nos virão negar isso e considerar a ação direta invenção bolchevista, ou idéia do “mestre” Marx ou do “mestre” Engels.[7]

Aqueles, entretanto, que aceitarem a idéia dos grupos selecionados, à maneira exposta, não devem



perder tempo. Cada agrupamento, para ser mais eficaz, deve ser muito reduzido em número, de doze companheiros no máximo. É melhor formar muitos grupos pequenos federados numa localidade, com princípios por todos assentados e observados, mas livres na execução das medidas tomadas, que num só grupo numeroso com assembleias infundáveis, discussões ociosas e as respectivas comissões nomeadas.[8]

Notas (datas dos artigos):

1. 19 de junho de 1923.
2. 22 de junho de 1923.
3. 19 de junho de 1923.
4. 22 de junho de 1923.
5. 26 de junho de 1923.
6. 26 de junho de 1923.
7. 26 de outubro de 1923.
8. 26 de junho de 1923.

# ORGANIZACIONISMO ANARQUISTA

Neno Vasco

## Quando o anarquismo se separa do classismo

“O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou de definhar, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, com infiltrações de individualismo burguês ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de diletantes e de esnobes.” [Neno Vasco. *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Porto: Afrontamento, 1984, p. 79.]

## O anarquismo é sindicalista desde o berço

“Os anarquistas, fiéis às idéias da Internacional bakuninista, sempre trabalharam, não só na criação de uma vontade revolucionária, de um desejo ativo de mudança e na formação da consciência dos males a destruir e do fim a atingir, mas ainda na reunião de elementos orgânicos e de materiais de reconstrução, que não poderiam limitar-se às forças da minoria revolucionária de iniciativa e combate. Eis porque fomos sempre sindicalistas, mesmo antes do termo.” [Ibid. p. 167]

## A luta de classes

“As duas classes estão em completa desigualdade de condições. Uma, que detém o poder econômico e político, os meios de explorar e governar, nega à outra as mais elementares condições vitais, e funda precisamente a sua riqueza e prosperidade sobre essa privação; a outra não tem outros meios de resistir a essa violência permanente e organizada senão a sua união, o valor do seu trabalho e a força dos seus músculos.” [Ibid. p. 128]

“[O revolucionário deve] entender e propagar uma verdadeira *luta de classes*, a da classe operária contra a classe burguesa, em torno de interesses gerais que sejam hoje os de toda a classe trabalhadora em vias de emancipação, e possam tornar-se depois os de toda a sociedade livre e igualitária; em torno de interesses que, sendo embora os de um indivíduo ou de uma corporação, não contrariem os dos outros indivíduos ou corporações da mesma classe ou os da obra essencial de libertação comum. Guerra sem tréguas a tudo quanto – atos, métodos, idéias, equívocos – divide o operariado, confundindo-o e entrelaçando-o com a burguesia!” [Ibid.]

“A luta de classes é a luta pelos interesses gerais do proletariado [...] e, para ser revolucionária, deve visar a abolição das classes” [Ibid. pp. 98-99].

## Anarquismo como fermento e motor dos movimentos populares

“O papel do anarquismo continuará sendo o que é hoje: tendência livre no seio do povo e das organizações, atuando sem coação. Fermento da massa. Força propulsora de todos os movimentos conscientes a caminho da liberdade. Motor da ação e organização diretas populares. Fator de iniciativas que não esperam ordens. Sentinela vigilante contra qualquer tentativa de restaurar a tirania abatida ou de a reestabelecer sob o disfarce enganador de novas vestes.” [Ibid. p. 179]

## O programa anarquista

“Para as massas, os programas concretos, claros, precisos, são, com efeito, da maior utilidade” [Ibid. p. 163].

“[No programa libertário] a força não figura senão como meio revolucionário e não se emprega senão contra a violência – do capitalismo, do Estado ou da contra-revolução – que procura manter ou restaurar a escravidão das massas, impor-lhes criminosamente a vontade de uma minoria exploradora. No mais, um programa libertário não exprime senão o que um partido pretende lançar, pela força do exemplo e da propaganda, no cadinho efervescente onde se elaboram as formas sociais. É a ação livre de uma tendência, é uma contribuição, não uma imposição.” [Ibid. p. 170]

“Compete aos anarquistas” [quando estiverem atuando nos movimentos de massas, exercer em seu seio] “toda a sua atividade e influência, em prol do seu programa integral, sempre intransigentemente mantido, afim de pesar com todo o seu peso e obter em todas as soluções o máximo de anarquismo”. [Ibid. p. 175]

### **Sindicatos e sua função de resistência operária**

“Para funcionar normalmente, tem o sindicato profissional, órgão da resistência operária, que estar livre e desembaraçado de quaisquer outras funções, nitidamente separado de qualquer outro órgão de função econômica diversa. Concretizando: tem que rejeitar do seu seio as várias formas de mutualismo e cooperativismo, tantas vezes embrulhadas com a resistência nas velhas associações operárias, aliás ainda numerosas. [...] Mesmo para as vantagens imediatas, a mutualidade e a cooperativa valem bem menos do que a resistência, a ação direta sindical.” [Ibid. p. 121]

### **Mutualismo e cooperativismo**

“O mutualismo e o cooperativismo têm pelo menos a [utilidade] de desenvolver entre o operariado o espírito associativo e a capacidade administrativa, no caso de, bem entendido, serem exercidos diretamente pelos próprios operários, e não por burocratas, patronos, filantropos, beneméritos e outros protetores.” [Ibid. p. 123]

### **Organização e propaganda**

“[Para organizar a atividade sindical] é indispensável uma ativa e grande obra de propaganda e organização” [Ibid. p. 66]. “[Trata-se de] empregar meios de propaganda e educação, subordinados à função econômica única da liga de resistência” [Ibid. p. 131].

### **Cultura de classe**

“O operário vai à associação, ao sindicato, levado pelo interesse e pela sedução da idéia. Lá encontra um ambiente adequado ao seu estado de espírito, um convívio grato aos seus sentimentos de homem do trabalho, o calor das grandes paixões sinceras e o estímulo dos mais fecundos exemplos. E se lá encontra também o conforto convidativo da luz, do ar e da arte, ei-lo definitivamente roubado às consolações dúbias do botequim e às ilusórias fustigações do álcool. [...] Vastas e luminosas Casas dos Trabalhadores, com amplas salas para assembléias, bibliotecas, conferências, concertos, espetáculos! A música, o teatro, a arte declamatória e didática, todas as artes, servidas pelos artistas sindicados, enchendo os merecidos ócios do trabalhador, enriquecendo-lhe o cérebro, burilando-lhe o sentimento.” [Ibid. pp. 130-131]

### **A consciência de classe se forja na luta**

“[No sindicalismo] os operários nele tomem consciência da luta de classes, do irreduzível antagonismo de interesses existente entre eles e os capitalistas; que na ação e em contato com os seus iguais no sindicato, os trabalhadores se apercebiam da insuficiência dos melhoramentos parciais e da necessidade de expropriar a burguesia e reorganizar a sociedade sem parasitismo e em proveito

de todos os produtores. Viu-se no sindicato um magnífico *terreno* maravilhosamente predisposto para o lançamento e germinação da *semente* socialista e anarquista.” [Ibid. p. 92]

### **Os sindicatos não devem ser anarquistas**

“Os anarquistas conscientes não pretendem que um sindicato se declare artificialmente anarquista. Se o fizessem, ou só ficariam nele os anarquistas, passando a ser um grupo de idéias, como os outros grupos anarquistas, sem ter, portanto a utilidade particular do agrupamento de interesses, do sindicato; ou o sindicato só seria anarquista de nome, por artifício autoritário – isto é, seria menos anarquista quando tal se declarasse. E se a doutrina adotada fosse um conjunto, velho ou novo, de fórmulas, de teorias e previsões otimistas, bem ou mal fundadas sobre o movimento sindical, chamasse-se embora ‘sindicalismo’ a essa teoria, ainda se iria contra o verdadeiro sindicalismo, pois não teriam lugar no sindicato os operários que não a professassem, republicanos, social-democratas, anarquistas, etc. Seria um novo partido político, não a classe operária organizada.” [Ibid. p. 93]

### **O movimento popular deve associar-se em torno das necessidades**

“Os operários, não porque têm conscientemente este ou aquele ideal quanto à sociedade futura, mas porque são assalariados e precisam lutar contra os patrões, agrupam-se em sindicatos (*sociedades de resistência* era muito mais apropriado), fora de qualquer partido político, como aliás as associações econômicas da própria burguesia. Da sua condição de assalariados, da sua força de trabalho e do fato de estarem agrupados para a defesa dos seus interesses econômicos comuns resulta naturalmente o emprego de certos meios de ação, que giram em torno da greve. Desses meios de *ação direta* são partidários todos os operários, sejam quais forem as suas idéias políticas, sociais ou mesmo religiosas; e, portanto, todos podem e devem se reunir nos sindicatos para o exercício dessa ação, fazendo cada um, cá fora, se quiser, parte deste ou daquele partido político ou seita.” [Ibid. p. 91]

“Queremos, naturalmente, que o sindicato agrupe o maior número possível de assalariados da respectiva profissão ou indústria, e se puder ser a totalidade, tanto melhor” [Ibid. p. 124].

### **Favorecer as reformas**

“Para alcançar seu fim, devem os revolucionários favorecer, não só os métodos de ação (a ação direta) e as formas de organização (federalismo, autonomia) que suscitam e exigem as energias e iniciativas do maior número e que dão aplicação e livre acesso a todas as boas vontades, mas também as reformas ou melhoramentos que sejam uma vantagem verdadeira para o proletariado ou que pelo menos não contrariem e retardem o fim essencial. E devem, afincadamente, combater o interesse do operariado por todas aquelas reformas que, embora conquistadas pela ação direta, tendam a confundir as classes sociais ou a opor entre si as diversas categorias do proletariado.” [Ibid. p. 108]

“Os melhoramentos especificamente operários – aumento de salário, redução de horas, descanso semanal, higiene no trabalho, etc.”. Ganhos que “elevam a capacidade de consumo e a dignidade do assalariado, e sobretudo os que abrangem e satisfazem um interesse geral da classe trabalhadora” [Ibid.].

### **Na luta pelas reformas, o fim buscado deve ser a revolução**

“Para o revolucionário social, a luta de classes deve ter como fim essencial a expropriação dos capitalistas e a abolição das classes; como essencial utilidade prática a preparação dos espíritos nesse sentido, a destruição de todos os equívocos e compromissos.” [Ibid. p. 117]

## **A recusa do Estado como campo de atuação e a ação direta**

“Repudiamos, pois, a ação eleitoral e parlamentar, que só serve para reforçar o Estado” [Ibid. p. 74]

“Para caminhar hoje, amanhã e sempre para a anarquia, para a realizar pouco ou muito, o nosso método é a ação e a organização direta das massas” [Ibid.]. “O nosso método, a ação direta, ainda na conquista de pequenos melhoramentos atuais, tende, pelo contrário, a despertar a iniciativa e a coragem, leva a agir por conta própria, a unir-se, ensina a viver sem tutela” [Ibid. p. 74]. “Os anarquistas são [...] os mais ardentes defensores da ação direta da classe, porque a ação direta é, em suma, a tática dos anarquistas em todos os campos, econômico, político, intelectual etc.” [Ibid. p. 101].

## **Independência de classe**

“O movimento operário é um movimento de classe” e “a organização sindical deve agrupar, como tais, todos os assalariados pobres, devendo, por isso mesmo, ser independente dos partidos”. [Ibid. p. 103] “O sindicalismo necessita, pois, ser livre e independente, não só dos partidos políticos, mas ainda das outras organizações econômicas de caráter e fins diversos” [Ibid. p. 123]. Afinal, recordemos que, para ele, “a resistência deve ser a única função sindical” [Ibid.].

“[Dois aspectos deveriam ser evitados no sindicalismo:] o primeiro é a subordinação da organização operária a um partido político ou a adoção oficial de uma doutrina, por mais revolucionária que seja; o segundo é, com o pretexto de independência, suprimir dentro do sindicato o franco e leal embate dos métodos e ideais, agindo no terreno e com os meios que o sindicato oferece.” [Ibid. p. 103]

“O fato de a organização operária de resistência não dever assentar sobre princípios políticos, sociais ou religiosos, e precisar viver independente de qualquer partido político ou agrupamento doutrinário, não implica que se haja de cortar no seu seio a livre ação das tendências e qualquer propaganda exercida por elementos organizados, desde que aceitem as bases fundamentais da ação e do movimento operários.” [Ibid. p. 95]

## **A greve geral não é suficiente**

“A classe trabalhadora, segundo muitos grevegeneralistas, esperaria tranquilamente, de braços cruzados, que o capitalismo se rendesse pela fome, depois de reduzido o Estado à impotência pela disseminação de suas forças e pela paralisação dos seus movimentos. Para ajudar a capitulação, exercer-se-ia a sabotagem em larga escala, destruir-se-iam produtos [...], pontes e meios de transporte [...]. Como os benefícios da revolução eram imediatos e gerais e o povo nadava desde o princípio na fatura, não ficariam vestígios de reação nem riscos de contra-revolução. Tudo se converteria, como por encanto, ao comunismo libertário; como por encanto, surgiriam de todos os lados homens de boa vontade, de anarquistas, para distribuir as riquezas e reconstruir a sociedade. Suprimia-se simplesmente, não só a tormenta revolucionária que pode ser longa e dolorosa, mas ainda o penoso e demorado período de transição, durante o qual se elaborarão as novas formas sociais através das lutas de tendências, afirmando-se estas na medida da sua iniciativa e da sua audácia, conforme as suas forças ideais e numéricas.” [Ibid. pp. 156-157]

## **Necessidade da luta armada**

“À greve geral tem de se juntar sem perda de tempo a insurreição armada, que não pode ser obra da organização operária, nem mesmo dos partidos revolucionários, mas resulta da cooperação de uma

parte do exército e dos grupos civis autônomos. É a lição das revoluções de nossa época [...]: greve geral, ação dos grupos revolucionários, adesão do proletariado fardado e armado, do exército recrutado à força pela classe dominante.” [Ibid.]

“A tarefa insurrecional não cabe de modo algum ao organismo sindical. Nem este órgão está talhado para tal função, que exige um instrumento pronto, flexível, desembaraçado”. [Ibid. p. 171]

### **As massas e a luta armada**

“As massas pesadas e desarmadas não obstruem as ruas nem são expostas inutilmente à sanha canibalesca dos mercenários bem armados. Nos momentos de luta as multidões inermes só servem, as mais das vezes, para arrastar consigo os homens de ação, na onda desvairada do pânico. Na fábrica, trabalham para a revolução, generalizam o movimento, dispersam as forças inimigas; na rua, são mais um estorvo do que um auxílio aos combatentes, insurretos civis e militares, que tratam de ajustar contas com os janízaros e a guarda branca da burguesia e de impedir o restabelecimento da infame exploração capitalista. De um modo geral: a massa dos produtores, no lugar de produção, trabalhando por conta de todos; os beligerantes, na rua, decidindo pelas armas a sorte da revolução; os incapazes de trabalhar ou de combater, em casa.” [Ibid. pp. 171-172]

“[É necessária uma] dupla preparação: preparação material, que não é tarefa oficial nem oficiosa dos partidos nem das organizações operárias; preparação moral para as lutas e trabalhos do período revolucionário e do de reconstrução” [Ibid.].

### **A revolução deve ser obra das massas**

“No que ela tem de consciente e voluntário, a revolução é obra, não exclusivamente da minoria anarquista, absolutamente insuficiente para a grandiosa tarefa, mas ainda dos socialistas revolucionários, dos revolucionários vagamente sociais e das massas semi-conscientes, para as quais o jugo capitalista se tornou insuportável. Restam ainda, e bem numerosas, as massas indiferentes, que aceitam os fatos consumados e são incapazes de organizar uma contra-revolução, que aderirão mesmo passivamente e trabalharão com igual ou melhor vontade, mas serão evidentemente incapazes de colaborar ativa e conscientemente na organização libertaria da sociedade. A minoria anarquista permanecerá, pois, minoria por muito tempo, seja qual for a rapidez dos progressos alcançados em melhores condições; e uma minoria não pode organizar a vida social senão pelo processo autoritário, ditatorial ou burocrático, sob formas declaradas ou hipócritas. [...] Não podendo os anarquistas por definição, impor as suas concepções, não querendo emancipar e organizar o povo, mas pretendendo que o povo se emancipe e organize diretamente, restam-lhe duas formas de atividades, dois modos de influir no arranjo e funcionamento da convivência social. Usando o direito de livre disposição dos meios de produção, de livre experimentação social, poderiam constituir vida à parte, procurando influir pelo exemplo na restante sociedade. [...] A outra atitude consistiria no prosseguimento, com forças e meios cada vez mais poderosos sem dúvida, da ação hoje exercida no seio da organização operária e da sociedade em geral. E é este o processo mais natural, mais consentâneo com a evolução normal das sociedades humanas.” [Ibid. pp. 173-174]

### **Aspectos programáticos construtivos**

“Não há, sem dúvida, partido que possa subsistir com um programa puramente destrutivo e negador. Se pretende remodelar a sociedade, tem que estabelecer as bases dessa remodelação, delinear-lhe os confrontos o mais nitidamente possível, conceber claramente os novos órgãos sociais, dar ao esforço transformador um farol bem visível e achar para a meta o caminho único ou melhor.” [Ibid. pp. 169-170]

## **Sindicatos que ligam o passado ao futuro**

“A idéia do sindicato ou sociedade de resistência constituindo o elo entre a sociedade presente e a futura, continuando amanhã em proveito de todos a produção hoje guiada pelo interesse de uma classe, e a concepção de uma sociedade como uma ‘federação econômica’, como a livre federação dos grupos produtores, são velhas no anarquismo da Internacional e no seu continuador.” [Ibid. p. 133]

“É muito provável que os sindicatos comecem [...] a sofrer transformações, adaptando-se às necessidades do momento.” [Ibid. p. 175]

“Será preciso abandonar, nos primeiros tempos, além das indústrias e serviços inúteis e nocivos do capitalismo, os que não forem de primeira necessidade. [...] Todos os esforços e os meios de produção (combustível, máquinas, matéria-prima, sementes etc.) nos trabalhos urgentes, sobretudo na alimentação [...] Os campos e a agricultura devem ser a maior preocupação”. [Ibid.]

## **Influência dos anarquistas nos sindicatos**

“Compete aos anarquistas exercerem no seio dela [da agrupação sindical] toda a sua atividade e influência, em prol do seu programa integral, sempre intransigentemente mantido, afim de pesar com todo o seu peso e obter em todas as soluções o máximo de anarquismo.” [Ibid.]

## **A sociedade futura**

“[O agrupamento dos iguais na sociedade futura] será múltiplo: o grupo profissional para a produção essencial, para os serviços públicos (alimentação, vestuário, alojamento, transportes, comunicações, saúde, iluminação, etc.); o grupo de afinidades para a satisfação das necessidades intelectuais, estéticas e morais; a livre Comuna, ou União local, para os interesses locais, estatística, determinação do consumo, distribuição. E as múltiplas federações livres, locais, regionais, mundiais, de sindicatos, de grupos por afinidades e de comunas.” [Ibid.]

“[Deve-se prever] a socialização da terra e dos instrumentos de trabalho, da agricultura e da indústria, assim como do poder político” [Ibid. p. 181].

## **Nacionalizar?**

“Nacionalizar ou municipalizar não é garantir a todos o livre acesso aos meios de produção e de transporte, ao trabalho compensador e às utilidades produzidas pelo trabalho comum. [...] [Nacionalizar significa] tirar a propriedade e a direção da produção das mãos dos capitalistas [...] para as entregar ao Estado [...] “Não se trata, pois, de socialismo nem de socialização: trata-se de capitalismo de Estado” [Ibid. p. 182].

Socializar, em suma, significa expropriar os capitalistas e a elite política do poder econômico, fundamentado na propriedade privada, e do poder político, fundamentado na hierarquia do Estado. Seria o povo que deveria exercer esse poder, fora do Estado, por meio de estruturas autogestionárias e articuladas pelo federalismo. Neno Vasco acredita que a revolução

## **A socialização econômica**

“Deve desde logo socializar e transformar em *serviços públicos* todos os ramos da produção, transportes e distribuição indispensáveis ao funcionamento de uma sociedade moderna. E como

órgãos ao mesmo tempo gestores e executores desses serviços não vemos senão as associações de trabalhadores – agrupamentos locais, união local desses grupos para as indústrias que operam, ou enquanto operam, na localidade (produção, armazenagem e entrega de subsistências e artigos de vestuário; construção civil; viação, iluminação, limpeza urbanas; serviços de saúde e de ensino, etc.); federações de indústria, de seções locais e de uniões de sindicatos para os serviços federais, como os caminhos de ferro, a navegação marítima, a aviação, os serviços telegráficos postais, etc.” [Ibid. p. 191]

“Socialização dos meios de produzir, da terra e dos instrumentos de trabalho” [Ibid. p. 58]; “juntar, pôr em comum, deixar indiviso – e confiar a produção ao trabalho coletivo organizado” [Ibid. p. 189].

“Queremos que a riqueza social, fruto comum e indestrinçável do labor manual e intelectual das gerações passadas e presentes, comum venha a ser na sua aplicação” [Ibid. p. 58].

“Queremos aqui significar, não o dinheiro, mas as verdadeiras unidades, os meios de produção, que devem ser postos à disposição de todos” [Ibid.].

“Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em que o trabalho, tendendo à satisfação das necessidades dos indivíduos, seja escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores” [Ibid. p. 60].

“A questão está em encontrar e levar a cabo um modo de funcionamento, uma forma de organização, capaz de garantir ao produtor a liberdade de escolher a ocupação ou associação, ao consumidor a escolha do produto, a todos a satisfação de suas necessidades, a cada um o uso gratuito dos meios de produzir e as liberdades essenciais”. [Ibid. pp. 189-190]

“Que não subsista nem se estabeleça nenhuma forma de dinheiro, mesmo para os produtos insuficientes, distribuídos mais ou menos proporcionalmente ao trabalho feito” [Ibid. p. 205]. “[O dinheiro] permite o entesouramento e dá facilidades ao roubo: é portanto fator de ociosidade e de perigoso parasitismo” [Ibid.].

### **A socialização política**

“Eis também porque reclamamos a supressão da instituição governamental pela socialização do poder político. Isto é, queremos substituir a atual organização política autoritária por uma organização política anarquista, que parta do indivíduo para a sociedade, associando-se livremente os indivíduos, federando-se livremente os grupos. Queremos a organização baseada sobre a cooperação voluntária, adaptando-se plasticamente às múltiplas necessidades humanas.” [Ibid. pp. 58-59]

“[A sociedade seria] uma organização livre, indo do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação” [fundamentada] “no livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimento de indivíduos” [Ibid. p. 61].

### **Comunismo ou coletivismo**

“Quanto maior for a abundância, mais fácil será a aplicação da fórmula comunista. Mas a nova sociedade tem de criar a abundância (e só ela pode criar), exigindo sacrifícios ao trabalho e restrições ao consumo. Coletivismo? Comunismo? [...] Na sua construção ideal, Pouget e Pataud (*Comment nous ferons la révolution*) põem um outro sistema: os produtos de primeira utilidade



serão distribuídos conforme a necessidade (comunismo) e os outros são provisoriamente adquiridos por meio de uma taxa suplementar de trabalho (coletivismo), até que se tornem abundantes. É bem possível que assim venha a ser, e até que variem as soluções de lugar para lugar.” [Ibid. pp. 203-204]

“Os anarquistas, evidentemente, esforçar-se-ão por introduzir na nova organização social a maior soma possível de comunismo.” [Ibid. p. 204]

### **O socialismo que existe na liberdade**

“A liberdade afirma-se primeiramente como ato positivo: é o produto de uma conquista sobre o ambiente, o resultado de uma luta contra as forças exteriores. E logo surge a associação, a coordenação de forças como fator de liberdade. A cooperação de esforços, atuando contra as forças físicas e sociais hostis, vencendo maiores resistências, aumenta a soma de possibilidades e bem-estar, isto é, de liberdades, de cada uma das partes associadas. E se a solidariedade se desse entre todos os seres humanos, a luta teria como alvo único o triunfo sobre a natureza bruta. As forças conscientes, antes divididas, agora unidas, obteriam vantagens bem mais apreciáveis que as mesquinhas vitórias de uma guerra fratricida, da qual saem amiúde os vencedores mais debilitados que os vencidos.” [Ibid. p. 54]

\* Compilação do livro *Concepção Anarquista do Sindicalismo*, de Neno Vasco, realizada por Felipe Corrêa. Os subtítulos são do compilador.

**CURSO 16**

**O ESPECIFISMO DO URUGUAI  
E DO BRASIL**

# ESPECIFISMO

O especificismo é uma concepção de organização anarquista. O termo é utilizado e foi difundido pela Federação Anarquista Uruguaia (FAU), que com ele refere-se à corrente anarquista que historicamente defendeu a necessidade da organização específica anarquista. Assim, o especificismo acredita que a organização da luta deve se dar em dois níveis distintos: o da organização anarquista e o dos movimentos populares – que devem se formar com base na necessidade e não se resumir a uma determinada ideologia, como no caso do anarco-sindicalismo. Este modelo de organização possui suas bases no anarquismo clássico, tendo sido defendido por Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, os russos exilados do Dielo Truda, entre outros. Bakunin defendeu um modelo deste tipo para a Aliança da Democracia Socialista, quando em sua atuação no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional); Malatesta defendeu posições semelhantes em sua formulação do “partido anarquista”; o Dielo Truda, semelhantemente, na Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários. Posições similares foram defendidas em diversas épocas e nos mais diferentes locais por anarco-comunistas que sustentavam uma linha “organicista” de anarquismo, fundamentada na organização e na vontade dos trabalhadores para promover a transformação social por meio dos movimentos de massa. Desde o século XIX, outras concepções vêm sendo incorporadas ao que hoje se entende como “especificismo”, que é defendido por uma série de organizações anarquistas brasileiras: a compreensão do anarquismo como ideologia e, portanto, com um vínculo necessário com uma prática política com objetivo de transformação social; a organização como elemento imprescindível para a luta; a concepção da organização específica anarquista como uma organização de minoria ativa; a centralidade da luta de classes e a prioridade no trabalho social junto aos movimentos populares (movimentos sociais, sindicatos, etc.); a unidade teórica e ideológica; a unidade estratégica e tática; o processo decisório marcado pela tentativa de consenso e, não sendo possível, pela votação; e a ênfase no compromisso militante. Fora da América Latina, as organizações que defendem posições semelhantes ao especificismo definem-se como anarco-comunistas, de inspiração plataformista.

**\* Verbetes do “Dicionário da Anarkia”.**

# ESPECIFISMO

## ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA

### Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

A ausência de organização visível, normal e aceita por cada um de seus membros torna possível o estabelecimento de organizações arbitrárias, menos libertárias.

**Luigi Fabbri**

Desde que o termo “especifismo” chegou ao Brasil, ainda em meados da década de 1990, houve uma série de polêmicas ou mesmo de confusões em torno dele. Houve, e infelizmente ainda há, pessoas que dizem que o especificismo não é anarquismo, acusam as organizações especificistas de serem partidos políticos, dentre outros absurdos. Quando reivindicamos a FARJ como uma organização anarquista especificista, estamos buscando, mais do que qualquer outra coisa, situar dentro da discussão sobre organização anarquista, quais são as posições que defendemos.

O termo especificismo foi criado pela Federação Anarquista Uruguaia (FAU) e, por ele, nos referimos a uma concepção de organização anarquista que possui dois eixos fundamentais: organização e trabalho/inserção social. Estes dois eixos estão baseados nos conceitos clássicos do anarquismo de atuação diferenciada nos níveis político e social (conceito bakuninista) e de organização específica anarquista (conceito malatestiano). Portanto, o termo especificismo, apesar de ter sido concebido recentemente, refere-se às práticas organizacionais anarquistas que existem desde o século XIX. Além desses dois eixos, há uma série de outras questões organizacionais que são definidas dentro do especificismo e que buscaremos desenvolver em seguida. Portanto, as duas principais referências clássicas do especificismo são Bakunin e Malatesta. Isso não significa que desconsideremos outros importantes teóricos como Proudhon e Kropotkin – utilizamos neste texto muitas referências teóricas deles – mas acreditamos que, para a discussão de organização anarquista, Bakunin e Malatesta possuem propostas mais adequadas para nossa atuação.

Nos próximos parágrafos, pretendemos retomar de maneira breve algumas discussões que fizemos ao longo deste texto, e principalmente deste último capítulo, situá-las e compará-las com outras posições existentes dentro do anarquismo. Acreditamos que mais do que afirmar as posições que defendemos – o que fizemos até aqui – cabe realizarmos algumas críticas fraternais a outras concepções de organização (ou de desorganização) presentes no anarquismo e comparar, com base em alguns pontos escolhidos, nossa concepção com outras.

Talvez o melhor contraponto com o modelo de organização especificista, seja o que chamamos de modelo de síntese, ou sintetismo. Este modelo foi formalizado teoricamente em dois documentos homônimos, chamados “A Síntese Anarquista”, um de Sebastièn Faure e outro de Volin. Histórica e mundialmente, foi a *Plataforma* do Dielo Trouda que estabeleceu este contraponto. Pretendemos retomar parte deste debate sobre organização anarquista, apesar de, na nossa concepção, o especificismo ser mais amplo que o plataformismo – ainda que possua sua significativa influência.

A síntese defende um modelo de organização anarquista em que estejam todos os anarquistas (anarco-comunistas, anarco-sindicalistas, anarco-individualistas, etc.) e, portanto, apresenta muitas das características que criticaremos a seguir. Sabemos que várias destas características não estão necessariamente ligadas ao modelo sintetista de organização. No entanto, é inegável que muitas delas se reproduzam em organizações deste tipo, principalmente por influência do individualismo,

mas não somente dele. Reconhecemos que dentro de organizações sintetistas também há militantes sérios e comprometidos com o anarquismo social e, portanto, não queremos que as críticas pareçam generalizadas. Apesar de nunca questionarmos se estas organizações são anarquistas (para nós, todas elas são), elas, na maioria dos casos, não convergem com nossa maneira de pensar a organização anarquista.

Antes de tudo, quando tratamos neste texto da “organização específica anarquista”, a partir desta perspectiva especificista, não estamos falando de qualquer organização de anarquista. Há diversas organizações anarquistas que não são especificistas. Portanto, o especificismo implica em muito mais do que se defender a organização anarquista.

Tratemos das diferenças entre o especificismo e outras formas de organização anarquista.

A primeira diferença está na forma de entender o próprio anarquismo. Como pontuamos no início deste texto, entendemos o anarquismo como uma ideologia, ou seja, um “um conjunto de idéias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos, que possuem uma conexão direta com a ação – o que chamamos de prática política”. Neste caso, buscamos diferenciar esta compreensão de anarquismo de uma outra, puramente abstrata e teórica, que estimula somente o livre pensar, sem necessariamente conceber um modelo de transformação social. O anarquismo pensado somente a partir deste modelo de observação crítica da vida, oferece uma liberdade estética e de possibilidades infinitas. No entanto, se assim for concebido, não oferece possibilidades reais de transformação social, visto que não é colocado em prática, em ação. Não possui a prática política que busca os objetivos finalistas.

O especificismo defende um anarquismo que, como ideologia, busque conceber um modelo de atuação que transforme a sociedade de hoje no socialismo libertário por meio da revolução social. Este processo, necessariamente, passa pela organização das classes exploradas em organização popular e exige a utilização da violência, entendida fundamentalmente como resposta à violência do atual sistema. Outras correntes anarquistas são contra a violência e acreditam que a transformação social pode se dar de outras maneiras.

Outra diferença está em torno da própria questão da organização. Para nós, a organização é uma questão absolutamente central ao tratarmos de anarquismo. Sem ela, acreditamos ser impossível conceber qualquer projeto político sério e que tenha por objetivo chegar à revolução social e ao socialismo libertário.

Há correntes anarquistas sustentam posições “anti-organização”, ou mesmo espontaneístas, e acreditam que qualquer forma de organização é autoritária ou avessa ao anarquismo. Para estas correntes, a formação de uma mesa para coordenar uma assembléia é autoritária, a formação de um grupo para trabalhar nos movimentos sociais é autoritária. Enfim, para estes anarquistas, as lutas devem se dar de maneira espontânea, os ganhos, caso vierem, deverão vir de maneira espontânea, a conexão entre lutas deve ser espontânea e o mesmo o capitalismo e o Estado, se forem derrubados, será por uma mobilização espontânea. Talvez, ainda, depois de uma eventual revolução social, as coisas evoluirão por sua própria conta, entrando nos eixos sem maiores esforços. Estes anarquistas acreditam que a organização prévia não é necessária, outros pensam que ela nem mesmo é desejável.

Alguns indivíduos anarquistas que defendem estes pontos de vista e que se dispõem a realizar trabalho social, não conseguem lidar com as forças autoritárias e, sem a devida organização, terminam sendo tarefeiros e “buchas” para projetos autoritários ou saem frustrados por não conseguirem espaço nos movimentos sociais.

Pontuamos anteriormente que concebemos a organização específica anarquista como uma organização de minoria ativa. Assim, ela é uma organização de anarquistas que se agrupam no nível político e ideológico e que realizam sua principal atividade no nível social, que é mais amplo, buscando ser o fermento das lutas. No modelo especificista, há obrigatoriamente esta diferenciação entre os níveis político e social de atuação.

Diferentemente, há anarquistas que concebem a organização anarquista como um amplo agrupamento que federa todos aqueles que se intitulam anarquistas, servindo como um espaço de convergência para a realização de ações com completa autonomia. No anarquismo, de maneira ampla, também esta divisão entre os níveis político e social não é aceita por todas as correntes, que compreendem a organização anarquista de maneira difusa, podendo ser ela um movimento social, uma organização, um grupo de afinidades, um grupo de estudos, uma comunidade, uma cooperativa, etc.

Mesmo o conceito de anarco-sindicalismo, em diversos momentos, buscou suprimir esta diferença de atuação entre níveis, misturando a ideologia anarquista com o sindicalismo. Estas e outras tentativas de ideologizar os movimentos sociais, no nosso entender, enfraquecem tanto os movimentos sociais – que não funcionam mais em torno de questões concretas como terra, moradia, emprego, etc. –, quanto o próprio anarquismo, já que não permitem o aprofundamento das discussões ideológicas, que são feitas em meio ao movimento social. Enfraquece também, pois o objetivo destes anarquistas de tornar todos os militantes dos movimentos sociais anarquistas é impossível, a não ser que se reduzam e enfraqueçam significativamente os movimentos. Desta forma, ou mesmo por ver que é natural encontrar pessoas de ideologias diferentes nos movimentos sociais que nunca serão anarquistas, estes anarquistas se frustram, e muitas vezes se afastam das lutas. Como consequência disso, fazem, frequentemente, o anarquismo fechar-se em si mesmo.

A organização anarquista de minoria ativa é muitas vezes entendida, por outras correntes do anarquismo, como similar à organização autoritária de vanguarda. Como fizemos questão de pontuar, quando concebemos esta separação entre os níveis político e social, não queremos dizer com isso que queremos estar à frente dos movimentos sociais e nem que o nível político possui qualquer hierarquia ou domínio em relação ao nível social.

Há também uma diferença em relação ao espaço privilegiado para a prática do anarquismo. Nós especificistas acreditamos que este espaço é a luta de classes. Antes de tudo, já consideramos que não vivemos apenas em uma sociedade, mas em uma sociedade de classes. Independente da forma que pensemos a diferença destas classes, nos parece impossível negar que a dominação e a exploração aconteçam em níveis diferentes em nossa sociedade e que o fator econômico tem grande influência sobre isso. Para nós, o anarquismo nasceu no seio do povo e é lá que ele deve estar, tomando uma posição clara em favor das classes exploradas que estão em conflito permanente na luta de classes. Portanto, quando discutimos “onde jogar as sementes do anarquismo”, para nós é claro que deve ser no seio da luta de classes; nos espaços em que as contradições do capitalismo são mais evidentes.

Há anarquistas que não sustentam este viés classista do anarquismo e, o que é pior, há aqueles que o acusam de ser assistencialista, ou de querer “fazer apologia dos pobres”. Negando a luta de classes, a maioria desses anarquistas acredita que como a definição clássica de classes de burguês e proletário não dá conta da sociedade de hoje, então se poderia dizer que não existem mais classes; ou que este seria um conceito anacrônico. Discordamos radicalmente destas posições e acreditamos que, independente de como formos definir as classes – se daremos mais ou menos ênfase ao caráter econômico, etc. – é inegável que existam contextos e circunstâncias em que as pessoas sofrem mais os efeitos do capitalismo. E é nestes contextos e nestas circunstâncias que queremos priorizar o nosso trabalho.

Quando buscamos aplicar o anarquismo à luta de classes, reivindicamos o que chamamos de trabalho social, e que definimos anteriormente como “a atividade que a organização anarquista realiza em meio à luta de classes, fazendo o anarquismo interagir com as classes exploradas”. Como também dissemos, para nós, esta deve ser a principal atividade da organização específica anarquista. Por meio do trabalho social, defendemos que a organização anarquista deva buscar a inserção social, “processo de influência dos movimentos sociais a partir da prática anarquista”.

Há anarquistas que não defendem este trabalho com vistas à inserção social. Parte não acredita que isso seja prioridade, e outra parte, o que é mais complicado, acredita que é autoritário. Para os anarquistas que pensam que trabalho/inserção social não são prioritários, parece que outras atividades teriam mais efetividade no desenvolvimento do anarquismo – por mais que geralmente isso não seja dito. Apesar de, pelo menos aparentemente, não haver uma formulação estratégica, o que acontece na prática é que estes anarquistas procuram trabalhar com a propaganda, muito restrita às publicações, aos eventos, à cultura. Como já enfatizamos, esta propaganda também é central para nós, mas não é suficiente se for feita sem respaldo de trabalho/inserção social. Com este respaldo, a propaganda é muito mais efetiva. Portanto, a propaganda, no especificismo, deve ser realizada por estes dois vieses: educacional/cultural e de luta com os movimentos sociais.

Os anarquistas que não acreditam que trabalho/inserção social não são e nem devem ser prioridade, preferem trabalhar em outros meios, longe da luta de classes, longe dos movimentos sociais, longe das pessoas de ideologias diferentes. Alguns dizem que como são membros da sociedade, já possuem inserção social. Muitas vezes, terminam sectários, conseguindo conviver apenas com seus pares, e “guetificando” o anarquismo. Isso explica o sectarismo de parte dos anarquistas, que acontece em proporção muito menor com as organizações especificistas.

Muito mais complicada que a posição acima, é a posição defendida por anarquistas que são contra o trabalho e a inserção social; posição bastante comum no meio libertário. Esses anarquistas acreditam que como muitas vezes não são pobres, como muitas vezes não estão em movimentos sociais (não são sem-terra, por exemplo), que é autoritário trabalhar com a comunidade carente ou mesmo com os movimentos sociais, já que “são de fora dessa realidade”. Para eles, é autoritário uma pessoa que tem onde morar apoiar a luta dos sem-teto; é autoritário frequentar um movimento comunitário sem ser da comunidade; é autoritário apoiar o trabalho dos catadores de lixo se você não é um deles. Para estes anarquistas, só há legitimidade em se trabalhar com movimentos populares se você é um “popular” e se você faz parte da realidade do movimento. Como geralmente esses anarquistas não estão nessas condições, não se aproximam de movimentos sociais e nem da luta de classes. Terminam por fazer de seu anarquismo um “movimento em si mesmo”, que se caracteriza por ser essencialmente de classe média e de intelectuais, por não buscar contato com as lutas sociais e populares, por não estar em contato com pessoas de ideologia diferentes. Aliás, este anarquismo de classe média e intelectual, quando não busca trabalho e inserção social, termina necessariamente em um de dois caminhos. Ou abandona a proposta de transformação social, ou constitui-se em um agrupamento que luta pelo povo, e não com o povo – assumindo a posição de vanguarda e não de minoria ativa.

O trabalho social, para estes militantes, é muitas vezes comparado ao “entrismo” da esquerda autoritária, pessoas que entram nos movimentos para fazê-los funcionar em seu próprio favor. Na maioria das vezes, defendem um espontaneísmo de que “vir de fora”, “colocar o anarquismo dentro dos movimentos sociais”, é autoritário. Segundo eles, as idéias deveriam surgir espontaneamente. Acusam a discussão, a persuasão, o convencimento, a troca, a influência, externos aos movimentos sociais e, por isso, autoritários.

Dessa posição contrária ao trabalho e à inserção social, nós especificistas também discordamos radicalmente. Como explicamos, para nós o anarquismo não deve ser fechado em si mesmo, e nem

se afastar dos movimentos sociais e das pessoas de ideologias diferentes. Ele deve servir como ferramenta, como fermento, como motor das lutas de nosso tempo. Para isso, o anarquismo, ao invés de esconder-se deve confrontar-se com a realidade e buscar transformá-la. Para esta transformação, de nada adianta “pregarmos para os convertidos”; temos, necessariamente, que interagir com não-anarquistas.

Já que entendemos que a classe não se define a partir da origem, mas sim a partir da posição que se defende na luta, acreditamos que apoiar movimentos sociais, auxiliar mobilizações e organizações diferentes da realidade que se está incluído é uma obrigação ética de qualquer militante comprometido com o fim da sociedade de classes. Finalmente, acreditamos que o trabalho social traz a prática necessária ao anarquismo, que tem uma contribuição imensa na formulação da linha teórica e ideológica da organização. Esta atividade é, para nós, importantíssima em nossa formulação teórica, pois faz com que teorizemos tendo conhecimento da realidade e da aplicação prática do anarquismo nas lutas. Grupos e organizações que não possuem trabalho social tendem a radicalizar um discurso que não possui respaldo na prática. Quando isso acontece, a tendência é que exista um discurso ultra-radical e revolucionário – muitas vezes acusando outros de reformistas, etc. –, mas que não sai da teoria.

Como vimos, no especificismo há unidade teórica e ideológica, um alinhamento em relação aos aspectos teóricos e ideológicos do anarquismo. Esta linha política é construída coletivamente e todos na organização têm obrigação de segui-la. Por considerarmos o anarquismo algo muito amplo, com posições muito variadas ou mesmo contraditórias, nos parece necessário que, entre todas estas posições, devemos extrair uma linha teórica e ideológica a ser defendida e desenvolvida pela organização. Como enfatizamos, esta linha deve, necessariamente, ter vínculo com a prática, já que acreditamos que “para teorizar com eficácia é imprescindível atuar”.

Para anarquistas que não defendem esta unidade, a organização anarquista poderia trabalhar com diversas linhas teóricas e ideológicas. Cada anarquista ou grupo de anarquistas pode ter a sua interpretação do anarquismo e sua própria teoria. Isso é motivo de diversos conflitos e cisões em organizações com esta concepção. Como não há acordo nas questões de saída, são frequentes as brigas, pois alguns acham que os anarquistas devem realizar trabalho com movimentos sociais, outros acham isso autoritário e “coisa de marxista”, alguns acham que a função do anarquismo é realçar o ego dos indivíduos, outros são radicalmente contra, e assim por diante. Para nós, não há como ter uma prática efetiva ou mesmo constituir-se em uma organização, sem que haja acordo em algumas “questões de saída”. Nas organizações que não trabalham com unidade teórica e ideológica, não há aprofundamento neste sentido, visto que com tantos problemas nas questões mais simples, as mais complexas não chegam nem a ser discutidas. Bakunin estava certo quando afirmou que “quem muito abraça, pouco aperta”<sup>1</sup>. É importante

que se compreenda que a divisão que existe neste ponto entre os anarquistas é muito mais profunda do que o que normalmente se acredita, e que supõe igualmente uma inconciliável discordância teórica. Digo isto para responder aos meus bons amigos, favoráveis a um acordo a qualquer preço, que afirmam: “Não criemos problemas de método! A idéia é uma só e a meta é a mesma; permaneçamos pois unidos sem nos rasgarmos por um pequeno desacordo sobre a tática”. Eu, ao contrário, dei-me conta há muito tempo atrás, que nos dilaceramos justamente porque estamos muito próximos, por que estamos artificialmente próximos. Sob o verniz aparente da comunidade de três ou quatro idéias – abolição do Estado, abolição da propriedade privada, revolução, anti-parlamentarismo – existe uma diferença enorme na concepção de cada uma destas afirmações teóricas. A diferença é de tal monta que nos impede de tomarmos o mesmo caminho sem querelarmo-nos e sem neutralizar reciprocamente o nosso trabalho ou, se assim quisermos, permanecer em paz, sem renunciarmos àquilo que acreditamos ser verdadeiro. Repito: não existe apenas uma diferença de método, mas sim

---

<sup>1</sup> Mikhail Bakunin. “Programa Revolucionário e Programa Liberal”. In: *Conceito de Liberdade* p. 189.



uma grande diferença de idéias.<sup>2</sup>

Além da unidade teórica e ideológica, os especificistas defendem a unidade estratégica e tática. Atuar com estratégia, como vimos, implica em realizar um planejamento de todas as ações práticas que forem realizadas pela organização, buscando verificar de onde se quer sair, onde se quer chegar e como. O anarquismo que trabalha com unidade estratégica e tática faz do planejamento e do alinhamento na atuação prática um forte pilar organizacional. Isso, porque acreditamos que a falta de estratégia dispersa os esforços, fazendo com que muitos deles sejam perdidos. Defendemos um modelo em que se discute coletivamente um caminho a seguir, e junto com este caminho, temos prioridades estabelecidas e responsabilidades atribuídas aos militantes. As prioridades e responsabilidades significam que cada um não vai poder fazer o que lhe passar pela cabeça, quando quiser. Cada um vai ter obrigação, perante a organização, de realizar aquilo que se comprometeu e aquilo que foi definido como prioritário. Obviamente que se buscará conciliar as atividades que cada um gosta de fazer, com as responsabilidades estabelecidas pela organização, mas nem sempre temos de fazer só aquilo que gostamos de fazer. Um modelo especificista implica em termos de fazer coisas que não gostamos muito ou deixarmos de fazer algumas coisas que gostamos muito. Isso, para fazer com que a organização caminhe com estratégia, com todos remando o barco no mesmo sentido.

Criticamos com ênfase as organizações que não trabalham com estratégia. Para nós, não há como trabalhar em uma organização em que cada militante ou grupo faz aquilo que achar melhor, ou simplesmente aquilo que gosta de fazer, acreditando estar contribuindo com um todo comum. Geralmente, quando se agrupa anarquistas de todos os tipos em uma organização, sem que haja afinidades estratégicas, não há qualquer acordo sobre como atuar. Ou seja, não é possível estabelecer uma forma de caminhar, e há somente um acordo: que as coisas devem ir caminhando.

Como pensar uma organização em que se busca conciliar um grupo que acredita que deve atuar como organização específica no movimento social, com um grupo que acha que a prioridade deve ser a convivência entre amigos, a terapia de grupo ou mesmo a exaltação do papel do indivíduo, considerando autoritário (ou mesmo marxista ou assistencialista) o trabalho com movimento sociais? Há duas formas de se trabalhar essas diferenças: ou se discute as questões, e se vive entre brigas e desgastes, que consomem grande parte do tempo, ou simplesmente não se toca nas questões. A maioria das organizações deste tipo opta pela segunda forma.

A fim de estabelecer uma certa coordenação na ação, coordenação necessária, creio eu, entre pessoas que tendem para o mesmo objetivo, impõem-se determinadas condições: um certo número de regras ligando cada um a todos, determinados pactos e acordos renovados frequentemente – se falta tudo isto, se cada um trabalha como lhe apetece, as pessoas mais sérias encontrar-se-ão elas próprias numa situação em que os esforços de uns serão neutralizados pelos dos outros. Disto resultará a desarmonia e não a harmonia e a confiança serena para a qual nós tendemos.<sup>3</sup>

A unidade teórica e ideológica e a unidade estratégia e tática são atingidas por meio do processo decisório coletivo, adotado pelas organizações especificistas que é a tentativa de consenso e se este não for possível, a votação, vencendo a maioria. Como também enfatizamos, neste caso, toda organização adota a decisão vencedora. Diferentemente, há organizações que trabalham somente com o consenso, permitindo, muitas vezes, que uma ou outra pessoa tenha influência exacerbada em um processo decisório que envolve um número muito maior de pessoas. Buscando o consenso a qualquer custo, e com o medo de rachar, essas organizações permitem que uma ou outra pessoa consiga ter um peso desproporcional nas decisões, somente para se conseguir o consenso. Outras vezes, se gasta horas com discussões de pouca importância somente para se buscar o consenso.

---

<sup>2</sup> Luigi Fabbri. “A Organização Anarquista”. In: *Anarco-Comunismo Italiano* pp. 104-105.

<sup>3</sup> Mikhail Bakunin. “Táctica e Disciplina do Partido Revolucionário”. In: *Conceito de Liberdade* pp. 197-198.

Temos em mente que o processo decisório é um meio e não um fim em si mesmo.

A obrigação de todos seguirem um mesmo caminho – que é regra no especificismo – é o compromisso que a organização possui com a estratégia, pois, se cada vez que uma decisão tomada não agrada parte dos militantes, e esta parte se recusar à realização do trabalho, será impossível a organização caminhar. Em caso de votação, é importante termos em mente que, em uma vez, alguns ganharão a votação e trabalharão na sua proposta, em outra vez, perderão e trabalharão na proposta dos outros companheiros. Com esta forma de tomada de decisão, se dá mais importância para as deliberações coletivas do que para os pontos de vista individuais.

Há diferença, ainda, em pontos centrais que favorecem a organização especificista: o comprometimento, a responsabilidade e a autodisciplina dos militantes com a organização. No modelo especificista, há alto nível deste compromisso militante. Assim, é imprescindível que os militantes assumam compromissos frente à organização e os cumpram. O compromisso militante imprime uma ligação entre militante e organização, que é uma relação mútua, em que a organização é responsável pelo militante, assim como o militante é responsável pela organização. Assim como a organização deve satisfação ao militante, o militante deve satisfação à organização.

A falta de comprometimento, responsabilidade e autodisciplina constitui um grande problema em muitos grupos e organizações anarquistas. É muito comum as pessoas se aproximarem e participarem mais ou menos das atividades, fazendo somente aquilo que têm interesse, muitas vezes participando de decisões, assumindo compromissos e não os cumprindo, ou simplesmente, não assumindo compromissos. Há muitas organizações que são complacentes com a falta de compromisso militante. É inegável que, por este motivo, essas organizações sejam mais “legais” de se fazer parte, no entanto, são muito pouco efetivas do ponto de vista militante. Como para nós a militância é algo necessário na luta por uma sociedade livre e igualitária, não acreditamos que ela será sempre “legal”. Se tivermos de optar entre um modelo de militância mais efetivo e outro mais “legal”, devemos optar pela efetividade.

Para o trabalho com compromisso militante, o especificismo sustenta uma organização com níveis de compromisso. Como explicamos, defendemos a lógica dos círculos concêntricos em que todos os militantes possuem um espaço bem definido na organização, espaço este que é determinado pelo nível de compromisso que o militante quer assumir. Quanto mais ele quiser se comprometer, mais dentro da organização ele estará e maior será o seu poder de deliberação. Portanto, tanto no nível político quanto no nível social, há critérios bem definidos de entrada desde as instâncias de apoio ou agrupamentos de tendência até a organização específica anarquista. Só estão dentro da organização específica anarquistas, militantes com afinidade ideológica com a organização.

Ao contrário do modelo especificista, há outras organizações cujo único critério para entrada de militantes é sua definição como anarquistas, independente de que concepção de anarquismo eles tenham. Algumas pessoas participam um pouco da organização, outras são mais comprometidas; uns assumem mais responsabilidades do que outros e todos possuem o mesmo poder de deliberação. Por isso, muitos deliberam sobre atividades que não vão realizar, ou seja, determinam o que os outros vão fazer. Quando uma organização permite que alguém delibere algo e não assuma responsabilidades, ou que assuma responsabilidades e não as cumpra, ela permite um autoritarismo daqueles que vão deliberar e jogar trabalho nas costas de outros companheiros. Enfim, neste outro modelo, cada um se envolve da forma que acha melhor, aparece quando acha que deve, e não há muita cobrança sobre a questão do compromisso militante. Muitos, ao serem cobrados, julgam-se vítimas do autoritarismo. Como explicamos, para nós, este modelo de organização, além de sobrecarregar os militantes mais responsáveis, acaba por permitir esta discrepância de pessoas que não deliberam e trabalham na mesma proporção.

Portanto, não queremos ser este grande “guarda-chuva” que abarca todos os tipos de anarquistas. Estas amplas (in)definições, aparentemente agregam mais anarquistas na organização, no entanto, acreditamos que não devemos optar pelo critério da quantidade, mas sim da qualidade de militantes.

Não há dúvida que se evitarmos precisar bem o nosso verdadeiro caráter, o número de nossos aderentes poderá tornar-se maior. (...) É evidente, por outro lado, que se nós proclamamos alto os nossos princípios, o número dos nossos aderentes será menor, mas pelo menos serão aderentes sérios, com os quais poderemos contar.<sup>4</sup>

Diferença relevante também se dá em torno da questão do individualismo anarquista. O especificismo significa uma recusa absoluta e completa do individualismo anarquista. Por este motivo, diverge de outras organizações que aceitam trabalhar com os individualistas. Para nós, há dois tipos de individualistas no anarquismo. Um tipo, que era mais comum no passado, de pessoas que preferem trabalhar sozinhas, mas que têm em mente o mesmo projeto que nós. Nestas pessoas, só temos a criticar o fato de que, estando desorganizadas, não conseguem potencializar os resultados de seu trabalho. Um outro tipo, mais em evidência nos dias de hoje, renunciou ao projeto socialista. Baseados na crítica anarquista do Estado, possuem pouca crítica ao capitalismo, e nenhuma atuação no sentido de transformar socialmente a realidade em que vivemos. Colocando-se na condição de simples observadores críticos da sociedade, constroem um anarquismo a partir de referências e pensadores secundários, simplesmente em torno da crítica. Não possuem qualquer projeto de sociedade e muito menos uma atuação coerente que aponte para esta nova sociedade. Poderíamos nos perguntar:

o que então nos resta do individualismo anarquista? A negação da luta de classes, a negação do princípio de uma organização anarquista, cuja finalidade seja a sociedade livre de trabalhadores iguais: e mais ainda, a charlatanice vazia, estimulando os trabalhadores infelizes com sua existência, a tomar parte recorrendo a soluções pessoais, supostamente abertas a eles enquanto indivíduos libertados.<sup>5</sup>

Assim, exacerbam o papel da liberdade individual, que, apartada da liberdade coletiva, torna-se meramente um gozo egoísta, para o deleite de alguns poucos que podem, por seus privilégios dentro do capitalismo, permitir-se isso. Na realidade, a liberdade individual só pode existir na liberdade coletiva. Isso, pois a escravidão de outros limita a liberdade de cada um, e a liberdade individual plena só pode se realizar no momento em que, coletivamente, todos forem livres. Concordamos com Bakunin quando colocou:

Só posso considerar-me e sentir-me livre na presença e em relação a outros homens. (...) Só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres. A liberdade do outro, longe de ser um limite ou a negação da minha liberdade, é, ao contrário, sua condição necessária e sua confirmação. Apenas a liberdade dos outros me torna verdadeiramente livre, de forma que, quanto mais numerosos forem os homens livres que me cercam, e mais extensa e ampla for sua liberdade, maior e mais profunda se tornará a minha liberdade. Ao contrário, é a escravidão dos homens que põe uma barreira na minha liberdade. (...) Minha liberdade pessoal assim confirmada pela liberdade de todos se estende ao infinito.<sup>6</sup>

Para nós, é impossível buscar uma liberdade individual em uma sociedade como a nossa, em que milhões não têm acesso às mais básicas necessidades de um ser humano. Não há como se pensar em um anarquismo puramente individual, como uma forma de se colocar no mundo, de ter um estilo de vida diferente. Para os individualistas, na grande maioria dos casos, ser anarquista significa ser

---

<sup>4</sup> *Idem*. “Programa Revolucionário e Programa Liberal”. In: *Conceito de Liberdade* pp. 188-189.

<sup>5</sup> Dielo Trouda. “El Problema de la Organización y la Noción de Síntesis”.

<sup>6</sup> Mikhail Bakunin. *Império Knuto-Germânico*. Citado em Daniel Guérin (org.). *Textos Anarquistas* (trechos de *Ni Dieu, Ni Maître*). Porto Alegre: LP&M, 2002 pp. 47-48.

artista, boêmio, defender a liberdade sexual de ter relacionamentos abertos ou com mais de um(a) companheiro(a), usar roupas diferentes, ter um corte de cabelo radical, ter comportamentos extravagantes, comer comidas diferentes, definir-se pessoalmente, realizar-se pessoalmente, ser contra a revolução(?!), ser contra o socialismo(?!), possuir um discurso sem pé nem cabeça – gozando da liberdade de estética – enfim, tornar-se apolítico. Discordamos radicalmente desta posição e acreditamos que as influências neste sentido são funestas ao anarquismo, afastando militantes sérios e comprometidos. Finalmente, concordamos com Malatesta quando enfatizou:

É verdade, gostaríamos de poder estar, todos nós, de acordo, e reunir em um único feixe poderoso todas as forças do anarquismo. Mas não acreditamos na solidez das organizações feitas à força de concessões e de restrições, onde não há entre os membros simpatia e concordância real. É melhor estarmos desunidos que mal unidos.<sup>7</sup>

Para nós, escolher o modelo mais adequado de organização anarquista é fundamental para que tenhamos os meios mais adequados e coerentes com os fins que buscamos atingir. Se defendemos o especificismo, que é uma forma de organização anarquista, é porque acreditamos que ele é hoje mais adequado para o trabalho que pretendemos realizar. Entendemos que há anarquistas que não concordam com o especificismo e não achamos que são menos anarquistas por isso. Só exigimos respeito por nossa escolha, assim como nós respeitamos aqueles que fizeram outras escolhas.

\* Trecho de *Anarquismo Social e Organização*.

---

<sup>7</sup> Errico Malatesta. “A Organização II”. In: *Escritos Revolucionários* p. 62.

# ESPECIFISMO

## A PRÁXIS ANARQUISTA DE CONSTRUIR MOVIMENTOS POPULARES E ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS NA AMÉRICA DO SUL

**Adam Weaver**

Ao redor do mundo, o envolvimento anarquista nos movimentos populares, assim como o desenvolvimento de organizações especificamente anarquistas, está em crescimento. Isso está ajudando o anarquismo a retomar sua legitimidade como uma força política dinâmica dentro dos movimentos e, neste sentido, o especificismo – um conceito originado a partir de quase cinquenta anos de experiências anarquistas na América do Sul – está ganhando influência no mundo todo. Apesar de muitos anarquistas estarem familiarizados com várias das idéias especificistas, devemos considerá-las contribuições originais à prática e ao pensamento anarquistas.

A primeira organização a promover o conceito do especificismo – que se tornou mais uma prática do que uma ideologia definida – foi a Federação Anarquista Uruguaia (FAU), fundada em 1956 por militantes que abraçaram a idéia de criar uma organização especificamente anarquista. Sobrevivendo à ditadura no Uruguai, a FAU reapareceu em meados dos anos 1980, para estabelecer contato e influenciar outros anarquistas revolucionários sul-americanos. O trabalho da FAU influenciou e ajudou na fundação da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), da Federação Anarquista Cabocla (FACA), da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), em suas respectivas regiões no Brasil, e da AUCA (Rebelde), na Argentina.

Ainda que os conceitos-chave do especificismo sejam explicados em profundidade mais a frente neste artigo, eles podem ser resumidos em três pontos sucintos:

1. A necessidade de uma organização especificamente anarquista construída em torno de uma unidade de teoria e práxis.
2. A utilização da organização especificamente anarquista para teorizar e desenvolver trabalho estratégico político e organizacional.
3. A participação ativa nos movimentos sociais populares e autônomos existentes e na construção de novos, o que é chamado de processo de “inserção social”.

### UMA CURTA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Apesar de só aparecerem no anarquismo latino-americano nas últimas décadas, as idéias inerentes ao especificismo relacionam-se com uma corrente histórica internacional do movimento anarquista. A mais famosa é a corrente plataformista, que teve início com a publicação da “Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários”. Esse documento foi escrito em 1926 por Nestor Makhno, antigo líder de um exército camponês, Ida Mett e outros militantes do grupo Dielo Truda (Causa Operária), que publicava uma revista de mesmo nome [Skirda 192-213]. Exilado da Revolução Russa, o grupo Dielo Truda, sediado em Paris, criticou o movimento anarquista por sua falta de organização, que havia impedido uma resposta coordenada às maquinacões bolcheviques que objetivavam transformar os sovietes dos trabalhadores em instrumentos do governo de partido único. A alternativa por eles proposta foi a “União Geral de Anarquistas” baseada no comunismo anarquista, que buscava trabalhar com “unidade teórica e tática” e daria ênfase à luta de classes e aos sindicatos de trabalhadores.

Outras idéias similares incluem o “dualismo organizacional” que é mencionado em documentos históricos do movimento anarquista italiano dos anos 1920. Os anarquistas italianos utilizaram esse termo para descrever o envolvimento dos anarquistas tanto na organização política anarquista, quanto no movimento de trabalhadores [FdCA]. Na Espanha, o grupo Amigos de Durruti surgiu para se opor ao gradual regresso da Revolução Espanha de 1936 [Guillamon]. Em “Rumo a uma Nova Revolução”, eles apresentaram algumas idéias da Plataforma, criticando o reformismo gradual e a colaboração da CNT-FAI com o governo republicano, o que, segundo seus argumentos, contribuiu para a derrota das forças antifascistas e revolucionárias. Organizações com influência no movimento anarquista chinês da década de 1910, tais como a Wuzhengfu-Gongchan Zhuyi Tongshi Che (Sociedade dos Companheiros Comunistas Anarquistas), pregavam idéias similares [Krebs]. Apesar de todas essas diferentes correntes terem características específicas, que se desenvolveram a partir dos movimentos e dos países que se originaram, todas elas compartilham uma linha comum que cruza movimentos, eras e continentes.

## **ESPECIFISMO ELABORADO**

Os especificistas apresentam três pontos principais para sua política, com dois deles sendo em relação ao nível de organização. Ao colocar a necessidade de uma organização especificamente anarquista construída com certa unidade de idéias e práxis, os especificistas opõem-se, inerentemente, à idéia de uma organização de síntese dos revolucionários ou das múltiplas correntes dos anarquistas vagamente unidos. Eles caracterizam essa forma de organização como uma

“busca exacerbada da união necessária dos anarquistas, a ponto de a união ser promovida a qualquer custo, pelo medo de expor posições, idéias e propostas que às vezes são irreconciliáveis. Os resultados deste tipo de união são coletivos libertários sem muito mais em comum além do fato de se considerarem anarquistas.” [En La Calle].

Enquanto essas críticas eram elaboradas pelos especificistas sul-americanos, os anarquistas norte-americanos também descreveram suas experiências de organizações de síntese como organizações sem qualquer coerência por razão das tendências políticas múltiplas e contraditórias. Geralmente, o acordo básico do grupo é reduzido a uma vaga política definida pelo mínimo denominador comum, e que deixa pouco espaço para a ação coletiva ou a discussão política aprofundada entre companheiros.

Sem uma estratégia que surja de um acordo político mútuo, organizações revolucionárias estão condenadas a ser uma reação contra as contínuas manifestações de opressão e injustiça e um ciclo de ações infrutíferas a serem realizadas repetidas vezes, com pouca análise ou entendimento de suas conseqüências [Featherstone et al]. Além disso, os especificistas criticam essas tendências por serem guiadas pela espontaneidade e pelo individualismo, e por não desenvolverem um trabalho sério e sistemático, que é necessário para a construção de movimentos revolucionários. Os revolucionários latino-americanos sustentam que as organizações que não têm um programa,

“e que rejeitam qualquer disciplina entre os militantes, que recusam a ‘se definir’, a ‘se encaixar’, [...] são descendentes diretas do liberalismo burguês, que reage apenas a aos fortes estímulos, juntando-se à luta apenas nos seus momentos de intensidade, e negando-se a trabalhar continuamente, especialmente nos momentos de relativa calma entre as lutas.” [En La Calle]

Uma ênfase especial da práxis especificista é o papel da organização anarquista, formada nas bases da política compartilhada, como um espaço de desenvolvimento de uma estratégia comum e de

uma reflexão sobre o trabalho organizado do grupo. Sustentado pela responsabilidade coletiva em relação aos planos e trabalhos da organização, uma confiança entre os membros e grupos é criada de forma a permitir uma discussão profunda e de alto nível de suas ações. Isso permite que a organização crie análises coletivas, desenvolva objetivos imediatos, de longo prazo, reflita sobre seu trabalho e modifique-o, baseada nas lições aprendidas e nas circunstâncias.

Dessas práticas e com base em seus princípios ideológicos, as organizações revolucionárias devem procurar criar um programa que defina seus objetivos de curto e médio prazo, além de trabalhar rumo a seus objetivos de longo-prazo.

“O programa deve vir de uma análise rigorosa da sociedade e da correlação de forças que é parte dela. Deve ter como base a experiência da luta dos oprimidos e suas aspirações, e a partir destes elementos, deve estabelecer os objetivos e as tarefas a serem realizadas pela organização revolucionária com o objetivo de obter êxito não apenas em seu objetivo final, mas também nos intermediários.” [En La Calle].

O último ponto, mas um que é chave dentro da prática do especificismo, é a idéia da “inserção social”. [1] Ela origina-se na crença de que os oprimidos são a camada mais revolucionária da sociedade, e que a semente da futura transformação revolucionária da sociedade já está nessas classes e grupos sociais. A inserção social significa o envolvimento anarquista nas lutas diárias dos oprimidos e das classes trabalhadoras. Não significa atuar nas campanhas de defesa de uma só questão – que são baseadas na participação já esperada dos tradicionais ativistas políticos –, mas dentro dos movimentos do povo em luta pela melhoria de sua própria condição, que se une nem sempre com base nas necessidades exclusivamente materiais, mas também pelas necessidades sociais e históricas de resistir os ataques do Estado e do capitalismo. Isso inclui os movimentos de trabalhadores de base, movimentos de comunidades de imigrantes que reivindicam sua legalização, organizações de bairro que resistem à brutalidade e à matança da polícia, estudantes da classe trabalhadora que lutam contra os cortes de verba na educação pública, e os pobres e desempregados que se opõem aos despejos e aos cortes nos serviços públicos.

Por meio de suas lutas diárias, os oprimidos transformam-se em uma força consciente. A classe em si, ou melhor, as classes em si (definidas para além da visão reducionista de classe do proletariado industrial e urbano, e incluindo todos os grupos oprimidos que têm um interesse material na nova sociedade) são ajustadas, testadas e recriadas por meio dessas lutas diárias baseadas em necessidades imediatas, transformando-se em classes para si. Ou seja, elas transformam-se de grupos e classes sociais que existem objetivamente pelas relações sociais, para forças sociais. Unidas por métodos orgânicos, e muitas vezes por sua própria coesão auto-organizacional, elas tornam-se atores conscientes de seu poder, de sua voz e de sua nêmesis intrínseca: as elites governantes que mantêm o controle sobre as estruturas de poder da ordem social vigente.

Exemplos da inserção social citados pela FAG são: seu trabalho com comitês comunitários em favelas e bairros urbanos (chamados de Comitês de Resistência Popular), a construção de alianças com membros da base do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o trabalho com os catadores de materiais recicláveis. Devido ao alto nível de empregos temporários e eventuais, subemprego e desemprego no Brasil, parte significativa da classe trabalhadora não sobrevive do trabalho assalariado, mas de trabalho de subsistência e da economia informal, como é o caso dos pedreiros temporários, camelôs ou catadores de lixo e de materiais recicláveis. Com anos de trabalho, a FAG construiu uma forte relação com os catadores urbanos e seus membros os ajudaram na formação de sua própria organização nacional, que está trabalhando para mobilizar os catadores em torno de seus interesses em nível nacional e para levantar dinheiro para a construção de sua própria operação de reciclagem coletiva. [2]

A concepção do especificismo sobre a relação das idéias com os movimentos populares é que elas não devem ser impostas por líderes, por uma “linha de massas” ou por intelectuais. Os militantes anarquistas não devem tentar fazer com que os movimentos assumam uma posição “anarquista”, mas trabalhar para manter seu ímpeto anarquista; isso é, sua tendência natural à auto-organização e à luta militante por seus próprios interesses. Isso assume a perspectiva de que os movimentos sociais chegarão à sua própria lógica de criar a revolução, não quando todos necessariamente chegarem ao ponto de se auto-identificarem como “anarquistas”, mas quando todos (ou pelo menos a grande maioria) atingirem a consciência de seu próprio poder e exercerem esse poder em suas vidas cotidianas, de certa maneira adotando conscientemente as idéias do anarquismo. Um papel adicional dos militantes anarquistas dentro dos movimentos sociais, de acordo com os especificistas, é dirigir-se às múltiplas correntes políticas que existem dentro dos movimentos e combater ativamente os elementos oportunistas do vanguardismo e da política eleitoral.

## **O ESPECIFISMO NO CONTEXTO DO ANARQUISMO NORTE-AMERICANO E OCIDENTAL**

Dentro das correntes atuais do anarquismo organizado e revolucionário norte-americano e ocidental, numerosos indicadores apontam para a influência e a inspiração da Plataforma, tendo ela o maior impacto no recente despertar de organizações do anarquismo classista ao redor do mundo. Muitos vêem a Plataforma como um documento histórico que responde às falhas organizacionais do anarquismo que atuou nos movimentos revolucionários globais do século passado, e reivindicam atuar dentro da “tradição plataformista”. Assim sendo, as correntes do especificismo e do plataformismo merecem comparação e contraste.

Os autores da Plataforma eram participantes veteranos da Revolução Russa. Eles ajudaram a liderar uma guerrilha camponesa contra exércitos da Europa Ocidental e mais tarde contra os bolcheviques na Ucrânia, onde o povo tinha uma história independente do Império Russo. Desta forma, os autores da Plataforma com certeza falavam com fartura de experiência e para o contexto histórico de uma das lutas fundamentais de sua época. Mas o documento teve pouco progresso em suas propostas de união dos anarquistas defensores da luta de classes, e silenciou-se notadamente na análise e na compreensão de numerosas questões-chave que os revolucionários enfrentaram naqueles tempos, como a opressão das mulheres e o colonialismo.

Embora organizações de orientação anarco-comunista invoquem hoje a influência da Plataforma, considerando o passado, ela pode ser vista como uma declaração intensa que emergiu do pântano em que se encontrava grande parte do anarquismo depois da Revolução Russa. Como um projeto histórico, as idéias básicas e as propostas da Plataforma foram amplamente rejeitadas pelas tendências individualistas do movimento anarquista; foram mal-entendidas por barreiras de idioma, como reivindicam alguns [Skirda, 186]; e nunca conseguiram o apoio de militantes ou organizações para uma união em seu entorno. Em 1927, o grupo Dielo Truda sediou uma pequena conferência internacional na França para pessoas interessadas, mas ela foi rapidamente interrompida pelas autoridades.

Em comparação, a práxis do especificismo é uma prática viva e desenvolvida e, sem dúvida, uma teoria muito mais relevante e contemporânea, surgindo a partir de cinquenta anos de organização anarquista. Surgidas no cone sul da América Latina, mas com sua influência que se espalha por toda parte, as idéias do especificismo não se originaram de um chamado ou de um documento único, mas foram criadas organicamente a partir dos movimentos do sul global, que estão liderando a luta contra o capitalismo internacional e dando exemplos para os movimentos do mundo todo. Em relação à organização, os especificistas reivindicam uma base para a organização anarquista muito mais profunda do que a “unidade teórica e tática” da Plataforma; reivindicam um programa



estratégico baseado na análise que guia as ações dos revolucionários. Eles nos dão um exemplo vivo de organizações revolucionárias baseadas na necessidade de análises comuns, de teoria compartilhada e de raízes firmes nos movimentos sociais.

Eu acredito que há muito em que se inspirar na tradição especificista, não apenas em escala global, mas particularmente para os anarquistas classistas da América do Norte e para os revolucionários multiraciais dos E.U.A.. Enquanto algumas interpretações da Plataforma podem facilmente apontar para um papel dos anarquistas reduzido e centrado nos sindicatos de trabalhadores, o especificismo nos dá um exemplo vivo para o qual podemos olhar e que nos fala de maneira mais significativa em relação ao nosso trabalho de construção de um movimento revolucionário hoje. Levando tudo isso em consideração, eu também espero que esse artigo possa nos ajudar a refletir mais concretamente sobre como nós, como um movimento, definimos e moldamos nossas tradições e influências.

### **Notas:**

1. Embora “inserção social” seja um termo que aparece constantemente nos textos de organizações inspiradas pelo especificismo, companheiros meus têm problema com ele. Portanto, antes de abraçarmos algo sem questionamento, talvez devesse haver uma discussão sobre esse termo.

2. Eduardo, então Secretário de Relações Externas da FAG. “Saudações Libertárias dos E.U.A.” E-mail a Pedro Ribeiro. 25 de Jun de 2004.

### **Bibliografia:**

En La Calle (texto anônimo). “La Necesidad de un Proyecto Próprio: acerca de la importancia del programa en la organizacion politica libertaria”, *En La Calle*, publicado pela OSL Argentina (Organización Socialista Libertaria) Jun 2001. 22 Dez 2005.

Featherstone, Liza, Doug Henwood e Christian Parenti. “Left-Wing Anti-intellectualism and its discontents”, *Lip Magazine*, 11 Nov 2004. 22 Dez 2005.

Guillamon, Agustin. *The Friends of Durruti Group: 1937-1939*. San Francisco: AK Press, 1996.

Krebs, Edward S. *Shifu, the Soul of Chinese Anarchism*. Landham, MD: Rowman & Littlefield, 1998.

Northeastern Anarchist. *The Global Influence of Platformism Today by The Federation of Northeastern Anarchist Communists* (Johannesburg, South Africa: Zabalaza Books, 2003), 24. “Entrevista com a Federazione dei Comunisti Anarchici (FdCA) italiana”.

Skirda, Alexandre. *Facing the Enemy: A History of Anarchist Organization from Proudhon to May 1968*. Oakland, CA: AK Press 2002.

\* Adam Weaver é um anarco-comunista de San Jose, CA.

**Tradução: Pedro Ribeiro**

**Revisão: Felipe Corrêa (Nov. 2009)**

# A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ANARQUISTA

Federação Anarquista Uruguaia (FAU)

A FAU pretende ser uma expressão política dos interesses das classes dominadas, exploradas e oprimidas; e, colocando-se a serviço delas, aspira ser um motor das lutas sociais. Um motor que nem as substitui e nem as representa. Mas que pretende dinamizá-las e organizá-las, contribuir para a superação do aspecto meramente espontâneo, transcender os vaivens da conjuntura e assegurar a continuidade das rebeldias, das lutas cotidianas, das expectativas, aspirações, etc.

Para nós, a organização política é também o âmbito em que se vai acumulando a experiência de luta popular, tanto em nível nacional como internacional. Uma instância que impede que se dilua o saber que os explorados e os oprimidos vão adquirindo com o tempo.

## ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A organização política atua ainda como local de produção das análises conjunturais e das orientações fundamentais pertinentes. Por isso, é a organização política a instância adequada para assumir os distintos e complexos níveis de atividade, que o trabalho revolucionário pode exigir, a única instância capaz de assegurar o conjunto de recursos técnicos, materiais, políticos e teóricos, etc. que são condição indispensável de uma estratégia de ruptura.

Nossa visão da organização política é contrária às distintas formas de “vanguardismo”, de “guardiões da consciência”, enfim, de grupos auto-eleitos, que se sentem tocados pelo dedo de Deus. A organização, mantendo e promovendo o espírito de revolta, assume como próprias todas as exigências presentes e futuras de um processo revolucionário. E a partir do trabalho militante organizado, e somente a partir dele, que se pode promover coerentemente e com força redobrada a criação, o fortalecimento e a consolidação das organizações populares de base, que constituem os núcleos do poder popular revolucionário. A organização política não é uma coisa acabada, e está sujeita às influências diversas que vão exigindo adequações. Também é uma instância especial de aprendizagem em relação às lutas sociais com as quais se articula. E finalmente, no estrito âmbito da ação política (e não desconhecemos a existência de outros, mas reivindicamos o político como um âmbito separado) a FAU aspira ser a ferramenta para tornar realidade nossos princípios libertários.

## NÍVEL POLÍTICO E NÍVEL SOCIAL

O problema do poder, decisivo em uma transformação social profunda, só pode ser resolvido a nível político, através da luta política. E esta requer uma forma específica de organização: a organização política revolucionária. Só através de sua ação, enraizada nas massas, pode conseguir a destruição do aparato estatal burguês e sua substituição por mecanismos de poder popular.

A atividade política não pode ser reduzida à luta econômica, à prática sindical, ainda que esta possa conter, como efetivamente contém, elementos “políticos”. (...) Mas esta luta econômica não produz espontaneamente a luta contra o poder político como tal. (...) Por isso, o espontaneísmo, as

mobilizações espontâneas de massas, reflexo de um acúmulo de problemas sem solução que logo “estouram”, se não forem canalizados e instrumentalizados adequadamente, dificilmente transcendem ao plano político em termos de modificar as relações de poder.

A destruição do poder [burguês...] supõe a criação de uma outra ordem social, a qual exige a adoção de um outro “modelo” de organização (que implica uma ideologia) e, além disso, uma inevitável luta que implica meios técnicos, que o movimento de massas, por si, espontaneamente não pode desenvolver com êxito. Este é, em nossa época, o ensino a extrair dos grandes movimentos espontâneos de massa.

Não é possível uma insurreição, nem um processo de luta prolongada de costas ou distantes das massas. A predisposição espontânea dessas, que é função da organização política canalizar em termos de organização e desenvolver ideologicamente, tem sempre um papel absolutamente principal. Não se pode realizar uma revolução à margem ou apesar da gente. É menos construir um novo sistema social sem a adesão inicial pelo menos de um setor bastante amplo do povo.

## **LUTA POLÍTICA E IDEOLÓGICA**

Daí a necessidade de uma atividade ideológica de esclarecimento (e de dispor dos elementos necessários a ela) que não é contraditória, mas complementar a outros níveis de luta (econômico, militar, etc.). Por atividade ideológica não entendemos, obviamente, a pregação intelectual, “educacionista”, que se remete mais ou menos exclusivamente à difusão de “teoria” revolucionária, ainda que, esclareçamos, esta também possui sua importância. Atividade ideológica é algo mais que a mera difusão de conhecimentos teóricos. Os fatos, a própria prática política, são ingredientes, elementos decisivos da integração de um nível de consciência revolucionária.

Um resultado ideológico essencial firma-se em demonstrar diante do povo uma perspectiva de vitória, um caminho de esperança, de confiança na possibilidade de uma transformação profunda, revolucionária. (...) E esta função “demonstrativa” (...) é função de uma minoria politicamente organizada, com um nível ideológico, de consciência que não pode ser gerada na prática espontânea das massas. Um nível que supõe a superação do espontaneísmo.

\* Texto composto com trechos da “Carta de Princípios da FAU” e do artigo “La Organización Política es lo Decisivo” em Juan Mechoso. *Acción Directa Anarquista: una historia de FAU*. Montevideo: Recortes, s/d pp. 194-195.

\* Tradução e seleção: Felipe Corrêa

# ASPECTOS BÁSICOS DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

## Federação Anarquista Gaúcha (FAG)

A organização política dos anarquistas é uma tentativa histórica, uma necessidade de nossa ideologia e também um mecanismo para acumularmos trabalho militante e aí termos a chance de contribuir para um processo de luta e transformação social. Assim como os sindicatos livres eram a casa do trabalhador, a organização anarquista tem de ser o espaço de nossa militância. Através dela, como meio de implementar a ideologia na realidade, os anarquistas têm as condições de interferir na história e talvez, dependendo da intensidade da luta, ameaçar em sério este sistema.

Mas, construir esta organização tantas vezes falada, não é tarefa fácil. Talvez seu funcionamento, uma vez começado, seja simples. Neste primeiro momento, são necessárias mudanças na atuação militante e também na discussão coletiva, o que geralmente, acarreta algumas dificuldades. A primeira atitude é começar a definir coletivamente - sem pressa mas sempre trabalhando com prazos marcados e respeitados - acordos para o trabalho interno. Isto implica, desenvolver e caracterizar algumas ferramentas da militância política, tais como:

- Conceitos básicos para trabalhar (luta, processo, classes, povo, ideologia, sistema, dominação ....)
- Critérios de funcionamento interno ( em todos os níveis para todos os tipos de tarefas)
- Padrões para a militância, acentuando as características definidas pelo coletivo para cada militante (ex.: responsabilidade, organicidade , compromisso, autodisciplina , capacidade de formulação e convencimento, ética militante , combatividade , solidariedade, fraternidade, companheirismo ....)
- Níveis para as participações ( desde os militantes até os mais esporádicos simpatizantes )
- Capacitação do coletivo para funcionar como organização (melhorando e aprimorando os mecanismos e instâncias internas, respeitando os acordos , levando a política conjunta da organização para todas as frentes de luta, buscando a coesão organizada a partir da capacidade militante e da criatividade dos libertários...)
- Aprofundando a discussão ideológica, sabendo que teremos cada vez mais possibilidades de trabalho quanto mais acordos e discussões acumuladas tivermos.

Outro detalhe importante de lembrar, é de que todas as tarefas são de igual importância, e a designação de tarefas executivas não implica e não pode vir a implicar em nenhum privilégio. Uma organização anarquista é essencialmente igualitária, mas lembrando que igualdade significa compromisso e responsabilidade. O mesmo para as deliberações, mais participação será mais deliberação, quanto maior for o nível de compromisso, maior será a capacidade de autogestionar a luta - tanto a nível interno quanto externo.

A militância, política anarquista significa aprimorar a inserção social a cada dia, e juntamente com isso, aprimorar a organização. É uma dialética simples: mais inserção social significa mais capacidade interna, melhor capacitação interna, é a garantia de podermos disputar com outros projetos políticos da esquerda reformista/autoritária, e assim aprofundarmos nossa penetração nas necessidades básicas da população.

Cada pequeno passo é de imensa importância, pois o anarquismo trabalha com a idéia de processo e construção popular - paralelo à destruição da influência do sistema em nossas vidas; esta é a dialética da militância política libertária, lembrando que esse processo depende da vontade do ser humano e não de futuros gloriosos e inalcançáveis. A construção do processo revolucionário, neste primeiro momento passando pela construção do processo de resistência popular, é uma tarefa cotidiana de cada militante e do conjunto da organização anarquista. Tal processo, também necessita de um trajeto de construção interna, justamente onde estamos agora. Construindo a organização anarquista estaremos caminhando para outra vez estarmos a altura de nosso compromisso. Sempre tendo em mente, que somos a continuidade da luta social dos povos brasileiros e latino-americanos, somos a seqüência dos esforços de inúmeros companheiros anarquistas – daqueles que caíram de pé, generosamente oferecendo suas vidas à nossa luta libertária.

Como tantas vezes já foi dito, por mais difícil que seja o caminho da construção revolucionária, é o único coerente e honesto com nossos princípios e com nossa história.

\* Boletim Interno da FAG – nº 0 – dezembro de 1995

# **ELEMENTOS DA ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA ANARQUISTA**

**Compilação: Federação Anarquista Gaúcha (FAG)**

*Esta compilação de textos, realizada pela FAG, traz trechos de diversos autores refletindo sobre aspectos centrais do especifismo.*

## **TRECHOS DE “O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO E A LUTA OPERÁRIA E CAMPONESA” DE MIKHAIL BAKUNIN**

### **DISCIPLINA**

Para que se possa atuar é necessário que exista uma organização, e para isso é necessário prepará-la e organizá-la antecipadamente, pois não se fará por si só, nem por discussões, nem por exposições e debates de princípios, nem por assembleias populares. Por mais inimigo que seja do que na França se chama disciplina, reconheço que uma certa disciplina, não automática, mas sim refletida, é e será sempre necessária cada vez que muitos indivíduos, livremente unidos, empreendam um trabalho ou uma ação coletiva; não importa qual.

### **ALIANÇA E INTERNACIONAL**

A aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os estados; a outra, a Aliança, - tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o tomamos com toda a serenidade que exige o caso, convém o germe, mas solo em germe, todo o programa da Aliança, O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional.

### **PROGRAMA**

Nunca se deve renunciar ao programa revolucionário claramente estabelecido, nem pelo que tange à forma, nem pelo que tange a sua substância. As reticências, as meias verdades os pensamentos castrados e as complacentes atenuações e concessões de uma diplomacia covarde não são os elementos com que se formam as grandes coisas; estas só se formam em corações com espírito justo e firme, com uma finalidade claramente determinada e com uma grande valentia.

### **ESTRATÉGIA**

Sabemos que em política não há prática sincera e útil possível sem uma teoria e uma finalidade claramente determinada. Não cabe dúvida de que o número de nossos aderentes será maior se evitarmos precisar nosso real caráter. Mas já disse o provérbio que quem muito abarca mal abraça: compraríamos todas estas preciosas adesões ao preço de nossa completa aniquilação.

## PROPAGANDA

Nós, bem ou mal, conseguimos formar um pequeno partido; pequeno em relação ao número de pessoas que aderiu a ele com conhecimento de causa, mas imenso com respeito a seus aderentes instintivos, a estas massas populares cujas necessidades representamos melhor que qualquer outro partido. Agora deveremos navegar todos juntos no oceano revolucionário, e daqui para frente devemos propagar nossos princípios, não com palavras, mas com fatos, porque afinal é a mais popular, poderosa e irresistível forma de todas propagandas.

## MINORIA ATIVA

O que devem fazer as autoridades revolucionárias (e procuremos que estas sejam as menos possíveis)? O que devem fazer para estender e organizar a revolução? Não devem fazer a revolução por decreto: não devem impô-la as massas. Não devem impor a elas uma organização, seja a que for, mas, promovendo sua organização autônoma de baixo pra cima, devem trabalhar por enlace, com ajuda da influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e influentes de cada localidade, afim de que essa organização seja adequada na maior medida possível a nossos princípios.

## IDEOLOGIZAR OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Não pensem que eu estou advogando em prol da anarquia absoluta nos movimentos populares. Uma anarquia como essa não seria nada mais que a completa ausência de pensamento, de finalidade e de conduta comum, e necessariamente haveria de desembocar em uma impotência geral.

## REVOLUCIONÁRIOS POLÍTICOS

Tudo o que existe, tudo é viável se produz dentro de certa ordem, que lhe é inerente e que demonstra o que há em si. Os revolucionários políticos, os partidários da ditadura ostensiva, recomendam, uma vez que a revolução tenha obtido sua primeira vitória, o apaziguamento das paixões, a ordem, a confiança e a submissão aos novos poderes estabelecidos. Desta maneira reconstituem o estado.

## ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA

Para que se possa atuar é necessário que exista uma organização, e para isso é necessário prepará-la e organizá-la antecipadamente, pois não se fará por si só, nem por discussões, nem por exposições e debates de princípios, nem por assembleias populares. Por mais inimigo que seja do que na França se chama disciplina, reconheço que uma certa disciplina, não automática mas sim refletida, é e será sempre necessária cada vez que muitos indivíduos, livremente unidos, empreendam um trabalho ou uma ação coletiva; não importa qual.

Em tais casos a disciplina não é nada mais que a concordância voluntária e reflexiva de todos os esforços individuais rumo a um fim comum. No momento da ação, em meio à luta, os papéis se dividem naturalmente segundo as aptidões de cada um, apreciadas e julgadas por toda a coletividade: uns dirigem e mandam, e outros executam ordens. Mas nenhuma função se petrifica,

se fixa, nem permanece irrevogavelmente aderida a pessoa. A ordem e a promoção hierárquicas não existem, de maneira que o comandante de ontem pode ser o subalterno de hoje. Nesse sistema já não há, a rigor, poder. O poder se funde na coletividade e se converte em sincera expressão da liberdade de cada um, na realização fiel e seria da vontade de todos. Todos obedecem somente porque o chefe de cada dia não ordena senão o que todos querem. Tal é a disciplina verdadeiramente humana, a disciplina necessária para a organização da liberdade. A unidade viva, verdadeiramente poderosa, e a que queremos todos, é a unidade que a liberdade cria nas entranhas das diversas e livres manifestações da vida, expressando-se pela luta.

\* \* \*

## **TRECHOS DE “ANARQUISMO E ORGANIZAÇÃO” DE ERICO MALATESTA**

### **PROGRAMA E PARTIDO**

O fato de que pode existir uma coletividade organizada sem autoridade, isto é, sem coerção, sendo admitido – e os anarquistas devem admiti-lo, senão teria sentido -, nos leva à organização do partido anarquista. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem afirmar que não têm programa, ou que seu único programa é a procura da verdade; eles querem conhecer, e não agir. Entretanto o anarquismo e o socialismo não são ciências: são objetivos, projetos que os anarquistas e os socialistas querem pôr em prática e que têm necessidade de ser formulados em programas bem determinados.

### **NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO**

Basta ver o que sempre se passou entre nós: quanto menos organizados nos encontramos, mais submissos estivemos à vontade de um indivíduo. É natural que assim seja. Logo, longe de criar a autoridade, a organização é a única solução contra a autoridade e a única maneira de fazer com que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo e deixe de ser um instrumento passivo nas mãos dos chefes. Entretanto, nos dirão, uma organização supõe a obrigação de coordenar sua própria ação com a dos outros, o que viola e impede a iniciativa. Parece-nos que o que realmente priva a liberdade e torna a iniciativa impossível, é o isolamento que reduz à impotência. A liberdade não é um direito abstrato, mas a possibilidade de fazer alguma coisa: é verdade para nós e também para a sociedade em geral. É na cooperação com os outros homens que o homem encontra a razão de ser de sua atividade e de seu poder de iniciativa.

### **É POSSÍVEL ATUAR COM TODOS OS ANARQUISTAS?**

Ficariamos muito contentes se pudéssemos estar todos de acordo e unir todas as forças do anarquismo em um movimento forte, etc. É preferível estarmos desunidos que mal unidos. Mas gostaríamos de esperar que cada um una-se a seus companheiros e que não haja forças isoladas, isto é, perdidas.

\* \* \*

## **TRECHOS DE “EL PENSAMIENTO DE MALATESTA”**

### **ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA ANARQUISTA (MINORIA ATIVA)**



São as massas as que fazem a revolução, mas as massas não podem prepará-la tecnicamente. Fazem falta os homens, os grupos, os partidos, ligados por livres pactos, comprometidos ao segredo, de posse dos meios necessários que podem criar essa rede de comunicações rápidas indispensáveis para o rápido conhecimento de todos os fatos suscetíveis de provocar um movimento popular e sua rápida propagação. E quando dizemos que a organização revolucionária deve ser uma organização específica construída fora dos partidos oficiais é porque estes tem outras tarefas que excluem o segredo necessário para as coisas ilegais, mas é também, sobretudo, porque não temos confiança na vontade revolucionária dos partidos afins a nós, tal como estão hoje constituídos.

Toda idéia nova, toda instituição nova, todo progresso e toda revolução tem sido obras de minorias.

\* \* \*

## **TRECHO DE “A IDEOLOGIA ANARQUISTA” DE ERRICO MALATESTA**

### **NECESSIDADE DAS MASSAS**

Eu creio que as revoluções não se fazem sem as massas, mas é preciso começar a tomar as massas tal como são. As multidões são móveis, mas se em certo momento nos abandonam as voltaremos a encontrar quando as circunstâncias nos sejam precisas. O importante é que haja uma vontade revolucionária nas minorias mais capazes de reagir e rebelar-se com o próprio esforço contra o ambiente. O importante é formar núcleos, o mais numerosos que se possa, de acordo, mas de gente consciente, segura e abnegada, que em sua hora saibam mover as multidões.

### **LONGO PRAZO**

É preciso, portanto, em tempos normais atender ao trabalho longo e paciente de preparação e organização popular e não cair na ilusão da revolução a curto prazo, fatível só por iniciativa de poucos, sem suficiente preparação nas massas. A esta preparação, enquanto sejam possíveis em ambiente adverso, tendem entre outras coisas a propaganda, a agitação e a organização entre as massas, que não devem ser descuidadas nunca.

### **PARTIDO AUTORITÁRIO E PARTIDO ANARQUISTA**

A um partido autoritário, que procura se apropriar do poder para impor as próprias idéias, interessa que o povo siga sendo uma massa amorfa, incapaz e portanto que siga sendo sempre fácil de dominar. Por consequência, não deve desejar mais que aquele pouco de organização, e do tipo que lhe interessa, para alcançar o poder: organização eleitoral, se espera alcançá-lo por meios legais; organização militar se conta, por sua vez, com uma ação violenta.

Temos nos dado o dever de lutar contra a presente organização social e de abater os obstáculos que se opõem ao advento de uma nova sociedade em que liberdade e bem estar estejam garantidos para todos. Para alcançar este objetivo, nos unimos em partido e procuramos ser o mais numerosos e mais forte possível. Mas se só estivesse organizado nosso partido; se os trabalhadores permanecessem isolados como tantas unidades indiferentes umas das outras e unidos só por uma cadeia em comum; se nós mesmos, além de estar organizados em partido enquanto anarquistas, não estivéssemos organizados com os trabalhadores enquanto trabalhadores, não poderíamos conseguir nada, ou no melhor dos casos não poderíamos nos impor...e então já não haveria triunfo do

anarquismo mas um triunfo nosso. Por muito que nos chamássemos anarquistas, na realidade não seríamos mais que simples governantes e seríamos impotentes para o bem como são todos os governantes.

## O NÍVEL SOCIAL

Como anarquistas devemos nos organizar, entre gente perfeitamente convencida e de acordo entre si, e entorno de nós devemos organizar, em associações amplas, abertas, a maior quantidade possível de trabalhadores, aceitos como são e nos esforçando para fazê-los progredir o máximo que podemos.

## MEIOS E FINS

Não basta desejar uma coisa: se sequer obtê-la de verdade tem que se empregar os meios adequados para consegui-la. E estes meios não são arbitrários, senão que derivam necessariamente do fim que se aponta e das circunstâncias em que se luta, já que enganando-se a respeito da escolha dos meios não se chegaria ao fim proposto mas a outro, talvez oposto, que seria consequência natural e necessária dos meios empregados.

\* \* \*

## TRECHOS DE “A ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA” DE LUIGI FABBRI

### ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA

Por organização entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos em si, sobre a base de idéias comuns e de um trabalho prático comum a realizar.

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com idéias e métodos que não são os nossos e, conseqüentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.

É preciso reconhecer que a organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de idéias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que se pode dispor.

### PARTIDO ANARQUISTA E PROGRAMA

Assumimos o nome porque ele precisa a nossa idéia e as nossas proposições, porque ele possui o valor de um programa. Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união pré-estabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puseram-se de acordo em torno de um programa de idéias e métodos.

Todos aqueles que o aceitam formam a organização cujo programa foi assim auto-estabelecido, sejam eles grupos ou indivíduos; cada grupo e cada federação decide, através de sua correspondência, dos jornais, dos congressos, etc., a maneira pela qual concordam para desenvolver a ação comum, as formas de organização federal e os grupos e modalidades internas.

## ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA ANARQUISTA E “MOVIMENTO ANARQUISTA”

Entretanto, organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendemos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas idéias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.

### POR QUE SE ORGANIZAR ESPECIFICAMENTE?

Os anarquistas que estão organizados sabendo já o que fazem pois as próprias formas exteriores os lembram constantemente que estão associados, que discutem do seu ponto de vista toda a proposição, venha de onde venha, estão menos expostos as surpresas. Justamente porque a união faz a força, eles podem opor uma maior força de resistência as sugestões dos camaradas mais inteligentes, mais simpáticos ou mais ativos. Eles sabem se organizar e é reconhecidamente mais difícil manipular uma massa de pessoas conscientes de sua situação, do que uma numerosa quantidade de inconscientes.

A organização anarquista deve ser a continuação de nossos esforços e da nossa propaganda; ela deve ser a conselheira libertária que nos guia em nossa ação de combate cotidiano. Podemos nos basear em seu programa para difundir a nossa ação em outros campos, em todas as organizações especiais de lutas particulares nas quais possamos penetrar e levar nossa atividade, por exemplo nos sindicatos... Nossa organização especial pode servir igualmente como um terreno para a concentração anarquista (não de centralização!), como um campo de acordo, de entendimento e de solidariedade a mais completa possível entre nós.

### PROGRAMA

Para que exista coerência entre teoria e prática, é preciso antes de mais nada que seja definido o programa teórico, nos limites do qual a prática se apóie para não contradizê-lo.

### ORGANIZAÇÃO

A organização não é um órgão consciente em si, que guie os seus membros; são estes membros que a fazem segundo seus próprios critérios teóricos e práticos. A organização não pode transformar anarquistas em não-anarquistas, mas sim os anarquistas que mudando-se a si mesmos podem transformar uma organização anarquista em autoritária.

### MAIORIA E MINORIA

Muitos nos objetam que toda coletividade é suscetível de dividir-se em maioria e minoria, e que, em muitos casos a organização fará com que a minoria deva submeter-se a maioria. Nós, ao contrário, não admitimos dominações deste tipo, e por isso não damos nem a maioria nem a minoria o direito e os meios de poder se impor.

Certamente uma divisão de pontos de vista e de opiniões podem surgir. Se a discórdia brota das idéias e da tática fundamental, é preciso que as duas partes se separem, pois elas constituem, a partir de então, dois partidos distintos. Foi desta forma que nós, anarquistas, quando a diferença apareceu como irremediável e muito grande, separamo-nos dos socialistas autoritários no seio da Internacional.

Se for no próprio seio da organização que o desacordo surgir, que a divisão entre maioria e minoria aparecer por questões secundárias, sobre modalidades práticas ou sobre casos especiais, então não se pode acusar de incoerência nenhuma parte nem outra; então poderá ocorrer com maior ou menor facilidade que a minoria se incline a fazer conforme a maioria. Mas, como esta condescendência somente pode ser voluntária, todo o caráter de autoridade e coerção está ausente. É natural que sejam os menos numerosos que cedam pois mesmo estes serão de opinião de que é preferível, para a economia geral das forças, que seja uma minoria e não uma maioria quem suporte um dado inconveniente.

## ORGANIZAÇÃO E DELEGAÇÃO

Em toda a convivência existe divisão de trabalho entre os associados; alguns deles devem se encarregar de funções sociais necessárias e úteis a todos. Tais funções possuem hoje em dia um caráter autoritário porque são exercidas em grande parte por organismos autoritários, mas não são em si a autoridade.

Creio que nenhum anarquista sustentará que em anarquia se deva abolir o serviço postal ou o ferroviário somente pelo fato de que hoje os correios e estradas de ferro são geridos de maneira infame pelo estado capitalista. O que vale para a sociedade futura vale para as organizações anarquistas, que delegam a alguns de seus membros responsabilidades para cumprir uma função determinada e não para exercer um poder. Delegação de função e não delegação de poder. Não se pode fazer mais do que delegação de função no momento em que em certo círculo não podem todos os camaradas ser ao mesmo tempo o tesoureiro e o secretário, da mesma forma de que não podem todos por-se a realizar uma função para qual basta o trabalho de um só.

A necessidade de tais mandatos amplia-se e torna-se mais forte quando a organização é maior e os seu campo de atividade mais amplo. Mas basta que os delegados não possam agir em nome da associação a não ser quando seus membros lhes tenham explicitamente autorizado; eles devem executar somente aquilo que os associados decidiram e não ditar aos associados o rumo a seguir.

Se algum germen de autoridade pode se personificar nestes representantes da associação este seria uma autoridade moral, sem perigo de que possa se transformar em autoridade coercitiva de fato. E um tal tipo de autoridade assim surgida nunca seria tão forte como aquela que um companheiro ativo e inteligente pode desenvolver em um meio desorganizado.

\* \* \*

## TRECHOS DE “MANIFIESTO COMUNISTA LIBERTÁRIO” DE GEORGE FONTENIS

### ORGANIZAÇÃO DE VANGUARDA

Há uma concepção que postula que a iniciativa espontânea das massas basta para fazer possível a revolução. Tal mito leva a uma demagogia populista, a apologia da rebelião sem princípios, eventualmente reacionária, a inação e a capitulação.

Em oposição a isto, encontramos uma concepção puramente voluntarista que atribui a iniciativa revolucionária unicamente a organização de vanguarda. Esta idéia contém, de fato, o germe da contra-revolução estatista e burocrática.

Próxima a idéia da espontaneidade, vemos uma teoria afim no qual a organização de massas, sindicatos por exemplo, não só são auto-suficientes, senão que suficientes para tudo.

Longe do espontaneísmo, do voluntarismo e do empirismo, destacamos a necessidade da organização anarquista revolucionária específica, concebida como a vanguarda consciente e ativa das massas populares.

## ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA E MOVIMENTO DE MASSAS

A vanguarda revolucionária, certamente, exerce um rol de guia e liderança em relação ao movimento de massas. A organização revolucionária deve sua criação ao fato de que a maioria dos trabalhadores conscientes sentem sua necessidade, quando se confrontam com o processo desigual e coesão inadequada das massas. O que deve ficar claro é que a organização revolucionária não deve constituir um poder sobre as massas. Seu papel de guia deve ser concebido como a formulação, a expressão de uma orientação ideológica, organizativa e tática; orientação que deve ser precisada, elaborada e adaptada com base nas aspirações e experiências das massas. A função diretiva da organização revolucionária, sem nenhum meio coercitivo, só pode se manifestar em seu esforço por fazer triunfar sua ideologia, intentando que as massas populares se impregnem profundamente de seus princípios teóricos e de suas diretrizes táticas. É uma luta através das idéias e do exemplo. A vanguarda deve se dar por tarefa o desenvolvimento da responsabilidade política direta das massas, sua meta é o desenvolvimento da capacidade de auto-organização das massas. Esta concepção da “direção” é de uma só vez natural e educativo. Do mesmo modo, os militantes melhor preparados e mais maduros no interior da organização, tem o rol de guiar e de educar aos outros membros, para que todos fiquem bem informados e alertas, tanto no terreno teórico como prático, para que todos possam ser protagonistas em seu turno.

Se a minoria ativa se separa das massas, então não pode exercer sua função e se transforma em uma seita ou em uma classe.

Em última instância, a minoria revolucionária não pode ser mais que um servente dos oprimidos. Tem enormes responsabilidades, mas nenhum privilégio.

Sejam quais sejam as circunstâncias, a minoria nunca deve esquecer que seu objetivo final é desaparecer e se fundir nas massas quando estas alcancem seu maior grau de consciência, durante a realização revolucionária.

Na prática há duas formas em que a organização revolucionária pode influenciar as massas: está o trabalho em organizações de massas estabelecidas e está o trabalho na propaganda direta. Este segundo tipo de atividade toma lugar através de periódicos e revistas, campanhas reivindicativas e de agitação, debates culturais, ações solidárias, protestos, conferências e comícios públicos. Este trabalho direto é essencial para ganhar forças e para conquistar certa parcela de opinião pública, que seria de outro modo inacessível.

## A INFLUÊNCIA DO NÍVEL POLÍTICO NO NÍVEL SOCIAL

No interior das organizações de massas, sociais e econômicas, a influência deve ser exercida e fortalecida não através de um sistema de decisões externas, senão que através da presença ativa e coordenada dos militantes anarquistas nelas.

Este trabalho de inserção deve transformar a organização específica de minoritária a majoritária, ao menos desde o ponto de vista da influência.

Também deve ser evitada qualquer monopolização, seja concentrando todas as atividades da organização específica sobre a organização de massas, seja atribuindo inteiramente a direção da organização de massas a membros da organização específica, o que apartaria outras opiniões. Cabe ressaltar aqui que a organização específica deve promover e defender nos organismos de massas, não só um funcionamento e uma estrutura democráticas e federalistas, mas além do mais uma estrutura “aberta”, isto é, que facilite o acesso a estas organizações de todos os elementos que todavia não estão organizados, com o fim de que estas organizações adquiram novas forças sociais, estendam seu caráter representativo e permitam a organização específica ter o maior contato possível com as massas.

## UNIDADE TÁTICA

Mas no que respeita as questões de tática, o problema é diferente. Pode se buscar a unanimidade, mas só até certo limite, se, para conciliar as distintas posições, haja que renunciar a tomada de decisão: os acordos evasivos transformam a organização em uma casca vazia, sem substância nem utilidade, já que a organização tem por objetivo a coordenação das forças até uma meta comum. Então, quando todos os argumentos para as diferentes propostas tem sido feitos, quando a discussão não pode continuar sendo frutífera, quando as opiniões similares que concordavam em princípio tem se fusionado e ainda fica uma oposição irreduzível entre as táticas propostas, então a organização deve encontrar uma saída. E para isso, só há quatro possibilidades:

- a) Não decidir nada, rechaçar a ação, perdendo a organização, assim, toda razão para existir .
- b) Aceitar as diferenças táticas e deixar cada um com sua própria postura. A organização pode aceitar isto em certos casos, em certos pontos que não sejam de crucial importância.
- c) Consultar a organização por um voto que permita determinar uma maioria, a minoria aceitaria calar seu ponto de vista na ação pública, mas poderia seguir o debate no seio da organização, estimando que com o tempo, se sua posição é mais acertada com a realidade, acabará por triunfar. Tem se reprovado as vezes neste método sua falta de objetividade, ao considerar que os números não refletem sempre a verdade, e que as maiorias não tem sempre razão, mas é o único método possível. Além do mais, não apresenta tendências coercitivas, já que só pode ser aplicado ao ser aceito por todos os membros da organização, e ao ser aceito pela minoria como uma necessidade, permitindo assim experimentar as proposições táticas aceitadas.
- d) Quando nenhum acordo entre a maioria e a minoria se mostre possível em algum assunto crucial, o qual demande que a organização tome posições, há, natural e inevitavelmente, um fracionamento.

Em todos os casos, a meta é a unidade tática, e se não se tente alcançar isto, então as discussões não são efetivas e as confrontações, infrutuosas. É por isso que a primeira solução possível, não dizer nada, tem de ser rechaçada em qualquer caso, e a segunda, admitir várias táticas distintas, só pode ser um fato excepcional.

Seguramente, é só nos encontros, onde toda a organização está representada (conferencias, congressos, etc...), nos quais podem se decidir a linha tática a seguir.

## **TRECHO DE “DECLARACIÓN DE PRINCÍPIOS” DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA**

### **ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA ANARQUISTA (NÍVEL POLÍTICO)**

A FAU pretende ser expressão política dos interesses das classes exploradas e os grupos dominados, e se põe a serviço dos mesmos, é um motor das lutas sociais.

Um motor que nem as substitui nem as representa. Que sim, pretende dinamizá-las e organizá-las, superar seu mero aspecto espontâneo, transcender os vaivens da conjuntura e assegurar continuidade as rebeldias, as lutas cotidianas, as expectativas e aspirações, etc.

Para nós, a Organização política é também o âmbito onde vai se acumulando a experiência da luta popular, tanto a nível nacional como internacional. Uma instância que impede que se dilua o saber que os explorados e oprimidos vão adquirindo através do tempo.

A Organização Política atua também como o cenário de produção das análises conjunturais e das orientações fundamentais pertinentes. Por isso, é a Organização política a instância adequada para assumir os distintos e complexos níveis de atividade que pode exigir o trabalho revolucionário, a única instância capaz de assegurar o conjunto de recursos técnicos, materiais, políticos, teóricos, etc. que são condição indispensável para uma estratégia de ruptura.

\* \* \*

## **TRECHOS DE “SINDICALISMO Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL” DE CHEMA BERRO E JOSÉ MARIA OLAIZOLA.**

### **CONVENCIMENTO E PARTICIPAÇÃO**

As atuações empurradas a força são difíceis de manter e podem nos levar a situações que não controlaremos e que não farão senão nos prejudicar. O convencimento e a participação não podem ser substituídos pela coerção, e a utilização desta, se não é em casos muito concretos e pontuais e respaldada por uma maioria forte, costuma ser sintoma de debilidade. Inclusive nestes casos, se temos ganhado essa maioria, o normal seria que seja ela a que exerça, e a coerção da maioria sempre tem recursos para ser mais suave e adequada.

\* \* \*

## **TRECHO DE “SOBRE A DISCIPLINA REVOLUCIONÁRIA” DE NESTOR MAKHNO**

### **DISCIPLINA REVOLUCIONÁRIA**

Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada.

Ela deve ser a linha de conduta responsável dos membros desse coletivo, induzindo a um acordo estrito entre sua prática e sua teoria.

Sem disciplina na organização, é impossível empreender qualquer ação revolucionária séria. Sem disciplina, a vanguarda revolucionária não pode existir, porque então ela se encontrará em completa

desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas.

Porque os anarquistas “de todo estilo e de todas as tendências” não representavam, mesmo em seus grupos específicos, um coletivo homogêneo, com uma disciplina de ação bem definida, não puderam suportar o exame político e estratégico que lhes impuseram as circunstâncias revolucionárias.

\* \* \*

## **TRECHOS DA “PLATAFORMA ORGANIZACIONAL” DO DIELO TROUDA**

### **DESORGANIZAÇÃO NO ANARQUISMO**

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos.

No entanto, sem sombras de dúvidas, esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo, sendo esta teoria freqüentemente confundida com a total falta de responsabilidade.

Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem formada é um sinal de vida e desenvolvimento.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim as infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

### **MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO**

Não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação.

Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a idéia de criar uma organização baseada na receita da “síntese”, que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O único método que leva à solução do problema de organização geral é, do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo.

### **PRINCÍPIOS DA ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA**

Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de Anarquistas são os seguintes:



Unidade Teórica: a teoria representa a orça que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral.

Unidade Tática ou Método Coletivo de Ação: uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias que se opõem entre si, concentra as forças do movimento, oferece à elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

Responsabilidade Coletiva: as áreas da vida revolucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A união toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária da União como um todo.

Federalismo: o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas.

\* \* \*

## **TRECHOS DE “O VELHO E O NOVO NO ANARQUISMO” DE PIOTR ARSHINOV**

### **FORMA ADEQUADA DE ORGANIZAÇÃO**

A pergunta para os anarquistas de todos os países é a seguinte: nosso movimento pode contentar-se em subsistir na base de velhas formas de organização, de grupos locais que não tem vínculo orgânico entre eles, cada um agindo do seu lado de acordo com sua ideologia particular e com sua prática particular? Ou nosso movimento deve ter recursos para novas formas de organização que irão ajudá-lo a se desenvolver e a arraigá-lo entre uma vasta massa de trabalhadores?

A organização anarquista não será possível se não existir um acordo teórico e organizacional, constituindo uma plataforma comum em que milhares de militantes possam reunir-se. À medida que aceitarem essa plataforma, ela deve ser obrigatória para todos. Aqueles que não reconhecem esses princípios básicos não podem se tornar, e ademais eles mesmos não iriam querer, tornar-se membros da organização.

Dessa forma, essa organização será a união daqueles que terão uma concepção comum de uma linha teórica, tática e política a ser realizada.

### **RESPONSABILIDADE COLETIVA**

É isso o que caracteriza a responsabilidade coletiva: toda a União é responsável pela atividade de cada membro, sabendo que eles realizarão seu trabalho político e revolucionário no espírito da União. Ao mesmo tempo, cada membro é inteiramente responsável por toda a união, enxergando que sua atividade não será contrária aquela elaborada por todos os seus membros. Isso não significa autoritarismo, como o companheiro Malatesta afirma com firmeza, mas é a expressão de um entendimento consciente e responsável do trabalho militante.

É por isso que ele só confere a assembléias e suas resoluções o papel de uma espécie de conversa entre amigos, na qual se pronunciam somente desejos platônicos.

Na verdade, qual seria o valor de uma assembléia se ela tivesse somente “opiniões”, e não trouxesse fatos que pudessem ser realizados na vida real? Nenhum. Em um movimento vasto, uma responsabilidade unicamente moral e não-organizacional.

\* Os subtítulos foram colocados pelos organizadores deste programa de formação.

# CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

## Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)

A organização específica anarquista utiliza, tanto para seu funcionamento interno quanto externo, a lógica do que chamamos “círculos concêntricos” – fortemente inspirada no modelo organizacional bakuninista. O principal motivo de adotarmos esta lógica de funcionamento é porque, para nós, a organização anarquista precisa prever diferentes instâncias de atuação. Estas diferentes instâncias devem potencializar seu trabalho permitindo, ao mesmo tempo, reunir militantes preparados e com alto grau de compromisso, e aproximar pessoas simpáticas à teoria ou prática da organização – que podem ser mais ou menos preparadas, mais ou menos compromissadas. Em suma, os círculos concêntricos buscam resolver um importante paradoxo: a organização anarquista precisa ser fechada o suficiente para ter militantes preparados, compromissados e alinhados politicamente; e aberta o suficiente para aproximar novos militantes.

Grande parte dos problemas que acontece nas organizações anarquistas se dá por elas não funcionarem pela lógica dos círculos concêntricos e por não preverem estas diversas instâncias de atuação. Uma pessoa que se diz anarquista e que se interessa pelos trabalhos da organização, apesar de não conhecer em profundidade a linha política deve estar na organização? Um leigo, interessado nas idéias anarquistas deve estar na organização? Como se relacionar com “libertários” – no conceito mais amplo do termo – que não se dizem anarquistas? Eles devem estar na organização? E os membros mais velhos, que já desenvolveram trabalhos importantes, mas que hoje querem estar próximos, mas não se dedicam às atividades permanentes da organização? E aqueles que só podem dedicar um raro tempo para a militância? As questões são muitas. Outros problemas acontecem por haver dúvidas na realização do trabalho social. A organização deve se apresentar como uma organização anarquista nos movimentos sociais? No trabalho social, ela pode fazer alianças com outros indivíduos, grupos e organizações que não são anarquistas? Neste caso, quais são os pontos em comum para se defender? Como realizar o trabalho social em um campo com pessoas de ideologias diferentes, mantendo a identidade anarquista? Como fazer para o anarquismo não perder sua identidade quando em contato com os movimentos sociais? Neste ponto também há muitas questões.

Os círculos concêntricos têm por objetivo proporcionar um lugar claro para cada um dos militantes e simpatizantes da organização. Além disso, buscam facilitar e potencializar o trabalho social da organização anarquista; e finalmente, estabelecer um fluxo para a captação de novos militantes.

Na prática, a lógica dos círculos concêntricos se estabelece da forma seguinte. Dentro da organização específica anarquista só estão anarquistas que, em maior ou menor medida, podem elaborar, reproduzir e aplicar a linha política da organização, internamente, nas frentes e atividades públicas. Também em maior ou menor medida, os militantes devem poder auxiliar na elaboração da linha estratégica-tática da organização, assim como ter capacidade plena de reproduzi-la e aplicá-la. Na organização, os militantes assumem funções internas – sejam elas executivas, deliberativas ou extraordinárias – e também externas, no que diz respeito ao trabalho social. As funções assumidas pelos militantes dentro da organização obedecem à autogestão e ao federalismo, ou seja, às decisões horizontais, em que todos os militantes têm o mesmo poder de voz, de voto, e que, em casos específicos, há a delegação com mandato imperativo. As funções a serem realizadas pelos delegados devem ser muito bem definidas, para que eles “não possam agir em nome da associação a não ser quando seus membros lhes tenham explicitamente autorizado; eles devem executar somente aquilo que os associados decidiram e não ditar aos associados o rumo a seguir”<sup>8</sup>. Além disso, as

---

<sup>8</sup> Luigi Fabbri. “A Organização Anarquista”. In: *Anarco-Comunismo Italiano* p. 124.

funções devem buscar uma certa rotatividade, que terá por objetivo habilitar a todos e evitar posições ou funções cristalizadas.

A organização específica anarquista pode ter somente um círculo de militantes, estando todos eles na mesma instância, ou ter mais de um círculo, sendo os critérios definidos coletivamente e podendo ser, por exemplo, o tempo em que a pessoa está na organização ou sua condição de elaboração das linhas política ou estratégica-tática. Assim, os militantes mais novos ou com menos condições de elaboração das linhas podem estar em um círculo mais externo (distante) e os militantes mais experientes, com mais condições de elaboração das linhas em outro mais interno (próximo). Não há hierarquia entre os círculos, mas a idéia é que quanto mais “para dentro”, ou quanto mais próximo, está o militante, mais condições ele tem de formular, compreender, reproduzir e aplicar as linhas da organização. Quando mais “para dentro” está o militante, maior é o seu nível de compromisso e mais ele delibera. Quanto mais ele se oferece para a organização, mais ele é cobrado por ela. São os militantes que decidem este seu nível de compromisso e, baseado nesta escolha, eles participam ou não das instâncias de deliberação. Assim, os militantes escolhem o quanto querem se comprometer e, quanto mais eles se comprometerem, mais eles decidirão. Quanto menos eles se comprometerem, menos eles decidirão.

Isso não significa que a posição dos mais comprometidos vale mais do que a dos menos comprometidos. Significa que eles participarão de instâncias decisórias diferentes. Por exemplo: os mais comprometidos participarão com voz e voto dos Congressos, que definirão as linhas política e estratégica da organização; os menos comprometidos não participarão dos Congressos, ou participarão somente como ouvintes, e participarão das assembléias mensais onde as táticas e aplicações práticas das linhas são definidas.

Assim, dentro da organização específica anarquista pode haver um ou mais círculos, que devem ser sempre definidos pelo nível de compromisso dos militantes. Em caso de haver mais de um nível, isso deve estar claro para todos, e os critérios para mudança de nível disponível para os militantes. É, portanto, o militante que escolhe onde ele quer estar.

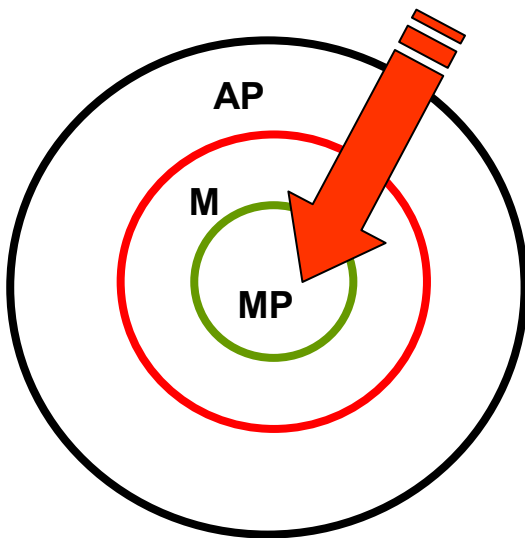
O próximo círculo, mais externo e distante do núcleo da organização anarquista, já não faz parte da organização, mas possui uma importância fundamental: o nível dos militantes de apoio. Esta instância busca agrupar todas as pessoas que possuem afinidades ideológicas com a organização anarquista. Os militantes de apoio são responsáveis por auxiliar a organização em seus trabalhos práticos, como por exemplo: na edição de panfletos, periódicos ou livros; na divulgação de material de propaganda; no auxílio no trabalho de produção de teoria ou de análises de conjuntura; na realização de atividades práticas para o trabalho social: atividades comunitárias, auxílio nos trabalhos de formação, atividades de logística, auxílio na organização dos trabalhos, etc. Esta instância de apoio é onde as pessoas que possuem afinidades com a organização anarquista e seus trabalhos têm contatos com outros militantes, podem aprofundar o conhecimento sobre a linha política da organização, conhecer melhor as atividades realizadas, aprofundar sua visão do anarquismo, etc.

Portanto, a instância de apoio possui a importante função de auxiliar a organização anarquista a colocar em prática as suas atividades, buscando aproximar os interessados. Esta aproximação tem como objetivo futuro que alguns destes militantes de apoio tornem-se militantes da organização. A organização específica anarquista aproxima o maior número possível de militantes de apoio e, no trabalho prático, identifica aqueles que se interessam em entrar na organização e que possuem um perfil adequado para a militância. A proposta de entrada na organização pode ser feita dos militantes da organização para os militantes de apoio e vice-versa. Mesmo sendo cada militante que escolhe nível de compromisso que quer ter com a organização e onde quer estar, o objetivo da organização anarquista é sempre ter o maior número de militantes nos círculos mais internos, com maior nível

de compromisso.

Vamos dar um exemplo prático: suponhamos que uma organização tenha deliberado trabalhar, internamente, com dois níveis de compromisso – ou dois círculos. Quando os militantes são novos, ingressam em um nível de “militante” e quando se passam seis meses e o militante está preparado e comprometido, ele passa ao nível de “militante pleno”. Vamos supor também que esta organização resolva ter um nível de militantes de apoio. O objetivo da organização será aproximar o maior número possível de militantes de apoio e, com base na afinidade de cada um com a organização, passá-los ao nível de militante e, depois de seis meses, estando preparados, ao nível de militante pleno. Ilustremos como isso pode funcionar na prática.

## Fluxo de militantes



Sendo AP o nível de militantes de apoio, M de militantes e MP de militantes plenos, o objetivo é o fluxo apontado pela flecha vermelha. Passar de AP para M e de M para MP. Quem tiver interesse, segue este fluxo e quem não tiver, fica onde achar melhor. Por exemplo, se uma pessoa quer dar auxílios esporádicos, e não mais do que isso, pode querer ficar sempre em AP. A questão aqui é que toda vontade de trabalho de pessoas afins deve ser aproveitada pela organização. Não é porque uma pessoa tem pouco tempo, ou porque prefere ajudar de vez em quando que ela deve ficar afastada. Dentro de uma organização específica anarquista, deve haver lugar para todos os que querem contribuir. “O critério de seleção que nunca falha são os feitos. A aptidão e a eficácia do militante são medidas, fundamentalmente, pelo entusiasmo e a aplicação com que desempenha suas tarefas.”<sup>9</sup>

A lógica dos círculos concêntricos exige que cada militante e a própria organização tenham muito bem definidos os direitos e deveres de cada um dos níveis de compromisso. Isso porque não é justo que alguém tome decisões sobre aquilo que não vai cumprir. Um militante de apoio, que frequenta as atividades uma vez por mês e faz contribuições esporádicas, por exemplo, não pode deliberar sobre regras ou atividades que terão de ser cumpridas ou realizadas diariamente, visto que ele estará deliberando algo muito mais para os outros militantes do que para si mesmo.

É uma prática muito comum em grupos libertários, pessoas que possuem contribuições esporádicas decidirem sobre questões que quem acaba cumprindo ou realizando são os membros com contribuições mais permanentes. É muito fácil para um militante que aparece de vez em quando querer definir, por exemplo, a linha política da organização, já que não é ele que terá de seguir esta

<sup>9</sup> Juan Mechoso. *Acción Directa Anarquista: una historia de FAU*. Montevideo: Recortes, s/d p. 199. As citações do livro de Mechoso referem-se a documentos da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU).

linha na grande maioria do tempo.

Estas são formas desproporcionais de tomada de decisão em que uns acabam deliberando algo para que outros realizem. No modelo dos círculos concêntricos, buscamos um sistema de direitos e deveres de forma que cada um tome decisões dentro daquilo que poderá e deverá cumprir depois. Assim, é normal que os militantes de apoio deliberem somente sobre aquilo que eles mesmos poderão realizar. Da mesma forma, é normal que os militantes da organização deliberem sobre aquilo que irão realizar. Desta maneira, tornamos proporcionais as deliberações e seus cumprimentos e isso implica que a organização tenha critérios claros de entrada, definindo bem quem faz e quem não faz parte dela, e em que nível de compromisso estão os militantes.

Um importante critério de entrada é que todos os militantes que entrarem na organização devem concordar com sua linha política. Para isso, a organização anarquista deve possuir material teórico que explicita esta linha – de maneira menos aprofundada para quem ainda não é membro da organização e de maneira mais aprofundada para militantes. Quando alguém se interessa pelo trabalho da organização anarquista, mostrando interesse de aproximação, deve-se colocar esta pessoa como militante de apoio, passando a dar a ele o acompanhamento necessário. Como militante de apoio, depois de conhecer a linha política de maneira um pouco mais aprofundada, e de possuir afinidades com os trabalhos práticos da organização, a pessoa pode mostrar interesse em ingressar na organização ou a organização pode manifestar seu interesse para que este militante de apoio seja um militante. Em ambos os casos, o militante de apoio deve receber acompanhamento permanente da organização anarquista, que lhe passará material teórico que aprofunde sua linha política. Um ou mais militantes que conheçam bem esta linha discutirão, debaterão dúvidas, farão esclarecimentos. Havendo acordo do militante de apoio com a linha política da organização, e havendo acordo de ambas as partes, o militante integra a organização. É importante que em um período inicial cada novo militante tenha um acompanhamento de um outro antigo, que o orientará e preparará para o trabalho. De qualquer forma, a organização anarquista deve sempre preocupar-se com a formação e o acompanhamento dos militantes de apoio e militantes, de forma que isso possa permitir-lhes mudar de nível de compromisso, se assim quiserem.

Esta mesma lógica dos círculos concêntricos funciona para o trabalho social. Por meio dela, a organização anarquista se articula para realizar o trabalho social da maneira mais adequada e efetiva. Como vimos, internamente a organização anarquista se divide em frentes, para a realização do trabalho prático. Para esta realização, há organizações que preferem estabelecer relações diretas com os movimentos sociais. Há outras que preferem apresentar-se por uma organização social intermediária, que podemos chamar de agrupamento de tendência.

Participar da tendência supõe aceitar um conjunto de definições que podem ser compartilhadas por companheiros de diversas origens ideológicas, mas que compartilham certas exclusões (a dos reformistas, por exemplo) imprescindíveis, se se procura obter um mínimo de verdadeira coerência operacional. (...) Os agrupamentos de tendência coordenados entre si e enraizados nos setores mais combativos do povo (...) são um nível superior ao anterior [o nível de massas].<sup>10</sup>

O agrupamento de tendência coloca-se então entre os movimentos sociais e a organização específica anarquista, reunindo militantes de ideologias distintas que possuem afinidades em relação a algumas questões práticas.

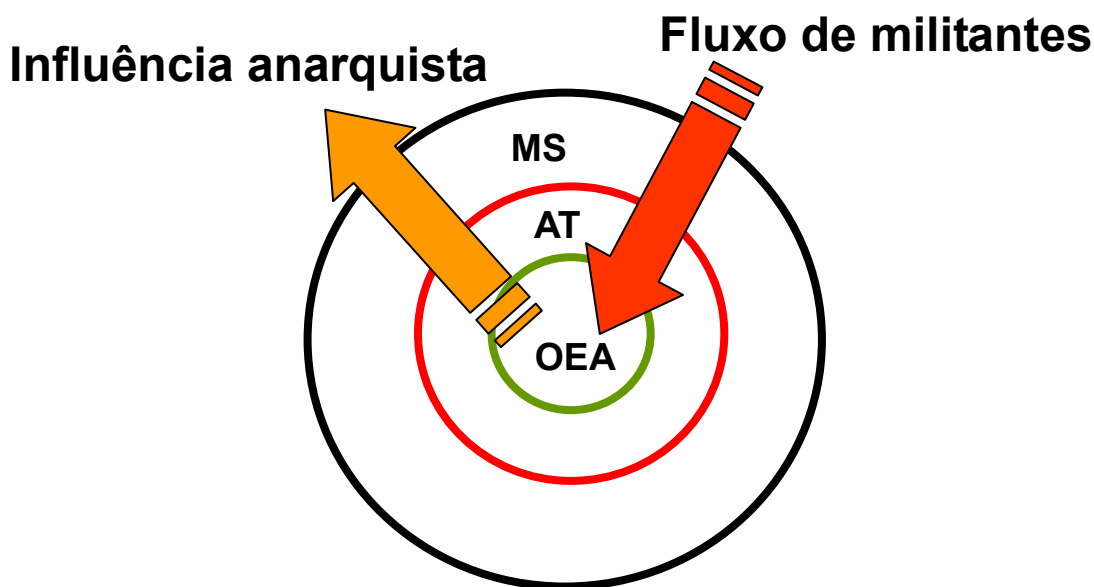
Como enfatizamos, há organizações anarquistas preferem apresentar-se diretamente nos movimentos sociais, sem a necessidade dos agrupamentos de tendências, e outras preferem apresentar-se por meio deles. Em ambos os casos há pontos positivos e negativos e cada organização deve definir a melhor forma atuar. Como os pontos de vista que defendemos nos

---

<sup>10</sup> *Ibidem*. pp. 190; 192.

movimentos sociais são muito mais práticos do que teóricos, pode ser interessante trabalhar com um agrupamento de tendência, agregando nele pessoas que concordam com algumas ou todas as posições que defendemos nos movimentos sociais (força, classismo, autonomia, combatividade, ação direta, democracia direta e perspectiva revolucionária) e que nos ajudarão a aumentar a força social na defesa destas posições.

Da mesma forma que no esquema acima, a idéia é que a organização específica anarquista busque inserção neste nível intermediário (agrupamento de tendência) e, por meio dele, apresente-se, realize seu trabalho nos movimentos sociais buscando inserção social. Ilustremos novamente como isso funciona na prática.



Sendo OEA a organização específica anarquista, AT o agrupamento de tendência e MS o movimento social, haverá dois fluxos.

O primeiro, da influência da OEA, que buscará se dar no AT e deste no MS. Vejamos alguns exemplos práticos. A organização anarquista que desejar atuar em um sindicato poderá compor uma tendência com outros militantes do movimento sindical que defendam algumas bandeiras específicas (perspectiva revolucionária, ação direta, etc.) e por meio desta tendência, influenciar o movimento sindical, ou o sindicato em que se atua. Ou então, a organização anarquista deseja trabalhar com o movimento sem-terra e para isso, reúne no agrupamento de tendência pessoas que defendem posições semelhantes no movimento social (autonomia, democracia direta, etc.). Por meio deste agrupamento de tendência, a organização específica anarquista atua no movimento sem-terra e, assim, busca influenciá-lo.

Esta forma de organização objetiva resolver um problema muito comum que encontramos na militância. Quando, por exemplo, conhecemos militantes muito dedicados, revolucionários, que defendem a autogestão, autonomia, democracia de base, democracia direta, etc. e deixamos de atuar com eles por não serem anarquistas. Estes militantes podem atuar com os anarquistas nos agrupamentos de tendência e defender juntos suas posições nos movimentos sociais.

O segundo fluxo que está no desenho mostra o objetivo do fluxo de militantes. Ou seja, neste esquema de atuação, o objetivo é levar as pessoas do movimento social que tenham afinidades práticas com os anarquistas para dentro dos agrupamentos de tendência e dentro dele, aproximar da organização anarquista aqueles que possuem afinidades ideológicas. Da mesma forma que no esquema anterior, se um militante possui grandes afinidades práticas com os anarquistas, mas não é

anarquista, ele deve ser membro da tendência e será fundamental para a realização do trabalho social. Se ele possui afinidades ideológicas, poderá se aproximar ou mesmo integrar a organização.

O objetivo da organização anarquista não é transformar todos os militantes em anarquistas, mas saber trabalhar com cada um dos militantes, da maneira mais adequada. Havendo interesses mútuos (do movimento social para a tendência ou da tendência para a organização anarquista) os militantes podem modificar suas posições nos círculos. Não havendo, cada um atua onde achar mais pertinente.

\* Este artigo é um trecho de *Anarquismo Social e Organização*.